

DANILO QUEIROZ

# O JOGO DO ENGANADOR



EDITORA  
*Sinna* 

# *O JOGO DO ENGANADOR*

DANILO QUEIROZ



Título: O JOGO DO ENGANADOR

Copyright © 2017 por EDITORA SINNA

AUTOR: DANILO QUEIROZ

1ª edição

Rio de Janeiro – RJ

Literatura nacional, Ficção, Suspense ou Thriller de conspiração.

Obra registrada.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução ou transmissão de qualquer parte deste livro sem prévia autorização escrita pela Editora.

# ÍNDICE

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[JOGO DO ENGANADOR](#)

# AGRADECIMENTOS

Sinceramente, acho que a parte dos agradecimentos é o trecho mais complicado que produzirei. São muitas pessoas a quem agradecer, desde o início deste projeto que, em 2012, nos seus estados iniciais era só um devaneio, um lampejo passageiro. Graças a elas nunca desisti, pois me fizeram acreditar que era possível terminar um livro – e, eventualmente, tornar-me um autor publicado. Tudo isso aconteceu.

Acho que o que fiz até agora foi enrolar enquanto pensava em quem colocar aqui, mas vamos logo passar para essa definição.

Quero agradecer, primeiramente, a meus pais Edson e Denira, que sempre fizeram vista grossa quando iam dormir à noite, sabendo que o filho ficaria com o computador ligado até as duas da manhã, escrevendo. Também, agradecer a uma pessoa específica de minha família, minha prima - e testemunha - Maressa, aspirante a escritora. Tivemos algumas conversas que, de algum modo, motivaram-me a terminar esta obra.

Agora, passemos aos *betas*. Ao meu bom amigo, Marcos Davi, todo o agradecimento cabe aqui. A todo momento recebia os rascunhos escritos por mim, desde o começo, e fazia comentários aqui e ali. Igualmente, o agradecimento para aquele que julgo ser o maior alagoano que já viveu nesta terra, Tanaka Junior. Era ele quem ficava acordado madrugada adentro para ler o que eu enviava e, em troca, entregava um feedback que ajudava ao escritor que vos fala a moldar toda a história. A Priscila Jaeger, que conheci participando de um dos *NaNoWriMos* da vida, o meu muito obrigado por seu trabalho de beta esporádica. Ao Eduardo Ramella, o muito obrigado com toda a pesquisa acerca das nuances a respeito da Itália.

Especialmente, quero agradecer a Editora Sinna e, principalmente, a Katerine Grinaldi, aquela que também foi um fator determinante para a conclusão deste livro. Foi o gatilho que precisava para terminar a história.

Esses foram os agradecimentos daqueles que ajudaram diretamente à nível criativo, mas claro que há muitas outras pessoas que me ajudaram com relação a outras etapas do livro. Dentre eles, alguns que posso citar certamente são: Seu Lima, Lucas Leão, Renan Monteiro, Dodora Abreu, Daniel Fernandes, Gabriel Goto, João Frederico, Marilú Silva, Leonam Cunha, Cid Neto, Daniel Araújo, Stephany Meneses, Igor Bezerra, Davi Selton, Mário Glauco, Guilherme César, e muitos outros, como aqueles que contribuíram no *crowdfunding* dessa obra.

Por último, mas, não menos importante, a Deus e a minha família.

Agradeço a vocês, de coração. Sintam como se cada palavra deste livro tenha sido disposta aqui graças à sua ajuda. Ademais, boa leitura!

# Capítulo 1

Tudo parecia muito quieto naquela noite que pregava o início do feriado de emancipação da cidade e, conseqüentemente, do fim de semana prolongado. Aos poucos, aquelas faces cansadas, que durante o dia buscavam o tão desejado sucesso capitalista de ganhar dinheiro, amontoavam-se nos bares, restaurantes e cafés de Ribeirão Freire. Cada paletó, terno, casaco, bolsas e outros pertences eram deixados próximos às mesas, juntos de outros trecos, colocados lá por seus amigos naquilo que era a convenção social batizada de *happy hour*.

Os prédios, os quais comportavam seus empregados durante o dia comercial, já apagavam as luzes aos poucos, soterrando aquela famigerada semana. Era um panorama de folga, de felicidade para todos. Bem, talvez não para Daniel.

Esparramado na cadeira de sua minúscula mesa, na redação da Gazeta de Ribeirão que ficava no terceiro andar, ele fitava a pilha de arquivos espalhados à sua frente como se estivesse diante de um monstro pronto para dizimá-lo a qualquer momento com suas garras, arrancando cada fio de vida de seu corpo.

O escritório era bem organizado. Havia uma dúzia de escrivanhinhas preenchidas por objetos que contrastavam com a ausência de coisas em outra dúzia de mesas, explicando o corte de custos do jornal. As paredes internas eram de gesso enquanto as externas, incluindo a entrada do jornal, eram compostas por enormes vidros espelhados que davam o tom de charme ao prédio, apesar de mal poder se sustentar devido à falta de recursos da Prefeitura.

Na mesa de Daniel, a única luz acesa de todo o escritório concedia ainda mais importância para sua reclusão dentro daquela saleta. *O motivo?* À sua frente, toda a matéria que denunciava o prefeito e sua família de desviar dinheiro da cidade durante vinte anos no poder. Fora do escritório, quatro homenzarrões, contratados pelo *mesmo prefeito* para matar Daniel, esmurravam a porta da redação, que estava bloqueada com meia dúzia de mesas que o jornalista conseguiu empurrar, além de algumas cadeiras.

— Você não vai aguentar por muito tempo porque, quando *eu* entrar, vou quebrar cada pedaço disso que você chama de *cara* – gritava um deles, ao qual o jornalista ‘*carinhosamente*’ apelidara de Fera.

— Não vou sair, *Ferinha*, pode ficar tranquilo – respondeu ele sarcasticamente. Podia parecer que não, mas a reação de Daniel diante do medo aterrorizante era agir com o máximo de sarcasmo que pudesse usar e abusar.

O homem deu um rugido, e as batidas continuaram na porta. Daniel sabia que sua barricada improvisada não aguentaria muito tempo. *O que poderia fazer?* Não havia mais ninguém na redação. Dentro de poucas horas, o tão corrupto Luiz Barros estaria sobre um palanque, vendo o desfile e, provavelmente, *enchendo a cara* logo após, enquanto embolsava mais dinheiro do governo. Ele precisava ser preso naquele momento, mas fora muito inteligente em mandar sua guarda pessoal para executar o jovem jornalista. Em Ribeirão Freire era assim: *sem corpo, sem investigação*. Daniel seria mais uma estatística no obituário do jornal, assim como vários outros opositores dos Barros ao longo de todo aquele tempo.

*Então lhe veio uma ideia à cabeça. A ideia que iria tirá-lo de lá.*

Ouviu-se um estrondo de vidros quebrando. Tomado pela curiosidade e pela raiva, o Fera finalmente conseguiu arrombar a porta e arrancar o birô do meio do caminho.

— *Você tá morto agora!* – sentenciou, olhando ao redor à procura de Daniel. — *Cadê você?*

Uma voz, conhecida pelos brutamontes, atraiu-lhes a atenção para o canto do escritório.

— Bem, amigos, gostaria de ficar aqui e conversar com vocês, mas tenho uma *festinha* para arruinar – disse Daniel, antes de se jogar para frente, pulando do segundo andar do escritório do jornal.

## Capítulo 2

Os homens pensavam que recolheriam apenas um cadáver quando ouviram um baque seco, seguido pelo barulho de um carro acelerando. Uma pick-up, abastecida de colchões, partia em disparada para longe do escritório, rumando ao centro da cidade.

— Por que demorou tanto? – indagou o jornalista com um tom de chateação.

— Com tanto trânsito, você ainda vem me perguntar porque demorei? *Ah, não enche!* – respondeu contrariado Maxwell Schneider, perito criminal do Departamento de Polícia de Ribeirão Freire.

— Vamos logo para a delegacia – sugeriu Daniel agitado.

— Por que você tem o direito de ficar com raiva? Quase jogou uma cadeira de escritório em cima do capô do carro do Davi! – reclamou Maxwell furioso. Seu amigo pode enxergar que não era um horário muito propício para brincadeiras, Max parecia realmente irritado. — Não tinha outro jeito de quebrar o vidro da redação, não?

— Na verdade, *tinha* – devolveu pensativo, dissipando a feição com uma longa risada semelhante à de uma criança que descobriu como executar uma nova pirueta. — Mas sempre quis fazer isso.

— Sorte sua que ele deixou a mudança das camas por último – disse Max, acalmando-se um pouco mais, conformado com a situação – senão, você teria que pular direto na caçamba.

— Agradeço a preocupação. Mesmo assim, não sei se estou inteiro – argumentou o jornalista, usando os braços para massagear as costas. — Doeu muito mais do que se fosse em um campo de rosas.

O motorista esmurrou o volante para evitar aplicar o mesmo soco no rosto do colega.

— Não basta eu salvá-lo, você ainda tem que reclamar?

— Mais direção e menos repreensão. Se eles pegarem a gente, estamos ferrados! – cortou Daniel, tentando amenizar.

Dentro de minutos, os dois já estavam na delegacia. Daniel pulou logo da pick-up, mesmo com o sentimento de que havia fraturado alguma costela, e foi correndo pela escadaria da DP.

Naquele exato momento, a força-tarefa que investigava o caso estava entregando os pontos. Tudo era muito bem acobertado pelo prefeito infrator, e não havia ninguém que descobrisse o elemento para

desmascarar toda a situação. O delegado Schneider, o detetive Félix e a detetive Andrade já estavam exauridos e frustrados até o momento em que Daniel chegou, literalmente chutando a porta da sala onde estavam.

— Delegado Schneider – gritou o jornalista, após entrar triunfantemente no recinto.

O escritório do delegado Leonardo Schneider era organizado de ponta a ponta. Ele tinha uma compulsão por organização e regras, o que o fez se tornar imponente na polícia da cidade. Os cabelos grisalhos e as marcas de expressão remetiam a cada caso e ocorrência que precisou atender, no escaldante sol da cidade de Ribeirão Freire, no início de sua carreira. Mais de 35 anos servindo naquele prédio e estava próximo de se aposentar. Uma das poucas figuras, em toda aquela cidade, que gostava de Daniel, apesar de seu comportamento um tanto irremediável. O delegado gostava de tratar o jornalista como filho, já que, *literalmente*, ele cresceu junto de um de seus herdeiros legítimos, Maxwell Schneider.

— Consegui. Aliás, bela gravata – continuou Daniel, bajulando o velho homem.

— Quem deixou esse imbecil entrar aqui? – provocou o detetive Félix rispidamente e até de modo direto. Nunca havia sido surpresa *pra* ninguém que ele odiava o jornalista.

— Félix, silêncio – sinalizou com a mão o delegado, procurando apaziguar a situação. Seus gestos já eram mais contidos, devido à idade e ao seu tempo de serviço nas ruas. — O que tem para mim, Daniel?

— Vou deixar que seu filho faça as honras – disse o jornalista, jogando-se no sofá e colocando os pés sobre a mesinha de centro, que ficava mais ao fundo da sala, numa introdução não muito usual para o seu colega.

O rapaz, que havia servido de resgate *expresso* para o amigo, limpou a garganta para dar mais ênfase ao enunciado, afinal, o momento cobrava aquilo.

— As provas do esquema da família Barros. Datas, licitações, ‘laranjas’, tudo que há direito. Já pode solicitar o mandado, delegado. Pegamos ele.

— Por favor, doutor Leonardo – cortou Félix mais uma vez, erguendo a voz numa tentativa de se impor, querendo induzir uma reflexão mais ponderada do delegado. — O senhor não vai me dizer que está levando a sério as denúncias desse *jornalistazinho de quinta, né?*

— Nossa, Félix, você está irritado porque não conseguiu fazer em quatro anos o que eu consegui fazer em um? – indagou Daniel com o melhor tom de deboche possível e com um sorriso descarado no meio do rosto.

Félix levantou-se da cadeira, foi até o sofá e colocou as mãos na lapela do casaco do jornalista,

erguendo-o antes de atirá-lo contra a parede com as forças que havia canalizado devido à sua raiva momentânea. Meirelles conseguia ver toda a fúria e as chamas, *quase que literais*, saltando dos olhos do detetive, que não pensaria duas vezes antes de descarregar a munição de uma *Beretta* em seu peito. Para que a confusão não ficasse maior, a detetive Andrade também se levantou e conteve Félix.

— Detetive, controle-se – gritou ela, afastando Félix de cima de Daniel, justo na hora em que o delegado decidiu dar um basta.

— Acalmem-se todos – bramiu o homem, cobrando sua presença e influência dentro da saleta naquele momento. Depois de uma breve pausa para se recompor, continuou: — quanto à sua pergunta, Félix, estou considerando sim. Aliás, vá com Andrade e organize as viaturas. Vou pedir para o juiz emitir um mandado agora, temos tudo em mãos e será muito difícil que o magistrado recuse. Barros não vai escapar dessa.

O detetive saiu da sala praticamente bufando. Guilherme Félix era o tipo de detetive carrancudo que parecia ter sido importado de um filme de ação, daqueles em que o protagonista toma as rédeas da situação por si e decide literalmente *surrar* todo mundo que sonhar atravessar seu caminho. Tinha o porte físico de um militar, quase dois metros de altura e, com toda certeza, aquela aglomeração de músculos superava a barreira dos cem quilos com a maior facilidade, o que lhe dava um tom ainda mais assustador. Sempre de cara fechada, mantinha o corte de cabelo baixo, quase ralo, como se fosse ao barbeiro todo santo dia.

Sua ascensão na corporação era iminente. Ele sabia que, dentro de algum tempo, assumiria a delegacia e finalmente acabaria com a festinha de Daniel. O ódio mútuo entre os dois teve início numa outra ocasião, quando o detetive barrou a entrada do repórter numa cena de crime. Claro que Meirelles não ligou muito para a advertência e continuou no local, fazendo Félix o levar preso por desacato, antes que o próprio doutor Leonardo aliviasse a barra para o empregado da Gazeta de Ribeirão Freire, nomeando-o consultor externo da polícia.

Não demorou muito para que a impressora reproduzisse aquele pedaço de papel que daria fim a um esquema multimilionário de roubo e desvio de dinheiro. O sentimento da página quente saindo da impressora, perto do seu rosto, praticamente entorpecia Daniel, aliada a toda a ânsia de ver o mundo desabar sobre o prefeito no maior evento da cidade. Afinal, quer queira, quer não, mesmo com os amassados, Meirelles estava vestido a caráter para o desfile. Com um sobretudo marrom e uma camiseta social branca, Daniel parecia aqueles homens de negócios americanos: sempre ocupado, atrasado e com um copo de café na mão.

O jornalista tinha 25 anos, pouco mais de 1,80 de altura e um porte robusto, nunca muito magro ou muito gordo, sempre algo balanceado. Foram quatro longos anos de faculdade de Comunicação na

Universidade de Ribeirão Freire, e não demorou para ganhar notoriedade pelo seu estilo arrojado e agressivo de escrever notícias e artigos de opiniões, rendendo-lhe uma gama de vários inimigos na cidade. Nada que o incomodasse muito, já que gostava de considerar o preço pela sua cabeça apenas mais um adereço ao seu legado. Talvez esse fosse um de seus maiores erros, *a arrogância*. Mais um motivo para uma única pessoa ter tantos inimigos...

Momentos depois, lá estava ele no banco do carona de seu melhor amigo Maxwell, a quem chamava de Max, que dirigia em busca do palco montado e preparado para as festividades da cidade. Havia modo melhor de encerrar 20 anos de uma *'tirania democrática'* que na frente de mais de 750.000 habitantes de uma cidade estabelecida? *Claro que não.*

No instante em que o mestre de cerimônias passou o microfone ao prefeito, sons estridentes de sirene adentraram os ouvidos e a mente de quem estava aguardando a abertura da festa. Dezenas de policiais desceram de suas viaturas, enquanto o delegado, acompanhado pelo detetive Félix, subiu ao palco com o mandado em mãos, proferindo a seguinte frase:

— Prefeito Luiz Barros, o senhor está preso por desvio e lavagem de dinheiro.

# Capítulo 3

O povo olhava incrédulo. A figura intocável da cidade agora parecia vertiginosamente de frente a toda a população que havia ido prestigiar o evento. Enquanto seus direitos eram lidos, o prefeito estava atônito e negava tudo com veemência. Após recusar o *convite* de ir gentilmente para a viatura, Félix posicionou-se atrás do preso a fim de algemá-lo. Alguns parentes e correligionários que estavam no local, atônitos, protestavam contra aquela prisão que, segundo eles, era inconstitucional.

No momento em que desciam as escadas, o povo começou a ovacionar os policiais enquanto Luiz Barros era levado para a traseira de uma viatura. De repente, a cólera e a fúria do homem depararam-se com o sorriso debochado de Daniel, que assistia a tudo confortavelmente ao lado do veículo da polícia.

— Você está envolvido nisso! Eu sabia, eu sabia – berrava na mesma proporção com que tentava se desvencilhar dos oficiais, para atacar seu algoz, por mais que estivesse incapacitado de fazê-lo. — Acha que está livre?! Vou achar você, Meirelles, vou achá-lo e destruí-lo assim como fez comigo. Me soltem, seus policiais imundos! Sabem com quem estão falando?

— Ah sim, eles sabem – disse Félix, aproximando-se da viatura e se encurvando um pouco para que pudesse ver na altura dos olhos flamejantes de Luiz. — Estão falando com o ex-prefeito da cidade de Ribeirão Freire.

A cólera do acusado era incalculável. Mesmo algemado, continuava a bradar contra Daniel e os policiais.

— Seus desgraçados, vocês vão se arrepender! – bramava, usando de seu *‘poder’*, já aniquilado, para intimidar as pessoas. — E quanto a você, jornalista de *meia tigela*, vou acabar com a sua raça, pode escrever. Ou eu não me chamo Luiz Cláudio Barros!

— Claro que vou escrever – disse ele, sorrindo, triunfante. — Vai aparecer na primeira página do Gazeta amanhã. *Tá bom pra você?*

Não foi possível ouvir o resto, com os gritos e lamúrias do agora ex-gestor da cidade sendo abafados pelo grosso vidro da viatura. Ainda assim, Daniel conseguiu ler a frase “*vou matar você*” nos lábios de Luiz. Não era estranho para Meirelles a adição de mais uma ameaça a sua vasta lista, contudo, algo lhe fazia ter um pressentimento ruim sobre aquilo, gelando sua espinha. De repente, imaginou sua família. Seus pais, sua irmã, todos aqueles que eram próximos a ele em um risco mortal. Toda aquela projeção negativa foi se esvaindo da sua mente após Maxwell tê-lo chamado.

Geralmente, após uma investigação concluída e os culpados presos, passavam por algum bar aleatório da cidade para alguns copos. O discurso da ocasião estava bem descontraído até o delegado introduzir um tom mais sério na conversa.

— Antes de tudo, quero dar os parabéns pelo bom trabalho de vocês e pelo auxílio substancial que este jornalista nos concedeu – disse o velho homem. O peito do jornalista até se inflou, não apenas pelo elogio, mas também pelo gesto de desdém de Félix. *Parecia que a raiva que provocava naquele ser lhe inflava o ego.* — Mas presumo que este tenha sido meu último caso junto a vocês aqui na polícia.

— *Ah*, bem que o senhor disse que iria se aposentar – comentou a detetive Andrade numa constatação triste.

Aquilo foi como um tapa no rosto do jornalista, um choque de volta à realidade. Já fazia quase cinco anos que ele colaborava com a polícia e, a partir daquele momento, de repente tudo acabaria. Isso significava que seria mais complicado alcançar as provas e os detalhes que tornavam suas matérias tão completas. Não haveria muito o que fazer para contornar a situação e, *antes que pudesse ficar pior*, o detetive Félix foi adiante:

— Já estou me preparando para a prova de delegado, doutor Schneider.

— Tenho fé de que vai conseguir, Félix. Você é um policial muito competente – elogiou o delegado, fazendo Daniel se enojar.

— Seria uma honra ser uma investigadora sob sua gestão, detetive – emendou também a detetive Andrade, ainda que fazendo uma feição de reprovação ao ver o rosto contrariado do jornalista.

— Boa sorte na prova, detetive – disse Max sem notar o que se passava ali.

Daniel se segurou para não dizer algo maldoso e foi se afastando aos poucos, num instante, estava novamente concentrado na última prisão. Tinham prendido Luiz Barros, mas ainda era pouco. Havia muitas outras provas, que não tinham sido descobertas pela polícia, abrindo espaço para um recurso que liberaria o político, dando-lhe a chance de escapar. Ele tinha em mente que não demoraria para a guarda pessoal dos Barros, liderados pelo *Fera*, fosse persegui-lo na primeira oportunidade que tivesse.

Então, lembrou-se de que tinha uma cópia dos arquivos, que entregou à polícia, dentro do computador da redação – *mesmo que isso fosse ilegal*. Antecipou a volta para casa, alegando estar cansado, e rumou para sua residência a fim de procurar a cópia da chave da redação que mantinha consigo, para ter acesso aos mesmos documentos quando voltasse do feriado.

Era assim que, geralmente, fazia com que suas matérias chegassem intactas às prensas, sem intervenção de ninguém, mesmo que seu chefe não soubesse e que fosse muito arriscado.

As luzes da cidade provocavam uma coreografia exótica no vidro do carro, fazendo os olhos de Daniel se perderem no tempo, admirando e analisando cada pedaço da cidade em que vivia. Ele morava na zona sul, onde havia mais casas e apartamentos, na *literal* zona residencial de Ribeirão Freire.

A cidade era a joia do estado. Além de produzir petróleo, tinha um parque industrial enorme, e ambos atraíam investimentos, trazendo cada vez mais pessoas para aquele município que crescia rapidamente e, logo, despontaria como uma das maiores potências do país.

Bares, restaurantes, shoppings e outros centros comerciais que animavam a cidade, repousavam num sono silencioso. Devido à festa de emancipação e ao feriado, qualquer posto de comércio fora do centro havia sido fechado. Como num êxodo, todos os habitantes estavam presentes na praça que, apesar de todos os acontecimentos, ainda permaneciam pelas redondezas já que, querendo ou não, era o dinheiro dos contribuintes que estava naquele palco cantando, dançando e se exibindo.

Subitamente, algo reservou a atenção de Daniel.

Num trecho mais isolado, no outro sentido da ponte que interligava as zonas norte e sul, dois carros passaram em alta velocidade em direção ao centro. Um dos deles, um sedan preto, já era conhecido por Daniel. Não se esqueceria do veículo de Fera e seus capangas, que lhe perseguiram a noite toda até que ele conseguisse se esconder na redação do jornal. Já o segundo carro, que parecia um esportivo de luxo, a cada momento alcançava o automóvel dos seguranças do prefeito, até que esbarrou em sua traseira, fazendo-o derrapar e capotar na pista.

Por maior que fosse o mal que os homens tentaram lhe infligir, Daniel ainda era um cidadão e, num instante, discou o número da polícia, pedindo que fossem logo à localidade.

Alguns metros à frente, já longe da possível vista dos perseguidores do sedan preto, o jornalista entregou um maço de notas ao taxista que, ao invés de ajudar Daniel e os acidentados, fugiu do local como se pressentisse que algo ruim iria acontecer. Meirelles nem sequer ligou para a sua intuição e decidiu se aproximar da ocorrência. Sabia que não podia chegar muito perto, pois, se fosse identificado por aqueles indivíduos que dirigiam o carro esportivo, a qualquer momento, passaria a ser o próximo alvo. Esgueirando-se pelos grossos blocos de concreto, que separavam os dois sentidos da ponte, pode encontrar a melhor posição para assistir a uma cena horrível.

Três homens altos, mal-encarados e vestidos com ternos nada simplórios desceram do esportivo com armas em punho. Os seguranças do prefeito, inseridos dentro do carro virado, estavam completamente desnorteados enquanto tentavam sair pela janela, torcendo que tudo aquilo acabasse. Contudo, os engravatados foram se aproximando deles. Sem muito esforço, puxaram cada um dos alvos para fora, de costas para a mureta que separava a ponte do rio. *Justamente do lado oposto ao que Daniel estava.* Com

um tiro seco em cada cabeça, sem a preocupação de silenciadores, viram os corpos tranquearem para trás. O repórter precisou se segurar para não emitir nenhum gemido de horror.

Momentos depois, os homens, que pareciam provenientes de um filme da máfia dos anos 60, tiraram um galão de gasolina do porta-malas e derramaram sobre o carro do Fera, ateando fogo logo em seguida, com os cadáveres desfalecidos numa posição horrenda, atirados ao lado. Sem remorso algum, os três se entreolharam, entraram no carro e foram embora, sem terem reparado na presença de Daniel ali.

Algo dizia aos instintos dele que deveria pegar tudo o que achasse com os seguranças, afinal, podia ser pertinente à investigação, já que assim que a polícia pusesse a mão naquilo, tudo desapareceria numa nuvem de conjecturas sem sentido.

Ao verificar o corpo daquele que tanto tentou lhe matar com os olhos vazios e esbugalhados, Daniel tentou segurar a náusea, olhando para algo que fosse realmente relevante em sua investigação particular até que reparou em um pequeno pedaço de papel, saindo do bolso da camisa do cadáver.

Era o endereço de um depósito no centro da cidade com duas letras escritas acima: “IB”. *O que poderia ser aquilo?* Não deu tempo de pensar. O veículo começava a ameaçar uma iminente explosão e, após pressentir o pior, ele decidiu correr para longe, tentando alcançar a barricada que separava os sentidos da ponte. Segundos depois, o carro explodiu, atirando o corpo de Daniel para longe de onde estava.

# Capítulo 4

Daniel acordou, abriu os olhos, mas a imagem ainda estava desfocada. A primeira coisa que conseguiu ouvir após o estrondo foi o ruído sequencial de bipes, como numa melodia. Quando sua visão finalmente normalizou, percebeu que estava sobre uma cama próxima a uma janela, contudo, não conseguia ver nenhum carro passando ou ouvir qualquer tipo de ruído. Tentou mover o pescoço, mas estava paralisado e as únicas coisas que podia enxergar eram aquelas que estavam em seu campo visual. Ao olhar para o teto, reparou no tema: uma mistura de azul fraco com branco, contrastando agradavelmente. Não tinha dúvida alguma, *ele estava num quarto de hospital.*

Logo lhe veio à cabeça tudo que havia acontecido durante a noite. A prisão do prefeito e sua tentativa de ir para casa interrompida pela parada repentina na ponte, onde testemunhou um assassinato. Sua mente conseguia recordar tudo, inclusive o endereço e as letras “IB”, as quais deduziu serem duas iniciais. Depois disso, só conseguia se lembrar do alto barulho da explosão e de seu corpo sendo arremessado para longe.

Tinha o pleno conhecimento de que ficar parado em uma cama de hospital era completamente inútil. Daniel havia testemunhado um assassinato e precisava contar para alguém. *Logo.* O pressentimento de que mais alguém poderia se ferir lhe assombrava a cada segundo.

Tentou se levantar e quis arrancar cada sonda e agulha de seu corpo, mas suas tentativas encontraram uma barreira formada por uma dor excruciante. Seu braço esquerdo não respondia ao comando de se apoiar na cama e, bastou o pequeno esforço de olhar para baixo, para visualizar o motivo: o membro estava envolvido por uma grossa tipóia. Apenas lhe restou pedir ajuda.

— Enfermeira... – disse ele, quase gemendo devido à dor que sentia.

— Daniel? – respondeu uma voz feminina conhecida, longe de ser a de uma enfermeira. Mesmo atordoado, conseguiu ouvir o barulho familiar de páginas sendo folheadas e, pela dedução, a moça estava sentada dentro do quarto, lendo uma revista enquanto esperava o rapaz acordar. Seu tom de voz era aveludado, doce e terno.

— Clara? É você? – indagou com espanto.

— Sim, claro que sou eu, meu amor – respondeu ela, aproximando-se do rosto dele, dando-lhe a chance de contemplar sua beleza mais uma vez.

Aquele era um dos poucos momentos, além das escapadas e dos encontros secretos, que tinham juntos, já que geralmente tentavam esconder o fato de o jornalista namorar uma das detetives do Departamento de Polícia de Ribeirão Freire. Ainda assim, um hospital não era o melhor lugar para ver alguém que se ama.

Os cabelos longos, de tonalidade castanha escura, da detetive arranhavam seu rosto suavemente, como uma doce brisa que beija o rosto de um pescador quando este está em alto-mar. Seu nariz arrebitado e o rosto bem definido faziam Daniel se perder naquele turbilhão de beleza e segurança.

A detetive Clara Andrade foi uma policial de rápida ascensão dentro da corporação, estando em um dos postos mais respeitados da polícia aos seus 24 anos. Os dois se conheceram numa cena de crime, quando o repórter tentava arrancar informações dos policiais a qualquer custo. A relação, que dantes era reservada, converteu-se em uma paixão insana naquele ano, quando a consultoria do jornalista foi utilizada para desvendar casos de roubo dentro da cidade. Mesmo sabendo que Clara tinha todo o direito de ficar preocupada, Daniel estranhava o porquê de ela estar ali, junto a ele, durante seu turno de trabalho.

— Não desse jeito, Clara, por favor – reclamou o jornalista ao sentir que, na aproximação, ela segurava seu braço machucado.

— Oh, desculpe – pediu ela, recuando.

— O que está fazendo aqui? Não tinha que estar na delegacia?

— Eles me designaram para esperar você acordar, no hospital – explicou ela — Pelo jeito, você é a peça-chave de um atentado.

— Mas não foi um atentado contra mim – retrucou, estranhando tudo. — Foi contra o *Fera* e os amigos dele.

— O que aconteceu exatamente, Daniel? – inquiriu ela, tomando uma postura sutil, mas determinante, a fim de extrair o máximo de conteúdo do paciente preso ali.

— Foi o seguinte: estava indo para casa quando vi uma movimentação que...

— Digo do início – cortou ela com um discurso mais rígido, eliminando a afeição na voz. A partir daquele momento era um interrogatório, e ela estava fazendo o próprio trabalho. — Desde *como* você pegou as provas contra o prefeito até ter vindo parar aqui.

— Enfim, estava na prefeitura fazendo a reportagem sobre isso quando fui atrás do Gabinete do prefeito – disse com alguns intervalos e com a respiração profunda a cada vírgula possível, provocada pela dor que ainda sentia, dando-lhe a chance de se recompor a cada sentença proferida. — A recepcionista me parou

e avisou que ele não estava por lá. Simplesmente dei as costas e fui embora, mas, na mesma hora, vinha chegando um *cara* engravatado de aparência estranha, e ela o mandou entrar direto. Depois que ele saiu, dei um jeito de me vestir igual, esperei ela sair para o café e usei a mesma desculpa que o rapaz havia utilizado. Consegui entrar, peguei os arquivos e me mandei, mas é claro que você não vai dizer isso para o Félix, não é?

Ela acenou com a cabeça dizendo que não, apesar de saber que Daniel estava errado. Ainda bem, senão o próximo destino dele, após o hospital, seria a cadeia, já que Félix coçava a mão à espera do momento oportuno de jogar Meirelles na prisão. Ele foi tomando ar e continuou seu relato.

— *Nisso aí*, fui saindo do Gabinete na mesma hora em que o *Fera* chegava com os outros seguranças do prefeito. Os quatro sabiam que aquela não era a hora usual do rapaz dos Correios e saíram correndo atrás de mim – afirmou, até esboçando alguma risada contida a cada vez que se lembrava da perseguição. Era estranha a sua reação para uma situação de risco como aquela. — Joguei as roupas no lixo, peguei a moto e saí em disparada para a redação.

— Só imagino a cena... – interrompeu a moça, olhando para o lado um tanto imaginativa. Logo mudou a feição. *Aquilo ainda era um interrogatório*. — Como você entrou na redação?

— *Seu João* estava fechando já, mas o dispensei e consegui entrar. Para meu azar, na hora em que entrei no escritório, percebi que a internet não estava funcionando, então não tinha como enviar os arquivos para vocês, nem para o jornal e, logo depois, chegaram eles atrás de cada gota de sangue que corresse pelo meu corpo. *Ah, queria poder gesticular!* – resmungou pela incapacidade de ilustrar a situação, enquanto procurava ajeitar os ombros. — Bloqueei a porta com as mesas do escritório, para ganhar tempo, porém sabia que não demoraria muito para eles entrarem. Foi quando me lembrei de que o Max estava ajudando o irmão na mudança de casa e que, provavelmente, estaria abarrotado de colchões... *liguei para ele*. Max entrou com a pick-up, de ré, logo abaixo de onde eu estava.

— Daí você pegou a cadeira do chefe e a atirou pelo vidro, sabendo que podia simplesmente quebrá-lo com o martelo da caixa de ferramentas? – inquiriu Clara, dando uma brecha em sua postura para questionar a atitude de Daniel de modo irônico.

— Não teria a mesma graça, não é? – respondeu ele, rindo a seguir, mesmo com certa dificuldade. Naquele momento teve absoluta certeza: *suas costelas tinham sido fraturadas*.

— O que houve?

— Devo ter fraturado a costela – explicou, ajeitando-se na cama novamente. Parecia não haver ajuste confortável o suficiente para ele. — Não lembro se foi na queda do prédio ou na explosão, neste último não havia colchões.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo aqui? – esbravejou Maxwell furioso.

— *Ok*, senhor ator, pode cortar a interpretação barata – respondeu, o agora paciente, Daniel com deboche. — Você vai alertar alguém desse jeito. Olhe ao seu redor. Está na *droga* de um hospital.

Max soltou uma sonora risada antes de fechar a porta do quarto.

— O que está fazendo aqui, Maxwell? – espantou-se Clara, afinal, o posto de Max naquela hora deveria ser outro. — Pensei que estivesse na investigação do assassinato dos seguranças.

— Na verdade vim até aqui para dizer que a sua folga acabou – revelou, mudando o seu semblante que se tornou muito sério. — Houve um incêndio.

## Capítulo 5

Aquilo serviu como adrenalina nas veias de Daniel, que logo se inflamou em curiosidade.

— *Um incêndio? Aonde?* – perguntou o jornalista quase pulando para fora da cama, como se a curiosidade fosse um poderoso analgésico que lhe inibisse as dores.

Max pegou um bloquinho de notas no bolso, limpou a garganta e pronunciou em voz alta:

— Alameda dos Pinheiros, 316.

— *Hum...* – resmungou Daniel, pensativo.

— Porque estou desconfiando de que há muito mais por trás deste seu “*hum*”? – cortou Clara, duvidando que ele fosse inocente em toda aquela história.

— Para dizer, preciso sair daqui. De nada estou servindo nesta cama – disse ele, antes de tentar se levantar bruscamente e sentir cada parte do seu corpo latejar, puxando-o para baixo como se existisse um

grande peso amarrado às costas e atrelado à cama. A ânsia de desvendar o mistério havia sido apenas um placebo, e as dores voltaram.

— De jeito nenhum você vai sair dessa cama – avisou Max, tentando se impor. Sabia da insistência de Daniel e de que seria impossível arrancar alguma informação dele. *Talvez com ameaças, ele cedesse... não... aquele desgraçado era duro na queda.* — Vá se antecipando, quero saber sobre o que você tem conhecimento.

— Max, com todos esses anos, acha que realmente vou dizer algo para você e aqueles *orangotangos de uniforme* destruírem todas as chances de pegar quem fez isso? – desdenhou, incrédulo da audácia do próprio amigo em querer que ele entregasse o que sabia nas mãos de mentecaptos que não conseguiam resolver nada. — De jeito nenhum.

Maxwell franziu as sobrancelhas. Daniel estava adivinhando, aquela era a expressão que o amigo usava para indicar o quanto estava determinado. Foi assim em todas as vezes em que ele quase arrancou o braço do jornalista nos inúmeros treinos de jiu-jitsu na academia próxima ao Departamento de Polícia. Max não mediria esforços para arrancar aquela informação dele.

— Você escolhe, Daniel. Ou isso, ou pode dizer adeus à sua licença de consultor externo que, inclusive, só existe *exclusivamente pra você*.

— Nossa, não precisava pegar pesado assim – lamentou-se o amigo, rindo logo em seguida. Às vezes, sabia admitir uma derrota. *Às vezes*.

— Pois bem – proferiu o detetive, exigindo o que Daniel sabia. — Vai contando tudo.

— Era o que eu contaria agora para a Clara – assumiu o discurso, tentando explicar o que já havia acontecido. — Depois de o prefeito ser preso, tomei um táxi e fui para casa, mas, no caminho, vi dois carros passando. Um deles pertencia aos seguranças dos Barros, o outro não consegui identificar. A ponte estava deserta e, por isso, estranhei ambos automóveis em alta velocidade no sentido contrário. Então, vi o veículo desconhecido esbarrar no do *Fera*, fazendo este capotar. Os *caras* desceram, atiraram nos seguranças dos Barros, atearam fogo no carro e foram embora. Foi quando encontrei o endereço em um pedaço de papel saindo do bolso do *Fera*. É a última coisa que lembro antes de vir parar aqui.

— Só isso mesmo? – perguntou Max, com o mesmo caderninho à mão, anotando tudo que Daniel dizia quase que roboticamente.

— Sim – reiterou o jornalista.

— Certeza? – indagou novamente, duvidando da palavra de Daniel.

— Por que não teria? – retrucou irritado.

— Você tem a mania de esconder as coisas de mim, a não ser que esteja em apuros – lembrou Maxwell, fixando o seu costume usual de fazer aquilo.

— Pode ficar tranquilo, não estou ocultando nada.

Simplesmente odiava ter que mentir para o amigo. Mas aquele “IB” que havia visto, para ele, significava muito mais do que imaginava, e não poderia simplesmente entregar nas mãos da polícia. Mal podia imaginar o que seria daquilo quando o dedo de Félix estivesse no meio. A primeira coisa que faria, quando conseguisse se desvencilhar daquela cama que o incapacitava, seria ir à fundo naquilo. Max finalizou seu curto relatório e aprontou-se para sair.

— Ok, obrigado. Detetive Andrade, vamos logo – disse ele, sinalizando com a mão para a porta da saída.

— Descanse, Daniel – pediu Clara com aquela voz terna. — Você logo voltará para levar umas sovas do Félix e precisar que eu os separe como sempre.

— Muito engraçado – riu contido, ignorando a graça da piada que só existia para sua própria depreciação. — Vão logo e tenham cuidado.

Max, não perdendo a oportunidade de alfinetar, completou:

— Mas é você que está numa cama de hospital, quem deveria ter cuidado é você.

— Apenas vão atender a *droga* da ocorrência, por favor?

E lá se foram os dois, deixando um Daniel refém da ocasião, preso a uma cama de hospital sem poder fazer nada. Naquele momento já havia recobrado a consciência e sua mente estava repleta de dúvidas. Afinal, o que diabos seria “IB”? Instituto de Beleza? *Muito patético*. Indústria Bélica? *Muito distante*. Não fazia a menor ideia. E também não fazia a menor ideia de como aquilo teria relação com os três caras que vieram do *Poderoso Chefão* diretamente para descarregar uma bala de cada arma na testa de suas vítimas.

Era estranho... ele estava preocupado com tudo aquilo quando, na verdade, deveria apenas seguir sua vida como se nada tivesse acontecido. Os Barros, tidos como mais influentes, estavam na cadeia, os seguranças deles provavelmente no quinto dos infernos, e a sua reputação e integridade física – *quase* – intactas. Aquele devaneio, que lhe levava numa viagem confusa de teorias e confabulas, foi quebrado pela entrada da enfermeira trazendo uma grande bandeja com comida de hospital. Deixou-a perto do corpo dele e se afastou para puxar o suporte da televisão de tubo do canto alto da sala, ligando-a logo depois.

A âncora do jornal de Ribeirão Freira estava bem centralizada no meio da tela, já que ocupava a bancada solitariamente. Daniel ainda almejava aquele posto algum dia. Um salário maior, mais conforto..., mas depois de uns vinte ou mais anos como jornalista de matéria. De repente, achou que sentiria saudades de seus tempos anteriores, quando estivesse atrás de uma bancada lendo cabeças de notícias inseridas no teleprompter.

Então, mais uma vez, seus pensamentos foram quebrados pela voz melodiosa da âncora que trazia em questão a explosão no tal depósito. Um galpão enorme, com altos portões de ferros, reduzido a cinzas. Os bombeiros passaram a noite inteira tentando apagar o fogo, o que conseguiram com êxito. Como era reforçado pelo repórter, que estava no local, não se sabia da procedência do incêndio. Meirelles sabia que podia fazê-lo engolir as palavras, bater no peito e dizer “*descobri quem provocou isso*”. Enquanto ainda se lamentava, o repórter dava pesos finais à reportagem. Daniel se preparava para desligar quando outra notícia lhe prendeu a atenção.

— Eduardo Bridi, imigrante italiano condenado pelo assassinato do empresário Roger Matarazzo há 20 anos, foi finalmente solto hoje. O crime, ocorrido em 1996, levou Eduardo a 20 anos de prisão em regime fechado após ter sido acusado de executar o empresário a sangue frio, numa viela próxima ao centro de Ribeirão Freire. Enfim, após todo este tempo cumprindo a pena, ele foi liberto e, provavelmente, voltará à Itália nos próximos dias. Mais informações só no RFTV.

Tomado pela decepção, Daniel estava praticamente se mordendo por dentro. Já não bastava a grande reportagem da prisão do prefeito com a sua ajuda, ainda queria garantir mais uma matéria na capa da próxima edição da Gazeta de Ribeirão. A ideia inicial de assistir televisão, ao invés de se lamentar, não estava funcionando muito bem, então apareceu a enfermeira, a mesma que havia lhe trazido o lanche.

— Pode desligar, não estou mais assistindo – falou com um tom de tédio na voz que foi ignorado pela enfermeira. Ela agarrou o controle e desligou a televisão. Daniel decidiu perguntar sobre sua situação. — Quando o médico poderá vir me atender? – indagou em pura afobação. A ansiedade mostrava as suas garras, apropriando-se de sua saúde mental. — Preciso ter alta rapidamente.

— Esta tarde ele vem aqui – informou a enfermeira. — Provavelmente irá lhe receitar analgésicos e um bom tempo de molho em casa.

— *Droga* – continuou ele, reclamando. — Peça para ele vir logo, por favor. Não estou mais suportando ficar longe do meu trabalho.

A enfermeira, que sabia não poder lidar com a chateação do paciente, apenas acenou positivamente com a cabeça, retirando-se um pouco constrangida. Voltando a recostar-se na almofada, devidamente afogada por Clara, Daniel teve que encarar aquilo que tanto lhe acalmava como uma anestesia quanto atormentava

cada pedaço da sua alma: *as tão famigeradas letras “IB”*. Por algum motivo, ele acreditava que aqueles homens tinham morrido por causa disso e precisava descobrir o porquê. Enquanto pensava, adormeceu.

## Capítulo 6

Acordou poucas horas depois com a movimentação dentro de seu quarto. A enfermeira havia retornado e tocava nele com sutileza, sem querer atrair a antipatia do jornalista. Queria chamá-lo para o raio-x. Mesmo com a dor que, apesar de menor, ainda incomodava, Daniel se dirigiu com dificuldade à cabine do exame. Após alguns instantes *intermináveis* dentro da sala que o prendia com todas as suas forças, o médico voltou. As notícias eram animadoras para ele, mas talvez não para o jornalista.

— Boa tarde, como você está? – saudou o médico com cortesia.

— Poderia estar melhor, doutor – resmungou o jornalista.

— Melhor quanto? – continuou o homem, a fim de construir uma empatia.

— Melhor o suficiente para cair fora desse buraco.

Aquilo foi um pouco grosseiro da parte de Meirelles. O médico simpático, apesar da aversão do paciente a ele, decidiu continuar.

— O que aconteceu foi uma luxação no braço esquerdo, devido à queda de mal jeito, e duas costelas fraturadas, mas nada que não dê *pra* se cuidar com alguns anti-inflamatórios e um pouco de fisioterapia – explicou o médico pausadamente, enquanto rabiscava algo no prontuário. — Você ficará aqui por mais dois dias enquanto aplicamos os remédios mais fortes, para agirem direto, e o resto será reparado com as sessões as quais será submetido.

Não conseguia esconder sua frustração, mas não podia bater de frente com o médico. Levado novamente para seu quarto sem o colar cervical, que fazia o papel de lhe imobilizar enquanto estava desacordado, conseguiu um pouco mais de mobilidade. Ainda assim, foram dois longos e intermináveis dias deitado numa cama de hospital, convivendo com a decepção de ser deixado de fora da investigação e da conclusão de sua reportagem sobre a corrupção no poder público, apesar de o dinheiro estar sendo depositado normalmente em sua conta.

Finalmente - *depois de uma eternidade para Daniel* - recebeu a alta hospitalar e... um atestado que o tirava da redação do jornal pelo próximo mês, além de quinze sessões de fisioterapia. Com o braço ainda envolvido em uma tipoia, via-se dentro de seu minúsculo apartamento.

Morava num cubículo posicionado no segundo andar de um condomínio antigo, caracterizado mais como pensionato. A TV de 30 polegadas de espessura fina contrastava com a extravagância de um rack de

madeira, herdado de seu avô, abarrotado de livros que ainda tinha desde a faculdade. Um sofá surrado, que ficava paralelamente a duas poltronas novas, deixava a situação um pouco mais confusa com o novo tendo que coabitar junto ao velho. Algo similar a tese e antítese que seguia gerações ao longo dos tempos, desde a fundação do mundo.

A cozinha e a sala eram separadas apenas por uma modesta bancada de granito alta, onde jantava e até mesmo escrevia. A vida de solteiro não era muito confortável, exceto quando podia encarar fixamente os olhos da detetive, que havia roubado seu coração, em suas escapadas noturnas.

O quarto era uma suíte, não no sentido de ser aconchegante, mas apenas taxado desta maneira porque o único banheiro da casa ficava literalmente dentro do ambiente, roubando metade do espaço que poderia ser de uma escrivaninha.

Podia parecer uma pocilga a seus olhos, mas era dele. Ao menos enquanto não juntava um dinheiro para comprar uma casa própria num ponto privilegiado de Ribeirão Freire. Até lá, tinha que se manter naquele pequeno apartamento.

A dor que sentia provocou-lhe uma espécie de vício em analgésicos e medicamentos de alívio rápido do incômodo. *Qualquer tipo*. Apenas associava as dores à falta de ingestão dos remédios. Desde a notícia da aposentadoria do delegado Schneider, desde a explosão do carro, desde o *IB*, ele não se sentia vivo. Vegetava dias seguidos na esperança de se ver livre daquela penitência que insistia em mantê-lo refém de seu próprio corpo.

Adorava qualquer tipo de folga, mas não uma que o atirasse para fora do que mais gostava, como um jogador em má fase no banco de reservas de um clube de futebol. Precisou procurar refúgio nos pequenos prazeres da vida. Não bebia, não fumava, não jogava, porém, a compulsão por cafeína fazia parte da sua vida e, uma pequena parte dela, estava enfiada dentro de uma xícara que emanava aquele cheiro que o entorpecia, fazendo-o se esquecer do que acontecia ao seu redor.

Foi o que *precisou* fazer, já que Clara não andava mais tanto pelo seu apartamento devido à investigação do incêndio, junto de Maxwell e, do atual delegado, Guilherme Félix. Todo dia, exatamente às seis horas da noite, Daniel metodicamente discava o número da amada e perguntava pela investigação, recebendo um curto suspiro seguido de “*não temos nada*”. Até que, um dia, faltando apenas aquele fim de semana para o vencimento do atestado, a ligação foi diferente.

Encarando uma grande xícara de café com leite, enquanto assistia a um game show aleatório, seu telefone tocou. Desde o acidente, não havia recebido nenhuma chamada, exceto quando ligava torcendo que retornassem à ligação, já que seus *queridos amigos da polícia* não suportavam interromper o próprio trabalho para dar satisfação ao jornalista de molho. Devagar, pegou o celular. Não acreditava que fosse

algo importante, talvez uma cobrança da operadora de cartão de crédito ou uma mensagem gravada da operadora de celular oferecendo algum pacote que não valia absolutamente nada. O número não estava em sua agenda, era desconhecido. Naquele momento, com a curiosidade cativando sua mente, decidiu atender.

— Alô?

— Você vai receber uma ligação em alguns minutos – adiantou uma voz grossa, manipulada, nebulosa. — Dirão que o incêndio no depósito foi acidental e que estão fechando a investigação. Assim saberá que estou falando a verdade.

— *M-mas* o que está acontecendo? – gaguejava sem entender o que estava havendo. — Quem é você?

Não adiantou muito. Logo em seguida a ligação tinha caído e não havia pista alguma de quem estava por trás daquilo. Tudo soava muito estranho, então decidiu pegar o celular e ligar para Clara no mesmo momento em que Max ligava. Por via das dúvidas, decidiu atender.

— Alô? Daniel?

— Diga, Max.

— Sou eu, só liguei para dizer que...

— Que vocês não encontraram nada? – completou a frase, sabendo do que já havia ocorrido. Um sentimento satisfatório correu por seu corpo, mesmo que soubesse da fonte tão controversa daquela notícia.

— Palpite no mínimo arrogante, você não acha, Daniel? – indagou o detetive, suspeitando. — Em que você baseia isso?

O jornalista não podia dar pinta de que havia recebido uma pista sobre aquilo. Teria que enganar Max mais uma vez.

— Foi só um palpite – desconversou, adotando outro tom de voz. — Tenho certeza de que seu pai não deixaria isso acontecer de jeito nenhum, ao contrário desse incompetente do Félix.

— *Aham*, sei, claro que foi...

— Estou falando sério.

— Bem, não é a primeira vez que você debocha do Félix, então nem estranho muito – queixou-se o detetive, ignorando o que houve e prosseguindo com suas descobertas. — De qualquer jeito, liguei para dizer que o caso está encerrado. Era um depósito de água e gás que, acidentalmente, explodiu. Não

encontramos gasolina, fósforo ou qualquer tipo de disparador. Aproveita que está voltando na semana que vem para o jornal e faz uma *curta notinha* em cima disso.

— Claro, vou fazer – disse um pouco mais tranquilo por Max não ter desconfiado de nada, ou talvez, só estivesse jogando com ele.

— Vá descansar com seus livros e dúzias de xícaras de café.

— Pode acreditar, eu vou – retrucou antes de soltar uma risada disfarçada de canto de boca. Max não podia identificar as segundas intenções do amigo pelo simples sinal de celular.

— Tudo bem, Daniel, tenho que desligar. Félix está vindo e não pode saber que tivemos essa conversa porque você *ainda é* consultor externo até que ele revogue a sua licença. Tchau.

*E desligou.* O que aquela voz estranha ao celular sabia que ninguém mais tinha conhecimento? Quem diabos estava do outro lado da linha? E como descobriu que a investigação tinha fracassado em seu objetivo?

As perguntas pairavam sobre sua debilitada mente, como *kamikazes* sondando o alvo antes de se atirarem em seus inimigos sem temer seu destino. Então, o número desconhecido apareceu no visor de novo. A ânsia de aventura e a curiosidade batalhavam dentro da sua mente contra o medo do que poderia lhe aguardar. Tremendo, talvez pela falta de uma xícara decente de café, ele atendeu.

— *A-alô?*

— Isso faz você acreditar em mim agora? – perguntou a mesma voz, usando do recurso irônico.

— Quem é você?

— Não há tempo para isso. Você começou algo que não pode parar, e isso pode destruir todos ao seu redor a qualquer momento.

— Quem você acha que é para me dizer isto?

— Considere-me como o pior inimigo da sua comodidade – discursou pelo telefone de um modo inflamado, emocionado. — Talvez o salvador da sua sanidade. Tem que saber quem fez isso e o porquê, do contrário, não vai demorar para descobrirem que você sabe de alguma coisa, e podem estar planejando atacá-lo. Por isso, tirei as provas da cena do crime. A polícia não pode se meter nisso, é um risco muito grande.

— Você está enganado, amigo. Eu não sei de nada.

— Não venha com seus jogos baratos para cima de mim – repreendeu do modo mais ríspido possível. —

Encontre-me no estacionamento do velho mercado à meia-noite. Não chame ninguém. Ah... leve um bloco de notas e uma caneta também.

— Por quê?

— Você vai me entrevistar – disse a voz misteriosa, antes de desligar a chamada.

# Capítulo 7

Tudo que ele precisou fazer foi pegar sua mochila e seu longo casaco, que estava pendurado atrás da porta do quarto, colocando-o por cima da tipoia e saindo rapidamente do seu apartamento. O bom senso de uma pessoa normal ignoraria aquilo, mas Daniel pouco se importava. Estava convalescendo dentro de casa e morreria se não saísse logo dali. Como não estava em condições para sair de moto, teve que ir caminhando até o velho mercado, distante mais ou menos um quilômetro de sua casa.

O local para onde estava indo era agitado e movimentado no início dos anos 2000, até o dono do mercado se opor à campanha do pai de Luiz Barros e apoiar o candidato da oposição. Dias antes da eleição, teve o carro encontrado no barranco que antecedia a periferia da Vila São João. A explicação foi que o veículo havia perdido o controle e capotado, caindo no grande vão de terra, matando todos os ocupantes. Daniel era novo na época, mas sabia que tinha coisa ali.

Então, lá estava o jornalista indo de encontro ao local combinado, com um braço que insistia em doer sendo ocultado pelo casaco, enquanto tinha que carregar sua mochila, com o bloco de notas e algumas canetas, no outro ombro, arquejando seu corpo e concedendo-lhe uma aparência de corcunda. Por pura precaução, no bolso da frente estava um gravador que poderia servir para descobrirem todo o ocorrido, caso algo desse errado.

Depois de uma caminhada naquele clima frio da cidade, em que cada respiração formava um sopro gélido diante do rosto, o jornalista havia chegado ao ponto combinado. O longo estacionamento, com vagas e mais vagas para carros desocupadas, soava como um filme de terror em que um monstro poderia surgir das sombras, dos locais que não recebiam a iluminação fraca dos velhos postes da rua, e atacar qualquer transeunte desavisado que passasse por ali.

*Talvez a escolha do ponto fosse estratégica. Talvez a voz misteriosa não quisesse ser vista. Ao longe apenas a silhueta do imponente comércio que, nos dias atuais, caindo aos pedaços, era o ponto de encontro para drogados e prostitutas, dentro daquele canto esquecido no centro da cidade. Meirelles pode sentir na pele o arrepio da outra faceta, quase que desconhecida, do seu amado município.*

Virava o pulso volta e meia para conferir as horas. Por precaução, havia saído antes do horário combinado. Odiava não ser pontual, isso fazia parte de sua peculiaridade, similar a uma bomba inflando o seu ego de jornalista bem-comportado. Novamente fitou os ponteiros do relógio que ganhou de seu pai quando entrou na faculdade. O prazo aproximava-se cada vez mais, deixando-o nervoso. Infelizmente, *para ele*, não havia sequer uma alma penada com quem pudesse ser grosseiro para externar sua

inquietação. Já era quase meia-noite de um dia de semana, e até as prostitutas e drogados, que ocupavam o local frequentemente, variavam ao longo da semana. Aquele era um dia de pouco movimento no local.

Ouvindo passos, que provinham das sombras, atentou-se. Aquela figura, com passadas pesadas, marcava ruidosamente o encontro entre ambos, emitindo a melodia ideal para arrepiar cada parte do corpo de quem havia sido chamado. Pouco tempo depois, os passos cessaram. Aproveitando-se do alcance circular do poste, colocou suas pernas dentro do espaço iluminado, enquanto o resto de seu corpo continuava oculto pela fraca luz da lua minguante que predominava pela cidade.

— Que agradável surpresa. Você é bem pontual, não? — disse a voz que, naquele momento, possuía um tom mais grave do que no gancho do telefone público usado para efetuar a ligação.

— Gosto de cumprir com meus horários — retrucou sem dar intimidade ao seu misterioso entrevistado.

— Já que estamos aqui, por que não começamos nossa entrevista? — Tentou apressar as coisas.

— Como vou entrevistar uma fonte que se recusa a conceder o nome para a reportagem? — desafiou Daniel, tentando disfarçar o nervosismo impregnado em sua alma.

A silhueta daquele personagem macabro riu consigo mesmo, adicionando mais sadismo à cena. Naquele instante, a única coisa que iluminava seu rosto era a ponta do cigarro, quase no fim, que dançava entre seus dentes amarelados. Daniel conseguiu ver brevemente quando o entrevistado tomou um isqueiro nas mãos. Jogando a bituca do tabaco para longe, a figura finalmente revelou-se para o jornalista, informando seu real nome.

— Eduardo. Eduardo Bridi.

— Do famoso caso Matarazzo? — perguntou com espanto.

— Sim, eu mesmo — apresentou-se cordialmente. — Muito prazer.

*Daniel mal podia acreditar. Seu espanto era evidente.*

— Como sabe tanto sobre mim e sobre o que eu sei?

— Meu caro Daniel, agora você está tão metido neste caso Matarazzo quanto eu.

As informações chegavam ao jornalista rapidamente, e este sentia-se sufocado pelo fluxo delas. Nada daquilo fazia sentido.

— Só por curiosidade, como *eu* poderia estar envolvido num caso de incêndio há um mês e, também, em um assassinato de 18 anos de idade? - inquiriu, confuso.

Eduardo tirou o tempo para achar graça em tudo ali e puxar mais um cigarro para si, dando a Daniel a oportunidade de avaliar sua fisionomia. Cabeça raspada e olhos repletos de marcas de expressão, que nem sequer continham mais brilho, possivelmente por ter passado quase duas décadas trancafiado atrás de uma grade. Julgou que Eduardo devia ter quase 60 anos, mesmo sabendo que poderia estar errado. Uma das metades de seu rosto tinha sido deformada por uma cicatriz que preenchia todo aquele lado, subindo até o supercílio, como num corte rente de faca provavelmente adquirido na cadeia. Já possuía dificuldades na fala e tossia frequentemente, como se estivesse em um estágio terminal de alguma doença grave. Era magérrimo, e os ossos salientes mesmo com a malha da camisa os cobrindo. *Uma figura cadavérica.*

— É tão simples – argumentava o homem, balançando o isqueiro de bolso do mesmo jeito que se agita uma baqueta de bateria, esperando que fosse mais credível o seu discurso — o culpado é o mesmo.

— Mas, se você estava preso, como poderia ter ateado fogo ao depósito? – continuava a sua sabatina o repórter, com a caneta entre os dentes. Forçava sua compreensão ao máximo por mais que não estivesse entendendo nada.

— Disse que o culpado era o mesmo, mas eu sou inocente do assassinato de Roger Matarazzo.

— *Ah, claro, o mesmo discurso de sempre* – retrucou Daniel, debochando do homem — o sistema sempre está errado, você só era o *cara* errado na hora errada, não conhecia a vítima, e *blá blá blá...*

— Entenda. – Bridi aproximou-se de Daniel como uma professora de primário que tenta explicar o bê-á-bá, como se fizesse completo sentido na sua cabeça. — *EU* matei Roger Matarazzo. *EU* sou o assassino. Mas não sou o culpado.

— Está conseguindo se ouvir, por acaso? – Riu o jornalista. Aquele homem era ridículo.

— Creia, se quiser. – Deu de ombros o suspeito, como se não coubesse a ele a credibilidade de sua história. — Nós dois sabemos que o culpado pelo incêndio também é o culpado pela morte de Roger.

— E quem seria, por acaso? – perguntou Meirelles debochado, duvidando que o homem soubesse mesmo de algo.

— É simples. *Foi o IB.*

Novamente aquelas duas letras perseguindo Daniel, quase como um jogo de gato e rato. Tudo apontava para aquilo, mesmo sem ter conhecimento algum do que significava. Estava no endereço e, naquele momento, era citado pelo Eduardo Bridi como se tudo se encaixasse..., *mas nada se encaixava!* Era um paradoxo que sugava Daniel para dentro de uma prisão psicológica, da qual só se veria livre quando desatasse aquele nó que lhe atormentava. Tinha que inquirir Bridi sobre o significado de IB. Era o seu

momento.

— Quem é o IB?

— Eu não sei.

As possibilidades se esgotaram, e Daniel se enfureceu:

— Como você nem faz ideia de quem seja e acusa com tanta propriedade essa figura?

— Não disse que não faço ideia de quem seja – respondeu, usando novamente seu tom brando. — Disse que não sei quem é.

— Então de que adianta tudo isso? – protestava o jornalista, levantando os braços.

— Não sei quem é. Eu sei o *que* é.

— O que é então?

— Parece ser uma organização ou uma pessoa. Eles que me mandaram matar Roger Matarazzo.

— E por que você o fez?

— O que queria que eu tivesse feito? – gritou o homem. Dessa vez, Daniel conseguiu ver humanidade naqueles olhos marejados pela ocasião. — Eles tinham pego a minha família. *Minha esposa, meus filhos.* Iriam matá-los. Cercavam a minha casa todo santo dia e disseram que, se eu não os pagasse matando o Roger, quem pagaria seriam meus filhos e minha mulher, cada um com uma bala na cabeça. Fui trazido para o Brasil e o matei. *Não tive escolha.* Fui condenado, mas a minha dívida estava paga. Estava trancafiado naquela droga de prisão quando recebi o advogado da minha esposa pedindo o divórcio. Foram 18 longos anos longe deles por causa de algo que fiz e, agora, quero fazer o possível para destruir esses homens.

— Mas como você conseguiu tirar as provas do incêndio lá de dentro? – Surpreendia-se o jornalista, incrédulo com a história que estava ouvindo. Era algo que o ofício lhe obrigava. — Você estava preso!

— Foram 20 anos aqui neste país. Tenho um amigo que sabe da minha inocência e me ajudou a tirar tudo de lá, mas, agora, ele não tem mais posição ou condição de destruir esses malditos ou esse maldito IB – argumentava, agora, com uma pausa longa. A voz embargada, parecendo querer chorar. — Estou voltando para a Itália, a fim de reencontrar minha família e preciso de você para me ajudar a acabar com esses bastardos.

— Por que eu faria isso?

— Esse amigo me disse que viu você na ponte – antecipou, tentando tornar o convite mais atrativo. — A única testemunha do assassinato dos seguranças do prefeito.

— Mas por que aquele endereço no papel?

— Luiz Barros ia entregar o IB, caso fosse preso. Os dois tinham interesse em comum na morte de Roger, e se um fosse preso, o outro cairia junto. — Bridi gesticulava como se um fluxograma digital aparecesse de frente ao jornalista, num passe de mágica. — Aqueles, que mataram os seguranças, tacaram fogo no depósito para que as provas nunca fossem encontradas, mas o meu ajudante tomou os arquivos importantes antes disso. Você precisa falar com ele. É o único jeito de anular essa organização de duas letras malditas, as mesmas que acabaram com a minha vida.

— Mas como vou encontrá-lo?

— Ele irá achá-lo. Está mais perto de você do que pode imaginar.

De repente, o som de pneus de carro derrapando e acelerando com força foram se aproximando dos dois.

— São eles. *Droga, droga, droga!* – reclamou Eduardo em pânico. — Rápido, fuja daqui, Daniel!

— Posso ajudar você. Tenho amigos na polícia que podem salvá-lo, e juntos podemos acabar com tudo isso.

— Não dá tempo, corra agora.

— Não vou deixar você aqui *pra* morrer. De jeito nenhum – respondia em rejeição.

— Vá logo. Apenas prometa que acabará com esses filhos da mãe. - Restou a Daniel acenar positivamente com a cabeça, enquanto ouvia o carro se aproximar mais e mais. — Agora, corra! – O condenado o espantava como se afugenta um cachorro. — Saia daqui.

Daniel foi se afastando o mais rápido que podia, já que ainda estava impossibilitado pelas dores no tórax dada a lesão na coluna. Se corresse *pra* muito longe, eles desconfiariam. Resolveu se esconder atrás de uma caçamba de lixo, no limiar do estacionamento abandonado, que era utilizada para alguns moradores da vizinhança descartarem a sujeira. Logo depois, o automóvel chegou invadindo o estacionamento.

Eduardo ainda estava debaixo do alcance da luz. O jornalista conseguiu identificar o carro, o mesmo sedan que havia visto no mês passado. Os três homens desceram com suas armas fazendo volume por baixo dos ternos caros que vestiam. O líder deles, que sempre se posicionava à frente, tomou a palavra:

— Eduardo, quanto tempo, hein? – Dava para perceber o tom de risada.

— O que vocês querem?

— Avisamos para que não aprontasse *gracinhas* conosco – dizia a voz, intervalada por mascadas de chiclete. — Sabemos que você estava no depósito, tirando o que sobrou. Eu vi.

— Seja homem e fale em sua língua nativa, *maledetto* – desafiou Eduardo, cuspiendo no rosto do líder.

Numa resposta lenta, o homem que teve seu rosto sujo pela saliva de Bridi, limpou-se tranquilamente, antes de descarregar toda a munição no meio da testa do pobre ex-condenado que, agora, não teria mais chance alguma de ir para a Itália e rever sua família.

Daniel literalmente teve que se morder para não os xingar de todos os nomes possíveis. Caso fizesse isso, as balas parariam em sua cabeça. E, a exemplo do que aconteceu na primeira vez, os três apenas deram as costas e se retiraram, dirigindo o carro como se nada tivesse acontecido.

Ainda abalado por tudo que havia acontecido, restou ao jornalista ligar para a emergência e forçar uma voz diferente para que não fosse reconhecido. Clara, Max e Félix nunca poderiam saber que ele esteve ali. Temeroso, saiu correndo pela noite, sem esperar que os barulhos de sirena da polícia rasgassem cada pedaço de tranquilidade.

# Capítulo 8

O despertador do celular começou a tocar, irrompendo o silêncio instaurado naquilo que Daniel tinha coragem de chamar de quarto. Sua mão, emanando do amontoado de cobertores, foi procurando pelo aparelho, a ponto de esmurrá-lo se fosse possível. Era uma segunda-feira, seu primeiro dia de volta após o vencimento do atestado ou, no caso dele, aquilo que fora seu último de ‘*castigo*’. Então, lembrou-se do que tinha sonhado. Estava envolvido numa rede de intrigas gigantes e um homem havia morrido por sua culpa. Parecia um roteiro digno de cinema, para ele.

Rindo sozinho, foi ao banheiro para lavar o rosto. Por mais incrível que parecesse, sentia-se melhor naquela manhã, mais vivo do que nunca e ativo de um jeito que não experimentava desde que foi deixado de lado por causa da explosão. Enquanto escovava os dentes, notou que sua bolsa estava jogada ao chão com o bolso aberto, deixando à mostra o gravador de áudio que começou a tocar tudo que havia sido registrado na noite anterior.

Ao ouvir todo o diálogo, um filme começou a passar em sua cabeça com cada pedaço daquela noite sendo reconstruído dentro de sua mente. Quando a parte dos tiros foi reproduzida, sentiu como se ele próprio estivesse sendo fuzilado. *E, por algum motivo, os tiros não paravam...*

Até que saiu do transe, reparando que o que tocava ao fundo era o som de seu celular, indicando uma ligação de Max, com sirene e tiros. Referências e piadas internas entre os amigos. Antes de atender a chamada, apanhou o gravador e o colocou no bolso da camisa. Sempre o carregava ali, como um modismo.

— Alô? – falou a voz do outro lado.

— Alô? – atendeu assustado.

— Daniel, sou eu, o Doutor Schneider. Digo, o ‘*ex-doutor*’ Schneider – respondeu a voz calma do antigo delegado da cidade, gargalhando logo após.

— *Ah...* oi, doutor. Em que posso ajudar? – indagou mais tranquilo. Que mal haveria em ter o delegado falando consigo?!

— Estou precisando de você aqui. Apenas um assunto não resolvido, coisa simples. Será que poderia vir ao café da Marla?

— Claro. Vou pedir ao Max para me dar uma carona.

— *NÃO* – disse o pai do seu melhor amigo quase gritando, o que fugia de seu calmo tom de voz. A tentativa de se consertar, logo depois, levantou suspeitas em Daniel. — Digo, não. Meu assunto é com você, não envolve ele.

— Então tudo bem... chego já. Tenho algum tempo antes de ir *pra* redação do jornal – explicou o jornalista, desligando o celular logo em seguida, um tanto desconfiado das intenções do delegado. Ainda assim, não acreditava que o magnânimo doutor Leonardo Schneider, ao qual ele tanto prezava, fosse lhe fazer algum mal.

Antes de encontrar o doutor, foi ao posto de saúde trocar o curativo da costela e, finalmente, tirar aquela tipoia – sua companheira *desagradável* por um longo mês. Após concluir todos os procedimentos no posto próximo à sua casa, retornou em sua morada a fim de ir de moto ao café da Marla, que ficava a poucos metros da redação do jornal. Passando quase que em ziguezague pelo intenso trânsito do centro da cidade, Daniel chegou ao local combinado.

O Café da Marla ou *Dona Marla*, como ele gostava de chamar, tinha aquele climão *diner* que predominou nos Estados Unidos na década de sessenta. Desde o piso quadriculado, como se fosse uma bandeira de corrida, à vitrola quase que em cima da porta do banheiro. As banquetas giratórias juntas à bancada longa do restaurante abrigavam caminhoneiros e pessoas que não tinham dinheiro suficiente para saciar a fome em estabelecimentos mais sofisticados. De qualquer jeito, o Café da Marla era um recanto inspirador para Daniel. Um pedaço de outro mundo, posicionado dentro de Ribeirão Freire, que o fazia amar aquele minúsculo restaurante.

Primeira coisa que fez foi caçar com os olhos o local mais próximo da janela, para que tivesse a chance de encarar o escritório do jornal. Aquilo sempre o ajudava a se inspirar antes de um longo dia enfurnado em meio a papéis e longas matérias para o jornal. Além de ser seu lugar favorito, ainda podia sentir o aroma do café que saía direto da cozinha. Não demorou muito para encontrar seu local, que para sua sorte estava desocupado. Caminhando pelo corredor entre o balcão e a mesa, cumprimentou a atendente, conseguindo visualizar o pai de Maxwell já ali, esperando-o.

— Bom dia, Daniel. Sente-se, por favor.

— Bom dia, doutor – cumprimentou educadamente, com uma mesura em respeito ao ex-delegado.

O silêncio instaurou-se por alguns instantes, sendo perturbado apenas pela agradável melodia de uma canção antiga de jazz que tocava na vitrola. O velho Schneider puxou a conversa.

— Você não simplesmente ama o aroma desse café? É revigorante antes de um dia longo.

— Pois é... – concordou um tanto desconfortável. Por que chamar alguém para ter uma conversa séria e depois fugir do assunto?

O diálogo tornava-se mais tenso à medida em que o delegado empregava longas pausas para dar um gole no café. Daniel o conhecia. Era o prenúncio de que algo lhe tirava o sono.

— Sei que está curioso sobre o porquê lhe chamei.

— Era exatamente o que ia dizer agora. *O que houve?*

— Ficou sabendo o que aconteceu ontem? O *cara* que matou Roger Matarazzo foi encontrado morto...

— Trágico, não? – indagou num tom um pouco debochado, o que fez o silêncio retornar.

O jazz, ao fundo, marcava a ocasião com sua melodia profunda e suave, apesar do rumo que a conversa tomava. Novamente, de maneira súbita, o homem trocou de assunto.

— Daniel, você sabe como é ter a culpa de algo em suas mãos e hesitar na hora de consertar tudo? – perguntou o homem, como se falasse de uma experiência compartilhada.

— Já passei bastante por isso – comentou, dando uma golada no café. Muito melhor do que aquele de quinta categoria estacionado no armário da cozinha de sua casa. — Por quê?

— *Estou passando por isso agora.* - falou, desviando o olhar, distante, preocupado.

— Com o quê? – inquiriu o jornalista.

— Com você. – O rapaz se espantou.

— *Comigo?*

— Sim. Isso mesmo. – A postura inquisitória do delegado, por mais que enferrujada, marcava presença em toda sua imposição. — Sei que você se encontrou com Bridi ontem. Não tente mentir para mim.

— Não, não me encontrei – retrucou contrariado. O pai de Max sabia demais, e Daniel começou a achar que sua própria vida estava em risco — e, com todo o respeito, *seu* Leonardo, se por um acaso eu tivesse me encontrado com essa pessoa, seria da sua conta?

— Seria sim, Daniel – dizia enquanto balançava a cabeça. — Eu sou o amigo de quem ele falou.

— Isso não é possível.

— Sabia da inocência dele – tentou se explicar o homem. — Era apenas um agente carcerário na época, e, como geralmente ele ficava sozinho, conversava comigo.

— Até parece que um *canalha* daquele era inocente – protestou o jornalista, tentando se valer de uma atuação barata. Queria ter certeza de que o delegado defenderia Bridi com unhas e dentes.

— Não fale dele assim! Eduardo me avisou que falaria com você, ligou para mim dizendo que queria alguém da polícia para ajudá-lo a provar sua inocência, mas estou fora. Fora! – enfatizou o delegado, visivelmente emocionado pela incapacidade de ajudar o próprio amigo. — Fui eu que passei seu número, disse que você poderia ajudá-lo. Vamos lá, estou falando mais sério do que nunca, Daniel.

— Sim, isso já ouvi – cortou Daniel, agarrando o copo de café com força e se encurvando um pouco mais para ouvir melhor o que estava sendo dito ali pelo ex-delegado — mas, por que o senhor nunca levou nada a público?

— Em qual testemunho você iria acreditar, Daniel? – perguntou, exibindo uma situação controversa para a escolha do jornalista. — Num composto pela família do prefeito e seus inúmeros advogados ou por um pobre condenado que *confessou* ter matado o empresário? Durante todo este tempo, precisei reunir provas para pegar os Barros, até que você fez isso por mim.

— Mas aonde o depósito incendiado entra nesta história?

O delegado olhou de um lado para o outro e baixou a cabeça, assim como o volume de sua fala. Não queria por nada a perder.

— Ali era uma das empresas que venciam as licitações, responsáveis pelo desvio de dinheiro do poder, sem falar que era o reduto dos Barros, onde estavam todas as provas, inclusive a que comprovava o envolvimento do IB, o que quer que isso seja – o homem adiantava toda a história para que não parecesse tão nebulosa e de difícil compreensão. Mas, ainda assim, parecia em vão desfazer as mazelas daquele mistério. — Foi exatamente o que Bridi me disse sobre a época em que trabalhou forçado para eles. Quando você saiu, sabia que os capangas iriam ao depósito, pegariam as provas da morte do empresário e chantageariam os culpados. Mas eles se anteciparam, ateando fogo no depósito. Tenho quase certeza de que eles eram os *caras* do carro que você disse ter visto na ponte, os mesmos que mataram o *Fera*. É assim que você chama, não é?

— Isso, isso.

— De qualquer jeito, consegui salvar isto aqui do incêndio – falou discretamente enquanto puxava uma pasta de dentro de seu terno, como se não quisesse que ninguém visse o que estava acontecendo. — *Droga*, Daniel... sei que estou fazendo isso errado e que deveria ter entregue isto ao Félix, afinal, ele é o delegado agora, o homem de confiança. Mas você está metido nisso até a tampa, então, faça por mim aquilo que não pude fazer durante todo este tempo em que servi à polícia. Pegue esses bastardos.

— Pode deixar – respondeu, assumindo a responsabilidade. — Dependendo de mim, vou desmanchar tudo isso. Eles vão pagar.

— Antes que você saia, Daniel, faça-me um favor – pediu Leonardo, agarrando forte no pulso do jornalista. — Não deixe Maxwell se envolver demais nesta história. Conte com a ajuda dele *indiretamente*, mas não quero nada da polícia, isso está longe do alcance deles. Não apenas não há ninguém lá com a sua visão para essas coisas, como também não quero meu filho metido nisso. Na verdade, nunca quis nem que ele saísse do laboratório da perícia *pra* virar detetive. É um cargo bem ingrato, além de dar margem para a persistência dele. Por isso, tenha cuidado, pelo amor de Deus.

— Eu terei, doutor. Fique tranquilo. O senhor não vem agora?

— Não, não – argumentou, sorrindo levemente. — Vou terminar meus ovos com bacon, depois vou para casa. Desde a minha aposentadoria, não tenho nada para fazer, então, ficarei por aqui.

— Tudo bem.

Daniel foi em direção à bancada a fim de quitar a contar com Dona Marla. Com um gesto, a atendente empurrou a comanda que indicava quatro reais e cinquenta centavos, sem contar com a refeição de *seu* Leonardo. Enquanto puxava a carteira do bolso, ouviu um barulho estranho, mas que julgava bastante familiar.

O trânsito do lado de fora tinha carros e motos passando calmamente diante do cruzamento que separava as ruas, até que um ruído se destacou na sinfonia do centro. Um carro em disparada surgiu com os vidros abaixados, aproximando-se do restaurante. Podia ser nada, porém o jornalista enxergou o cano de uma submetralhadora emergindo para a janela. Seu único reflexo foi gritar imediatamente:

— TODO MUNDO PARA O CHÃO.

Os gritos predominaram na lanchonete, que antes era um santuário de tranquilidade, seguido pelos tiros e pelo som dos vidros se estilhaçando. Durante alguns segundos, tudo que se podia ver e ouvir era o terror materializado naquele atentado à vida de várias pessoas que, em suma, estavam ali apenas para tomarem seu café da manhã.

Após os instantes intermináveis da tirania que se instaurou no local, os ouvidos de Daniel zumbiam de uma maneira atordoante. Ao abrir os olhos, o cenário era de guerra. Pessoas ao chão com as mãos na cabeça, apavoradas, enquanto outras estavam ensanguentadas pelos estilhaços dos vidros que atingiram seus corpos, desenhando a tonalidade escarlate do sangue no chão ladrilhado da lanchonete e destruindo sua formosura. O primeiro impulso do jornalista foi procurar Leonardo que, naquele momento, estava atirado ao chão, agonizando.

— *Seu Leonardo* – gritou ao ver o estado do homem.

Debaixo do terno, a camisa branca, que havia vestido com todo o cuidado antes de sair de casa, transbordava em sangue, cuja fonte era um buraco enorme no peito feito por uma bala. Daniel começou a pressionar a ferida enquanto alguém, que havia escapado com poucas escoriações, discava para a ambulância por causa do alto número de feridos.

— Sabia que isso aconteceria uma hora ou outra – balbuciou com certa dificuldade.

— Não se esforce em falar – sugeriu o jornalista, apesar de ter soado como um grito de desespero, dada a sua preocupação com o homem. — Vamos tirar o senhor daqui. A ambulância está chegando.

— Não adianta tentar, Daniel – repreendeu o ferido com dificuldade. O jornalista deduziu que o sangue começava a inundar os pulmões do delegado aposentado. — Chegou a minha hora mesmo.

— De jeito nenhum – naquele instante, parecia que era o jornalista quem dava as ordens, repreendendo o homem. Negava-se a acreditar que ele fosse morrer ali. — Vamos levar o senhor para o hospital, agente firme.

Schneider já engasgava, dando alguns espasmos.

— Faça aquilo que não fiz – pediu com a voz embargada contra a sua vontade. — Dê um basta nessa matança. Diga ao Max que eu o amo demais para envolvê-lo nisso.

— Do que o senhor está falando, doutor? – voltava a gritar o jornalista, desta vez com os olhos marejados. — Vamos lá. Agente.

O peito cessou a atividade, assim como as funções vitais do corpo. Aquele homem, que por vários anos serviu com honra à polícia daquela cidade, foi brutalmente assassinado naquilo que tentaram mascarar como um atentado. Uma morte injusta para um servidor ávido da justiça. Apenas coube ao jornalista fechar os olhos daquele indivíduo que o tratou como um filho durante todo o tempo.

Seu rosto arranhado contrastava com as lágrimas que corriam vastamente pelos olhos, em sinal de luto. Era um choro de desabafo e de raiva. A partir daquele instante, aquilo se tornava pessoal. Meirelles não mediria esforços para ver cada indivíduo pagar por seus pecados, nem que, para isso, fosse preciso atirá-los ao inferno.

# Capítulo 9

Em questão de minutos, viaturas, ambulâncias e curiosos se aglomeraram em frente ao restaurante. Como todo o incidente havia ocorrido praticamente do outro lado da rua da redação do Gazeta, os jornalistas do tabloide se acotovelavam para conseguir um ângulo privilegiado que contasse com destroços, feridos e uma quantidade absurda de sangue que poderia muito bem servir como um tapete escarlate macabro e assustador composto por plasma seco daqueles que estavam na hora e no lugar errados.

Daniel começava a entender um pouco da situação. Havia muita gente querendo calar qualquer um que se atrevesse a ser um empecilho na tarefa de apagar os restos daquele crime nefasto. Tratava-se de um paradoxo assustador, já que para encobrir um crime, cometiam outros, o que aumentava a expectativa do jornalista de poder destruir todo o esquema.

Sentado na soleira da porta da ambulância, sendo atendido por um dos socorristas, ele estava bem externamente, apenas com algumas escoriações e um curativo enorme embaixo do olho, onde um vidro o havia cortado profundamente. No entanto, a situação *psicológica* do jornalista não era das melhores.

As desgraças assolavam sua vida em sequência, sem lhe dar a chance de voltar a superfície e respirar, como se todos os pecados do ser humano fossem descontados de uma vez só. Procurando evitar o contato visual com o local que quase ceifou sua vida momentos antes, Daniel olhava para o grande prédio do jornal, focando na janela pela qual tinha se projetado para fugir da morte iminente.

*Quem diria que ela o alcançaria de novo, e o pior, sucessivamente.*

Ao longe, via outra viatura chegando. Maxwell e Clara estavam dentro dela enquanto Félix tinha ficado no escritório para resolver alguns problemas burocráticos. Max não sabia de nada ainda e abordava o caso como se fosse qualquer outro, coisa que mudou de panorama quando enxergou Daniel. Algo lhe dizia que o jornalista não estava no local para fazer uma reportagem.

— Daniel, o que está fazendo aqui? — chocou-se Maxwell. — Você não deveria estar no escritório uma hora dessas?

— Max, eu... — as pausas eram involuntárias, não conseguia falar sem soluçar — não sei como dizer isso.

— Dizer o quê?

— Veja você — afirmou, apontando para a equipe do necrotério que levava a única vítima fatal daquele atentado.

— Tudo bem, eu vou lá – disse, estranhando um pouco a ocasião. — Enquanto isso, detetive Andrade, você poderia colher testemunhos?

— Sim, pode ter certeza de que farei isso – respondeu ela, antes de se voltar para Daniel, agarrando o inseparável bloquinho de notas do bolso. — Começando por este aqui. Daniel Meirelles, jornalista. Então, senhor Meirelles, o que viu?

— Clara, eu vi um carro e....

— Detetive Andrade, por favor – corrigiu com o dedo indicador erguido para cima em sinal de repreensão. — Tenha um pouco mais de respeito, estou trabalhando.

— OK... Clara, estava dentro do café da Marla com o doutor Leonardo Schneider quando...

— *O quê?* O doutor Schneider? – admirou-se a detetive. Não era comum uma convenção entre um ex-delegado e um jornalista àquela hora da manhã. — Você estava com ele a essa hora?

— Ele me ligou. *Negócios* – respondeu, disfarçando um pouco, olhando para o lado para evitar o contato visual. — Enfim, estava com o doutor Schneider no momento em que apareceu um carro preto em alta velocidade, rasgando a rua.

— *Continue...*

— Eles tinham uma arma e....

— Encontraram alguma coisa? Sim? Daniel, só um instante, tenho que ver o que eles acharam – avisou Clara, afastando-se.

O jornalista ficou ali, fitando o horizonte. Ainda inconsolável, recusava-se a desabar em lágrimas. Num segundo, sua atenção foi capturada por algo um tanto indesejável.

— *Oh, oh* – disse em reprovação ao ver Maxwell conversando com uma das atendentes do restaurante enquanto virava a cabeça para olhar Daniel, dirigindo-se a ele logo depois.

— SEU GRANDE FILHO DA MÃE – falou Maxwell, chegando perto da ambulância, possuído pela cólera mesmo que lágrimas escorressem vastamente por seu rosto. Aquelas palavras foram a última coisa que o jornalista ouviu antes de o detetive acertar-lhe um soco no rosto, bem em cima da cicatriz provocada pelo vidro. Sem dar tempo sequer para os receptores de dor entrarem em atividade, o ‘*seu amigo*’ lhe agarrou pela lapela do casaco e o suspendeu contra a parede do veículo. — O que você queria com ele? Por que ele estava com você? *Por quê?!*

— Não posso dizer, Maxwell. Desculpa – negou o jornalista inicialmente.

— NÃO PODE UMA OVA – esbravejava o jovem policial, acertando o torso do repórter com joelhadas e chutes. — Você vai me dizer e agora.

— Eu juro, não posso – continuava a negar, embargando a voz.

— *Como não pode?! Ele morreu por sua causa, seu bastardo filho da mãe, desgraçado.* – Naquele instante, ele atirava Daniel ao chão com a arma em punho, mirando na cabeça de seu melhor amigo. Max estava possuído pela dor da perda do pai. — Ou você me conta *agora* ou vou puxar esse gatilho e estourar a sua cabeça em milhões de pedacinhos, e Deus sabe o quanto de prazer vou sentir nisso. Vou perguntar de novo: *por que estava com ele?*

— Me perdoa, Max, não posso contar. – Daniel ouviu o som do gatilho sendo preparado e sentiu o cano frio da arma encostado no meio da sua testa.

— Só mais uma chance. Por que ele estava com você?

Naquele momento, as lágrimas do rosto de Max já respingavam por todo o chão enquanto o público, ao redor, apenas achava que o detetive estivesse dando um *corretivo* num possível suspeito.

— Não posso contar porque ele pediu que eu não revelasse. Seu pai implorou para que eu não envolvesse você nisso.

— *Mentira, mentira, mentira...*

Daniel lembrou-se do gravador no bolso da camisa, que esteve ligado aquele tempo todo. Tremendo, com o rosto machucado e chorando tanto quanto aquele que o ameaçava, o jornalista apenas esperava que Max disparasse a arma a qualquer momento quando ele retirou o aparelho e o rebobinou um pouco. Apertou o play no exato momento em que o ex-delegado pedia o favor. Ao ver todo o acontecimento de longe, a única coisa que veio à cabeça da detetive Andrade foi gritar:

— Com mil diabos, que porcaria é essa, Max? Abaixei essa arma. Que droga!

Ignorante ao protesto de Clara, o que o fez parar foi a gravação. Ao ouvi-la, Max largou a arma e desabou para o lado, chorando compulsivamente como se alguém tivesse lhe atravessado com uma grossa espada, destruindo-o por dentro.

Daniel cuspiu um pouco de sangue, dado às prováveis lesões internas provocadas pela violência – um tanto gratuita do detetive – e levantou-se com a ajuda de Clara. Em vez de entrar na ambulância, apenas deu meia-volta e se escorou nela, deixando seu corpo cair suavemente até que estivesse sentado ao lado de Maxwell.

— Max, desculpa... *desculpa mesmo, cara.* Tentei impedir. Eu tentei. Mas tudo foi muito rápido, *cara,*

me desculpa.

— A culpa não é sua – retrucou, passando a manga pelo rosto, tentando recompor-se visualmente.

Parecia uma criança que chegava em casa chorando, após sair para jogar bola e arranhar o joelho, pedindo o socorro dos pais, a fim de que lhe acudissem. Max realmente esperava que Daniel ficasse com raiva dele, mas o sentimento era de compreensão, do jeito que faz alguém que entende o que o outro está passando. Algo estranho à indiferença que o jornalista apresentava no resto das ocasiões.

Numa visão de quem está sentado atrás de uma tela de cinema, Maxwell viu todos os momentos bons - *e os ruins* – que havia passado com seu pai. Um devaneio que o arrebatou conscientemente de onde estava. Por alguns minutos, aquele era o santuário particular do policial com seu progenitor, que durante toda a sua vida esteve com ele, desde quando sua mãe tinha morrido no parto de seu irmão mais novo. Foi uma luta ferrenha para o pai solteiro que cuidava de duas crianças sozinho e ainda aliava tudo aquilo à rotina exaustiva da polícia.

Aos poucos, parecia recobrar a consciência. Viu Daniel sair da ambulância, desta vez com alguns curativos no rosto e no corpo, enquanto conversava com Clara, no exato momento em que o delegado Félix apareceu no local, passando por baixo da fita e se direcionando aos dois.

— Acho muito bom que alguém me conte o que está acontecendo aqui – exclamou Félix com aquela animosidade na fala.

— Doutor Félix, o que aconteceu foi que...

— Não perguntei a você, detetive Andrade – cortou ele rispidamente, virando-se para Maxwell — Estou falando com o detetive Schneider.

— Nada, doutor. Apenas estou tomando um ar antes de voltar à cena do crime – respondeu, mentindo, ainda com a voz embargada.

— Andrade, qual o nome da vítima, por favor? – pediu o delegado, olhando para sua detetive subordinada e para o jornalista por cima do ombro.

— Leonardo Schneider, 65 anos.

Para um homem da postura do delegado Félix, que é acostumado a ver desgraças, o assombro foi evidente. Não pela comoção, mas sim pela frieza.

— Então, quem está ali naquele saco é o seu pai, Maxwell? – perguntou apontando para o corpo do seu antigo mentor, como se fosse um objeto.

— Sim, doutor, é sim – retrucou Max, limpando as lágrimas.

Como Daniel nunca havia visto antes, Félix respirava fundo e pausadamente, sem afobação. Num tom autoritário, determinou:

— OK, entendo. Detetive Andrade, se esse indivíduo que você está cuidando já prestou o testemunho e também já realizou os primeiros socorros, dispense-o. Não quero nenhum tipo de mídia sensacionalista por aqui.

Daniel já estava preenchendo os pulmões de ar, prestes a gritar com o delegado, quando Clara repousou a mão sobre o peito dele com um gesto negativo em seguida, pedindo que ele não fosse em frente com aquilo. Guilherme, já voltando a conversar com o detetive, deu a última palavra:

— Detetive Schneider, vá à DP e deixe sua arma e seu distintivo.

— *M-mas, por quê?* – tentava argumentar como uma criança que questiona o seu castigo.

— Você está muito envolvido com o caso, e isso foge à imparcialidade que tanto zelamos aqui na polícia. Então, estou afastando-o não apenas deste caso, mas também da polícia, até que essa investigação seja concluída. Não me conteste.

— Mas quero pegar quem fez isso com meu pai!

— Eu sei, e vamos fazer isso – pronunciou o delegado, tentando acalmar os ânimos, coisa que não era do feitio explosivo do *tão carrasco detetive Félix* —, mas sem você. Não me desobedeça. Está de licença por tempo indeterminado, e só a revogarei quando o inquérito for fechado.

Aquilo foi o bastante para Daniel, que não suportava ver o seu melhor amigo ser subjugado daquela maneira.

— Ele não vai fazer isso.

— *O quê?* – espantaram-se os três.

— Félix, você está surdo ou se faz? – esbravejava o jornalista, quase socando o ar em fúria. — Disse que ele não vai fazer isso. Conheço Maxwell, é muito insistente para desistir disso de primeira, ao contrário de você. Provavelmente, ele voltará para a polícia dentro de algumas horas, até mesmo porque você é um brutamontes engomadinho burocrático que deve achar que *brainstorming* é um prato de fast-food. Esse *cara* vai escavar até a China, se for preciso, para fazer com que cada um desses malditos, responsáveis pela morte do pai dele, sejam postos atrás das grades para o resto de suas vidas.

— Pelo amor de Deus, alguém tira esse imbecil daqui, por favor? – reclamou o delegado, exigindo a

ação de alguém o mais rápido possível. Aquele jornalista, que tanto desprezava, tinha acabado de dar um choque de realidade em seu orgulho.

— Daniel, vamos embora. Quer mesmo ser preso? – sussurrou Clara, procurando arrastar o jovem para longe do local.

— Daniel, está tudo bem, não tem problema. Estou de saída já – cortou Maxwell completamente alheio a toda a ocasião.

—Muito prudente da sua parte, detetive Schneider – completou Félix, quase comemorando a *voluntariedade* de seu subordinado.

— Se me dão licença, já vou indo.

— Quer uma carona, Max? – ofereceu o jornalista, mais como compensação do que realmente pela intenção de levá-lo para casa.

— Não. *Valeu* – respondeu desolado, passando despercebido longe da multidão de curiosos que se aglomerava ali.

— Detetive Andrade, poderia fazer a gentileza de arrastar esse verme para longe daqui, antes que eu o ponha na cadeia por desacato?

— Não precisa – cortou o jornalista, desvencilhando-se da policial. — Agradeço a ajuda, mas já estou de saída. Tenho coisas mais importantes a fazer do que simplesmente apontar os milhões de erros que essa delegacia vem cometendo desde que foi para as suas mãos.

Voltou ao café da Marla e, após uma breve discussão com um policial desavisado, agarrou suas coisas – *incluindo a pasta de provas* – e atravessou a rua para o escritório do jornal. Chegando lá, trabalhou normalmente o turno matutino, apesar de ter parecido o dia de trabalho mais longo da sua vida.

À tarde, a então prefeita Ana Catarina – que se tornou oposição após a conclusão do processo de cassação por corrupção contra o ex-prefeito – decretou o luto pelo resto do dia devido à morte do ex-delegado Leonardo Schneider. Algumas empresas dispensaram seus funcionários por causa daquele fatídico dia, entre elas a Gazeta de Ribeirão.

O corpo ainda seria enterrado no final da tarde, sem poder ficar muito tempo sendo velado, naquilo que foi uma decisão conjunta de Max e seu irmão. Uma cerimônia restrita a amigos, ex-colegas de trabalhos e familiares do falecido foi realizada rapidamente. O cortejo fúnebre saiu pelas ruas mais fechadas da cidade, aquelas que levavam mais rápido ao cemitério, já que a polícia queria evitar um possível novo atentado.

Daniel acompanhava o cortejo de longe, tentando não ser visto por Max ou por seu irmão, para evitar mais desconforto. A lembrança de ter a arma do detetive, que mais prezava dentro da corporação, apontada para sua cabeça ainda lhe atormentava.

Quando o corpo chegou ao cemitério, beirava o anoitecer na cidade que, apesar de ter noites agitadas, estava deserta devido ao luto e também por ser uma segunda-feira, dia a ser ignorado pelos boêmios de carteirinha que faziam parte dos diversos bares, boates e restaurantes do local. Durante toda a cerimônia, Daniel ficou à espreita, aguardando o encerramento e a dispersão dos presentes para finalmente prestar as homenagens ao falecido doutor Schneider.

— Grande doutor Schneider – disse ele, literalmente conversando com a lápide do falecido. Jogou flores sobre sua tampa em sinal de respeito. — Só vim aqui para lhe agradecer. Você me deu a chance e os recursos para pegar esses desgraçados, que não apenas fizeram isso com o senhor, como também com seu amigo Eduardo. Sempre admirei a sua conduta, sua paz e calma na voz, os frequentes gestos altruístas e as vezes em que *segurou a barra* para não me jogarem dentro da cela fria da sua DP – Nesse instante, o saudosismo explodiu em lágrimas silenciosas, forçando inspirações profundas do rapaz desolado. — *Ah, doutor Leonardo*. O senhor vai fazer muita falta por aqui, pode acreditar. Gostaria de me desculpar por todos os momentos em que o irritei ou que quis confrontar sua autoridade. *Sei que não foram poucos*. Na verdade, finalmente poderia lhe dar descanso, deixá-lo viver no lugar onde está, mas, na falta de alguém para desabafar, a sua presença por mais que não consciente me clareia as ideias. Acho que seu filho nem sabe que o próprio pai morreu de maneira digna, sem se dobrar diante da corrupção e da maldade que ronda esta cidade. Acho que Maxwell teria orgulho em saber que o pai morreu defendendo aquilo pelo qual mais lutava: *o servir e proteger*. Obrigado mesmo, do fundo do meu coração. *Ah, e quanto à promessa, pode deixar comigo*. Não vou permitir que nada de ruim aconteça com Max. Não que ele precise de mim, claro. Adeus, doutor Schneider.

Depois deste discurso emotivo e sincero, apesar de estar praticamente sozinho no local, Daniel ia se retirando quando se deparou com Maxwell, escorado no enorme portão de ferro que separava o cemitério da rua.

— O que está fazendo aqui, Max? – espantou-se.

— Vinha apenas dar uma última checada no papai até ver você aqui e decidir ficar ouvindo – argumentou o detetive com lágrimas nos olhos. — Daniel, desculpe-me por mais cedo.

— Ah, não precisa. – Desconsiderou com um gesto.

— Sério mesmo. Ali não era eu – cortou o detetive com um sorriso de canto de rosto. Ainda estava abatido, com as cicatrizes daquela ocorrência que perturbava o antro da sua alma. — *Ah, aliás, aqui está*

o seu gravador.

— Meu gravador? – assustou-se o jornalista.

— Você tinha me entregado – explicou o policial enrubescido. — Ouvi toda a conversa e, agora, tenho a maior certeza de que quero ajudá-lo a pegar esses *filhos da mãe* que fizeram isso com meu pai.

— Max, eu não posso – respondeu Daniel, tendo de argumentar com o amigo que, naquele momento, não era somente tomado pela tristeza como também pela ânsia de fazer justiça com as próprias mãos. — Prometi ao seu pai que não o meteria nisso.

— Na verdade, não – retrucou, tomando o gravador da mão de Daniel e o rebobinando até a parte em que seu pai pedia ao jornalista a ajuda de Maxwell, porém não envolvesse a *polícia* no assunto. — Ele não queria o envolvimento da polícia, mas, enquanto isso, não sou policial.

— *Não é?*

— Fui colocado de licença contra a minha vontade. Posso estar fazendo isso errado, mas a única coisa que quero agora é justiça. – Inflou o peito num discurso de tom determinado. Não seria fácil dobrar o policial. — Você sabe o que é ter tudo que acredita jogado de lado de uma hora para outra? Desde criança, sempre acreditei que *caras* como o meu pai seriam laureados por tudo que fizeram por esta droga de cidade, mas é completamente ao contrário. Quando não ganham uma plaquinha de bronze falso ridícula dizendo que são gratos pelo serviço longo deles, ganham uma bala no peito. De que adianta eu ficar andando por aí com um uniforme, um distintivo e uma pistola se não posso usar para mudar nada nesta droga de mundo?!

— Ninguém nunca disse que o mundo era justo – repreendeu Daniel. — Ele é torpe, impiedoso e injusto, porém não podemos fazer nada para mudar isso, Maxwell.

— O mundo não podemos mudar – disse determinado, com a mesma sobrancelha franzida que marcou presença quando foi visitar Daniel no hospital —, mas esta cidade podemos e vamos fazer justiça pelo meu pai. Chega dessa tirania que nos deixa acuados dentro de casa, com medo de pôr o pé para fora de nossas residências.

— Talvez não saíamos vivos dessa.

— E daí? Dane-se tudo – gritava, erguendo os braços enérgico. — Estou cansado de aceitar tudo, de apenas ficar assistindo à vida me amordaçar e cuspir na minha cara dia após dia. *O que me diz de sair por aí chutando umas bundas e virando esta droga de cidade de cabeça para baixo?*

Daniel ergueu a cabeça e olhou por cima do ombro, mirando o túmulo do Doutor Schneider.

— Me perdoe, doutor, é mais forte do que eu.

— O convite está expirando: aceita ou não? – perguntou Maxwell, apontando, por cima do ombro, com o dedo polegar esquerdo para o próprio carro do lado de fora do cemitério.

— Acha mesmo que vou recusar?

— Então, vamos lá, Daniel.

Lá se foram os dois, entrando no carro popular que os primeiros salários como investigador puderam pagar. Aquilo foi uma dose nostálgica da amizade dos dois, afinal, eram mais de dez anos de ‘parceria’, já que estiveram juntos durante todo o ensino médio. Dali foram longos anos de companheirismo, cada um destacando-se na sua respectiva área. Maxwell pendia para o lado da lei, enquanto Daniel sempre foi adepto da comunicação. As divergências haviam, claro, como é usual em toda relação, porém nunca deixaram de se falar. Aliás, desde o famigerado caso de suicídio – *que, na verdade, tinha sido um assassinato* – no escritório do jornal, Max havia sugerido o amigo como consultor externo da polícia, o que sempre foi um aditivo nas tão aclamadas e detalhadas matérias sobre investigações de assassinatos publicadas por Daniel no jornal. Desde então, eram frequentes as vezes em que ambos trabalhavam ‘juntos’, com o jornalista sendo de grande auxílio para polícia. Entretanto, a partir daquele momento eram apenas os dois.

Dois indivíduos completamente revoltados e sedentos por vingança que seriam caçados tanto pelos policiais quanto pelos criminosos. Talvez, a aventura mais arriscada de suas vidas.

— *E aí*, para onde a gente vai agora? – perguntou Max, apesar de estar no volante de seu carro.

— Não sei – respondeu Daniel pensativo — que tal uma xícara de café?

— Ainda preferia ir a um bar. Papai gostava de beber.

— Numa segunda-feira? – espantou-se o jornalista.

— Estou de licença até Deus sabe quando. Mas, onde queria que a gente fosse?

— Presídio da cidade – sugeriu com um sorriso no rosto.

— Por quê? – perguntou com curiosidade, mas dado o conhecimento que tinha de seu amigo, havia algo ali.

— Vamos visitar um amigo meu.

— Ah, claro. Então, vamos para o presídio e, depois, para um bar.

— Sabe que eu não bebo.

— Eles devem servir café lá.

— Então, vamos embora.

Rasgando pela noite estática e escura de Ribeirão Freire, os dois dirigiram-se ao presídio Coronel Cruz, que ficava na saída da cidade. Com toda certeza, *eles* estavam ansiosos pelo encontro com esse ‘*amigo*’ de Daniel, mas não podiam afirmar que este estava ansioso por isso também.

# Capítulo 10

Mesmo que fosse uma viagem longa até a prisão, Daniel tentou manter ao máximo a descontração, talvez para distrair o amigo e impedi-lo de lembrar toda a desgraça recorrente daquele dia. Durante a conversa nostálgica, em que se lembravam de alguns momentos engraçados pelos quais haviam passado, o tempo foi seguindo seu curso assim como o carro deles até entrarem na estrada de acesso ao presídio Coronel Cruz, na saída da cidade.

Parecia que a ausência de infraestrutura, falta de luz e de pavimento serviam para acrescer ainda mais o tom macabro que compunha aquela estrada. Não havia carro que pudesse suportar a tantos buracos e ruídos provocados pelos paralelepípedos, com seus grossos blocos em uma sequência mal ajustada, que, além de aumentarem ainda mais os tremeliques e pancadas que a suspensão sofria, executavam uma sinfonia irritante a cada milímetro por onde o automóvel passava.

Maxwell afastou uma mão do volante enquanto reduzia a velocidade do veículo e sacava seu celular. Daniel logo estranhou, afinal, não era do feitio do *tão certinho* detetive desobedecer a lei a respeito do uso do telefone durante a direção automotiva.

— Ué, celular enquanto dirige? Está revoltado assim com a justiça?

— Na verdade, vocêalaria menos se soubesse para quem estou ligando – disse Max, dando de ombros. Em seguida, começou a falar com a pessoa do outro lado da linha: — Fala, sou eu. Estou indo aqui *pro* Coronel Cruz, e a gente vai conversar com um velho amigo. Sim, você conhece, é o Barros. Não, eles estão quebrados, não tem tostão para um advogado sequer. *Ninguém quer pegar o caso?* E que tal você? Ah, ainda bem que entendeu meu ponto. Venha já aqui, estamos esperando. Tchau.

— Quem era? – perguntou Daniel confuso.

— Ah, você vai saber, Daniel – respondeu, rindo. — Você vai saber.

Conforme aproximavam-se da guarita do presídio, a apreensão aumentava. Imagina se Félix descobrisse que o policial, que havia acabado de colocar de licença, estava xeretando por aí, por suas costas, interrogando alguns dos caras que ele ajudou a colocar atrás das grades? Seria a ruína total de Max e da chance de vingar seu pai. Para a sorte deles, havia um plano B.

— Nome, por favor – pediu a segurança na guarita, responsável por regular a entrada e saída de veículos.

— Detetive Maxwell Schneider.

— OK, vou verificar.

— *Verificar?* – perguntou ele espantado. Teria que se virar sem ser muito grosseiro com a funcionária.

— Olha, pode fazer isso. Não sei se o juiz ficará agradado... ele estava no casamento da própria filha quando tive que comunicá-lo que viria até aqui. Bem, não quero me indispor com o juiz. Você quer?

A moça parecia um pouco assustada com a possibilidade de sofrer uma represália do juiz, afinal, a última coisa que queria era perder aquele emprego. Sem titubear, respondeu:

— Não senhor, detetive. Me *d-desculpe*. O senhor pode entrar. Boa noite.

— Boa noite – retrucou, acelerando o carro e segurando uma risadinha discreta para o momento em que não estivesse mais ao alcance da segurança.

— Durante todo este tempo, nunca achei que você pudesse ser tão cara de pau quanto eu, Max.

— Algumas coisas se aprendem com o tempo – respondeu, rindo novamente. Parecia que o plano de distração continuava a funcionar numa boa. — E agora, qual o próximo passo?

— Vamos encontrar *o meu amigo*, claro.

No estilo das prisões medievais que costumavam ficar à beira-mar, assim era o presídio Coronel Cruz. As paredes enormes deviam ter mais de trinta centímetros de espessura, o que impediria qualquer plano de cavar entre a parede, como fazem nos filmes. Cercada com arames farpados alimentados de doze mil volts, sem falar nas guaritas nos quatro cantos, Coronel Cruz ou “*Cruzeiro para o Inferno*” – como era apelidado pelos detentos – havia ganho o status de presídio modelo no quesito intransponibilidade. Dentro da cidade, havia duas certezas: uma era a morte, a outra era que ninguém conseguiria escapar dali sem estar num saco para cadáveres. Aquilo tornava o plano de infiltração dos dois ainda mais complexo. Apenas contavam com a sorte de não terminarem como os tantos presos que eram meras estatísticas na vasta população carcerária do país.

— Estou precisando falar com um detento – pediu o detetive, valendo-se de um pouco mais de gentileza com o guarda.

— Nome – pediu o guarda, inquirindo o solicitante.

— Aqui está – respondeu, empurrando um pedaço de papel por baixo do vidro que os separava.

— Por que está me dando o nome dele em um pequeno papel? – estranhou o funcionário.

— Ele concordou em conceder uma entrevista para este repórter aqui, da cidade vizinha, mas, como quer manter segredo, é melhor evitar que os outros detentos saibam.

— Onde está a ordem judicial? – exigiu o guarda, duvidando daquela história.

— Já está a caminho. O juiz nos prometeu, mas estava num casamento, por isso, iria demorar – enrolou o detetive, mentindo para o guarda. Daniel ficou mudo, queria saber até onde aquilo iria. — Contudo, nos deu permissão para entrar.

— Sem ordem judicial, sem entrevista – proibiu o guarda.

Daniel olhou para Max. Se estivesse *realmente* perdido naquela situação, teria olhado para o jornalista e perguntado o que fazer, mas isso não tinha acontecido. Maxwell estava seguro de si como nunca. Coube ao jornalista calar-se e apenas ver como o amigo iria se virar.

— Quer mesmo me impedir de fazer o meu trabalho, policial? – questionou Maxwell ao guarda, revoltado. — Claro, indo contra um pedido do juiz? *Ah*, ele vai amar saber que existem policiais insubordinados.

O rapaz sacou o celular como quem saca uma arma. Discava números aleatórios com força. A atuação convenceu o guarda, que ficou pálido no processo, ainda que incrédulo naquela história. Max fingiu estar com alguém no telefone.

— *Alô? Ah*, senhor juiz. Boa noite. Sim, estou ligando de novo, desculpe por isso. *Ah*, estava numa valsa? *Com sua filha?* Desculpe interromper, mas há um policial aqui barrando a nossa entrada no presídio para a entrevista...

— Tudo bem, tudo bem – gritou o guarda temeroso. — Podem entrar. Apenas desligue o celular, por favor?

— Não, senhor juiz, não precisa. Problema resolvido. Obrigado – exclamava Maxwell, desligando o celular e virando-se para o guarda. — Obrigado por sua colaboração. E aí, vamos lá?

Em alguns minutos, os dois estavam dentro de uma das quatro salas de interrogatório do presídio que, àquela hora, estavam desocupadas. Sem vidros e equipamentos de escuta, como funcionava na DP, o ambiente era cercado por uma estrutura de ferro que reforçava a segurança daquela construção monstruosa. No teto, um ventilador velho girava lentamente, impondo-se sobre a luz e dando aquele ar de local de tortura que, no fundo, poderia contribuir para a colaboração do interrogado.

Para evitar o contato físico e o espanto do suposto amigo de Daniel, o jornalista colocou a cadeira de costas, a fim de somente Maxwell ter contato visual com o investigado. Momentos depois, o guarda apareceu na porta, trazendo o detento consigo e lhe colocando as algemas, que estavam atreladas à mesa, para ter a máxima precaução com aqueles que executavam a ‘*entrevista*’.

— Muito bem, vamos começar – falou Max, apalpando alguns arquivos que estavam sobre a mesa.

— Não falo sem a presença do meu advogado – respondeu presunçosamente.

— *Como?* – indagou o detetive, fazendo-se de rogado e rindo em seguida, como se não acreditasse no que tinha acabado de ouvir. — Vamos deixar umas coisas bem claras, senhor Barros. O seu dinheiro, que tinha para contratar um advogado, já se foi pelos ares desde que congelamos suas contas no exterior. Ninguém na Defensoria Pública gosta de você, ainda que isso seja um pouco antiético, mas estão enviando um advogado apenas para que nos fale tudo.

Ignorando a provocação, o acusado apenas sorriu e repetiu o discurso:

— Não vou falar nada.

— Tudo bem, senhor Barros – conformou-se o rapaz, levantando-se imediatamente e abrindo a porta da saleta de interrogatório com um sorriso no rosto. — Apresento-lhe o seu advogado, vindo da Defensoria Pública. Davi Schneider que, por um acaso, também é meu irmão. Que coincidência, não?

Nesse tempo, Daniel olhou Davi de cima a baixo, o irmão mais velho de Maxwell. Lembrando-se bem das suas feições, de quando o havia conhecido, sabia que o aspecto sério nunca havia lhe abandonado. Tirando o detalhe de sua postura mais centrada, mais comportada e mais correta, às vezes parecia uma cópia realmente envelhecida de Max. Vestindo um terno escuro com uma gravata rosada, ele segurava uma pastinha. Era parte da Defensoria Pública e, em virtude disso, vez ou outra, tinha algumas desavenças com Max e até com o próprio pai, já que havia seguido o caminho inverso, *‘defendendo bandidos’*, como seu irmão reclamava. Apesar disso, mantinham um bom relacionamento, e Max usaria aquilo para vingar o pai.

— Desculpem o atraso – introduziu-se o advogado com uma falsa mesura ao cliente. — Detetive Schneider, prefeito Barros, digo, *ex-prefeito* Barros, boa noite.

O homem se inflamava mais a cada elemento disposto por seus carrascos.

— Já disse para vocês, seus imbecis, não vou falar nada!

— E que tal falar comigo, Luiz? – disse Daniel, erguendo o rosto, revelando-se ao acusado.

— *Você??* – espantou-se o homem, ruborizando devido à raiva e a repulsa que sentia pelo jornalista responsável por tê-lo atirado na prisão.

— Olá. Como vai? Fiquei sabendo que a comida da prisão não é tão boa quanto a da merenda que o senhor desviava da educação todo santo mês...

Num gesto impensado de fúria, o homem colocou os joelhos na mesa e tentou avançar em Daniel, sendo contido pela falta de extensão da corrente que separava a algema da mesa sobre a qual tinha subido.

— Vou matar você, seu filho da mãe, desgraçado!

— Vai me matar como matou os seus seguranças por terem falhado em me eliminar?

— *Como assim?* – perguntou diante da acusação, acalmando-se em seguida, como se não soubesse de nada. — Meus seguranças estão mortos?

— Sim. Você mandou três italianos os executarem na ponte, mês passado, logo após ser preso.

— Eu mandei? – surpreendeu-se, parecendo saber tanto quanto os detetives.

— Sim, mandou – explicou Daniel sem dar muita importância, crendo que Barros sabia. — Encontrei um bilhete com as letras IB no bolso de um deles. É bem verdade que seu pai, um dos que tanto surrupiou nossa cidade, chamava-se Isaac Barros, não é?

— É sim, mas não mandei matar meus seguranças.

— Você mandou matar, assim como sua família mandou matar vários outros opositores e, também, o meu pai, o delegado Schneider. Não se faça de surdo, Barros – exclamou Maxwell, surrando a mesa com a palma da mão aberta e causando um barulho absurdo que, por sorte, não podia ser ouvido do lado de fora.

Um estalo fez a feição de Barros se alterar. Tornou-se algo parecido com cumplicidade, algo de quem sabe o que está acontecendo. Então, sugeriu:

— Entendam o seguinte: se ajudar vocês, preciso de algo em troca.

— Não negociamos com assassinos – tomou a dianteira Daniel.

— Me escutem, droga! – pediu ele em voz alta, assustando os outros integrantes daquela reunião. — Preciso da garantia de que vocês vão me manter a salvo.

— Salvo de quê? – foi a vez de Max perguntar.

— Salvo do IB. Vocês não entendem? – Barros começou a fitar as delimitações da sala, encolhendo-se quase como um claustrofóbico. — As paredes têm olhos e ouvidos. Os presos observam, ficam confabulando sobre o que está acontecendo, e, se tiverem alguma suspeita de que falei isso com vocês, estou morto.

Maxwell parecia ponderar a proposta.

— Tudo bem, Barros. Ande logo com isso.

— Minha família nunca foi de matar, por isso, mandávamos outros fazerem, ao menos até vocês conseguirem suspender o meu mandato. — Barros começou a explicar a história como se fosse um narrador experiente. — Um desses, aos quais mandávamos o trabalho sujo, era o IB. Ele tinha negócios aqui no Brasil, e a oposição nunca permitiria que uma empresa estrangeira se instalasse no país sem pagar impostos. Então, sempre entregávamos o *problema* a eles, que faziam o resto. Foi assim com o Matarazzo e com os outros que se opunham tanto a nós quanto a eles.

— Então, quer dizer que você sabe quem é — contrapôs Daniel do mesmo modo que havia feito com Bridi.

— Não sei.

— Sério isso?! — perguntaram os dois Schneider em uníssono.

— Ah, não — protestou Daniel —, isso de novo não...

— Não sei *quem é* ou o *que é* — afirmou com propriedade, de modo convincente. — Pode ser uma organização ou apenas um, pode ser homem ou mulher, não dá para saber muito bem. Sempre se comunicam por mensageiros que, geralmente, vêm até nós ou nos convida até eles.

— Como posso encontrá-los ou o que quer que isso seja?

Barros adotou uma postura diferente, como se quisesse alertá-los.

— Já não basta me ter como inimigo, você quer mesmo terminar com a cabeça decepada dentro de um saco plástico no fundo do mar?

Daniel já estava se enchendo daquilo.

— Ande logo com isso, Barros. Ninguém aqui tem o tempo todo.

O homem algemado olhou para Maxwell e disparou:

— Para isso, o detetive *aí* vai ter que recomendar ao procurador uma redução de pena para mim, com prisão em regime semiaberto.

— Tudo bem — concordou Max, acenando com a cabeça. Daniel logo entendeu. A primeira regra de um interrogatório é prometer aquilo que não pode cumprir. É o modo mais fácil de conseguir a confiança de quem está sentado do outro lado.

— Haveria uma reunião, na próxima semana, dentro da mansão de férias que foi construída para um dos

parentes *desses* ou *desse* tal IB. Fui convidado para ir e tudo mais, mas, enfim, acho que não posso, não é? – reclamou o ex-prefeito, agitando os pulsos rodeados e já marcados pelas algemas. — Então, vocês vão no meu lugar e podem ter a chance de acabar com o IB. Basta chegar lá e informar que os Barros mandaram vocês dois. Mas, claro que para isso, quero algo em troca. Proteção integral e redução de pena. Me ajudem a ajudar vocês. Nada mais justo.

— Temos um trato então? – perguntou Daniel.

Apesar do desdém evidente, Barros disparou:

— Poderia me arrepender de fazer negócios com um cara do seu nível, mas acho que desta vez é justo.

— Tudo bem, está liberado – anunciou o detetive, erguendo-se da cadeira. Contudo, o tom provocativo do ex-prefeito voltou à tona.

— Antes da *corjinha dos justiceiros de araque* me mandarem de volta para a cela, será que poderiam me dizer quantos já morreram desde que fui preso? Apenas aqueles que acham ser da responsabilidade do IB. Devem saber que aqui, na prisão, é um pouco solitário e isolado de informação...

— Além dos seus três seguranças, também morreu o Eduardo Bridi e o delegado Schneider – explicou Daniel, vendo o homem empalidecer após o segundo nome.

— Se pegaram os meus seguranças e o Bridi... estão tentando matar qualquer um envolvido. – Desesperou-se, sentindo o sangue fugir de sua face enquanto caçava palavras para chegar à terrível conclusão. — Vocês prometem que vão me proteger? *Prometem mesmo?*

O lado humano daqueles indivíduos quase foi despertado com a lamúria do ex-prefeito, mas já conheciam o comportamento ardiloso dele.

— Você, como um cara que não é estranho a interrogatórios, deveria saber que o modo mais simples de tirar informações de alguém é prometer algo que não pode cumprir...

— *NÃO*. Vocês mentiram para mim. Não acredito nisso. Droga, agora eles vão me pegar. Vão me matar, e a culpa será inteiramente de vocês três! *Desgraçados, filhos da mãe*.

Ao mesmo tempo em que este lamentava sua má sorte e ingenuidade, os três saíram pela porta frontal com a recomendação pessoal do detetive Schneider para que o colocassem numa solitária, a fim de evitar a represália dos outros presidiários, apenas por precaução. Daniel sentiu que aquilo se dava por pena. No fundo, ainda acreditava que Max tinha um tanto de compaixão por aqueles que ativara na cadeira, talvez pelo sentimento de falso moralismo e compensação, como se servisse para aliviar seu fardo.

Saindo dali, bastaram apenas algumas medidas ao irmão de Max, que havia sido de grande ajuda após

concordar em participar daquela empreitada.

Minutos depois, os dois já estavam novamente enfiados no carro, rumando para o centro à procura de uma centelha de luz que pudesse servir qualquer coisa com gelo para Maxwell e, provavelmente, qualquer coisa que se parecesse ao máximo com o forte cheiro de café que prendia Daniel àquele vício.

Mais uma vez, o encosto não muito confortável do automóvel fez as costelas do jornalista latejarem um pouco. Estava neste estado desde a surra que Max tinha lhe aplicado mais cedo. Chegando ao bar, a primeira coisa que Daniel pediu foi um copo de água para ingerir mais um analgésico forte, a fim de reparar a dor. Mesmo com pouco tempo de uso, sentia-se cada vez mais preso àquilo.

Depois de uma noite ideal regada a cerveja e café, por parte do detetive e do jornalista respectivamente, as ideias pareciam mais organizadas na cabeça de ambos. Atribuíram às bebidas o fato de terem se dispersado mais daquele dia tão fatigante e desventurado. Maxwell, um tanto alterado pelo álcool, pediu ao amigo que dirigisse. Neste momento o toque personalizado para as ligações de Clara soou no celular de Daniel.

— Oi, Clara.

— Daniel, onde você está? – inquiriu preocupada.

— Num bar com o Maxwell. A gente se encontrou depois do enterro e decidi conversar – respondeu, mentindo sobre a verdadeira decorrência daquela noite.

— *Aham*, claro – respondeu a voz do outro lado da linha com desdém. — Liguei para você só para dar uma notícia.

— Qual? – perguntou com curiosidade crescente.

— Pasmé. O ex-prefeito Luiz Barros foi encaminhado para o hospital central da cidade.

— *Quê?* Mas por quê? – espantou-se, fazendo Max olhar igualmente assustado para ele, como se adivinhasse o conteúdo da ligação.

— Foi encontrado agonizando na cela solitária, horas depois de jantar. Qualquer coisa digo para vocês dois. O Félix está vindo, vou desligar. Tchau.

Os dois se entreolharam. *Realmente...* quem quer que estivesse por trás daquilo não estava de brincadeira. A primeira ideia que tiveram foi de irem ao hospital, checar o estado do homem, porém ficaram receosos. Já haviam abusado demais da sorte ao se infiltrarem no presídio. Se fossem à casa de saúde naquele momento, encontrariam o delegado e a detetive e estragariam todo o plano de vingança.

Daniel sugeriu que os dois se despedissem ali para se recomporem da noite, apesar de Max estar pior devido às doses de uísque ingeridas, e depois pensassem num plano. Talvez, Luiz pudesse explicar melhor o que havia acontecido na prisão, ajudando-os a afunilar os suspeitos.

O jornalista deixou o amigo em casa e foi caminhando para o seu pequeno apartamento enquanto refletia sobre tudo. Tinha sido melhor assim. O dia seguinte seria bem extenso para ambos.

# Capítulo 11

Daniel parecia ter sido acertado, no meio de sua cabeça, com uma panela de ferro que o deixara meio zonzo. Às vezes, o excesso de café lhe causava tonteira por mais que isso fosse ridículo. Ainda sofrendo o resultado da surra do dia anterior, decidiu se brindar com um coquetel de analgésicos, procurando externar o nervosismo, ainda que este não refletisse nas dores e feridas. Naquele momento, pode quase sentir a mente de um suicida que ingere um coquetel de veneno para se matar e, provavelmente, evitar as dores que viriam a ocorrer em outros momentos de sua vida.

Tentando se preparar para mais um expediente inteiro de trabalho, preparou uma xícara de café para empurrar com um pedaço de bolo velho que remanesca ali desde o fim de semana. Quando se recordou de que iria com Max ao hospital, decidiu vestir algo mais apresentável, que justificasse uma desculpa esfarrapada para sua entrada na UTI. Lembrou, então, da licença de capelania que tinha colocado ao relento embaixo de uma pilha de revistas.

Bastava portar-se como pastor e teria acesso imediato à casa de saúde. Talvez, aproveitasse o momento para evangelizar a pobre alma corrupta do prefeito, mas decidiu não fazer. Isso podia ser tarefa de outros capelães, que provavelmente estariam por lá para o mesmo propósito, por mais que não quisessem arrancar informação alguma de ninguém.

O *'disfarce'* foi concluído com uma camisa branca listrada, uma gravata e uma de suas calças de linho, que brigavam para não contraírem uma infestação de praga de tanto ficarem enfiadas no armário de mogno de sua casa. Quem o enxergasse no meio da rua, facilmente o confundiria com um mórmon, sem nem sequer perguntar.

Foi curtindo o vento bater no rosto, dando a falsa impressão de liberdade, que Daniel rumou para o escritório do jornal, onde notou uma janela nova, destacando-se das outras. A antiga precisava mesmo ser substituída após ter sido transpassada por uma cadeira, por motivos desconhecidos, já que a câmera de segurança estava desligada no momento – *mesmo com o pressentimento de todos os funcionários de que o dedo atrevido do repórter estava envolvido em toda aquela bagunça.*

Não pode evitar o contato visual com o café da Marla e lembrar-se de tudo que havia acontecido. A imagem do doutor Schneider morrendo em seus braços tinha lhe arrancado algumas horas de sono. Tentando apagar um pouco tais cenas da mente, caminhou até sua mesa na redação para finalizar algumas matérias pendentes, afinal, tinha mais de um mês de trabalho acumulado.

Por algum motivo, aquilo lhe ajudou a encarar a dor de cabeça e a indisposição que tinha sentido no início da manhã – *provavelmente pelo uso dos medicamentos ou qualquer outro tipo de painkiller possível*. De um jeito curioso, o melhor remédio que tinha para reparar qualquer tipo de distúrbio era a agitação e a movimentação.

De repente, recordou da mansão citada por Luiz durante o interrogatório arranjado no presídio. Algumas poucas palavras-chaves e, logo, estava no mapa virtual da cidade, procurando pela residência, de acordo com a distância e a beleza citadas na famigerada entrevista. Assim que supostamente a encontrou, notou que era enorme e repleta de cômodos, os quais lembravam muito a distribuição de tabuleiros em jogos de mistério, daqueles em que tem que se descobrir o assassino, a arma e o local. *Indiretamente, era aquilo mesmo que Daniel tinha a intenção de fazer*. Um tabuleiro psicológico em que a sua única meta se resumia em derrubar o indivíduo que, por todo aquele tempo, vinha brincando com ele ou qualquer outro que entrasse em seu caminho.

A propriedade era bem peculiar porque não havia qualquer ligação a proprietário ou coisa do tipo. Sua posse estava no nome de uma construtora multinacional pertencente à outra cidade. Num instante, o jornalista percebeu que debaixo daquele tapete tinha sujeira. No entanto, não era algo a se pensar naquele momento.

Sem notar, o expediente tinha encerrado, e ele se via só dentro da redação após ter passado *literalmente* a manhã e a tarde inteira pesquisando e vasculhando a fundo tudo que englobava a mansão cheia de mistérios. Aquela na qual, dentro de algumas semanas, ele se veria dentro com a melhor chance de fazer justiça repousando em sua mão, como um pássaro faminto atrás de um alpiste devidamente colocado abaixo de uma gaiola de ferro para que não escape. *Meirelles sentia que poderia ser a última e melhor oportunidade de fazer aquilo*. Mas, novamente, era algo para se pensar depois.

Max já devia estar esperando na porta do hospital central da cidade, para que pudessem visitar o elo que desencadeou todo aquele desastre. Organizou suas coisas, pôs o notebook dentro da bolsa junto de alguns materiais que precisava concluir em casa e rumou para a casa de saúde.

— Cheguei, Max – disse, tirando o capacete e ajeitando a gravata que, por vezes, agiu como um chicote em sua nuca durante o caminho.

— Nossa, quanta demora, hein? – reclamou Max, que vestia uma capa preta e óculos escuros, lembrando um personagem muito peculiar com a habilidade de desviar de balas em alta velocidade.

— Com mil diabos, por que está vestido feito um agente funerário demoníaco? – debochou Daniel.

— Tem muitos policiais aqui. Não posso abusar da sorte de enganá-los duas vezes – explanou o detetive.

— São lentos, mas não burros o suficiente para serem tapeados da mesma maneira.

— Bem que adivinhei isso, por isso, trouxe a minha licença de capelão para ter acesso à UTI – argumentou o jornalista, tirando o documento do próprio bolso e exibindo-o com orgulho para o amigo, que desdenhou.

— Ah, lembro-me disso. Enfim, acho que deve saber como é. Qualquer coisa, basta avisar pelo rádio que irei até onde você estiver.

— Tudo bem, farei isso.

— Recordando: entre, interrogue-o e dê o fora dali antes que o vejam – instruiu Max com o dedo em riste. — Não é tão difícil, é?

— Às vezes acho que você insulta a minha inteligência apenas para me irritar.

O detetive riu consigo e disse:

— Parece que está funcionando então.

— Engraçadinho você, não?

— Só para perguntar, por que você simplesmente não tira essa bolsa? – sugeriu Maxwell. A aparência de Daniel lhe irritava em alguns momentos. — *Tá* parecendo mesmo um desses caras.

— OK, guarde suas piadinhas para depois. Vou entrar.

A precaução com o ex-prefeito era tão grande que o próprio irmão de Maxwell pediu que ele não fosse atendido no presídio e para que houvesse reforço de segurança no hospital. Não sabiam o que poderia acontecer ao político se continuasse lá dentro. Realmente era melhor que fosse daquele jeito.

Daniel entrou e foi se misturando aos outros capelães, que ali estavam a fim de conquistar almas para suas crenças antes que elas fossem reivindicadas pelo tempo, mas, enfim, dependia de cada um. Durante a revista das licenças, o jornalista conseguiu passar sem problema e, em seguida, foi procurando de quarto em quarto, à caça do homem mais odiado de Ribeirão Freire dentro daquele prédio. Não demorou muito para encontrá-lo. Dois policiais guardavam a entrada e conversavam com um jovem de estatura média, que parecia ter algum parentesco com o paciente *‘ilustre’*. Ao se aproximar, conseguiu ouvir a discussão.

— Seu tempo de visita já expirou, os capelães estão vindo, senhor – tentava explicar o policial, que parecia ter barrado o rapaz.

— Preciso vê-lo, é o meu pai que está lá dentro. Por favor, senhor oficial – pediu o rapazote quase num choramingo.

O policial estava irreduzível:

— Já disse: acabou seu tempo.

— Não, tudo bem, podem deixá-lo entrar – pediu Daniel, tirando sua licença de capelão de dentro da bolsa. Exibiu com orgulho o documento que permitia a sua entrada, como se quisesse dizer que ninguém poderia impedi-lo de entrar. — Ele está comigo.

— Sendo assim, podem entrar – respondeu o policial, abrindo a porta do quarto.

O jornalista pouco estranhou o quarto, afinal, tinha ficado no hospital alguns dias para o tratamento da lesão nas costelas, que bastaram para lhe arrancar do trabalho por um bom tempo. Enquanto entrava no ambiente, acompanhado pelo filho do Barros, tirou um tempo para comparar o rapaz ao pai. Desde o cabelo ao uso de óculos, por ambos, não havia dúvidas que definitivamente ele era o herdeiro dos Barros, apesar de não ser metido com o esquema que atirou toda a família dentro da cadeia. No fundo, Daniel enxergava bondade naquele moço, com a certeza de que ele estava apenas preocupado com o estado de seu progenitor.

— Oi, pai – disse o rapaz, entrando na sala antes do jornalista, talvez por alguma mesura cedida por Daniel.

Contudo, Luiz não respondia. Estava acordado, mas com dificuldades intensas para falar, em boa parte atribuída a dor no peito que sentia. O prontuário indicava que o motivo para estar ali tinha sido o início de um infarto, que por pouco não o matou.

— Com licença – cortou Daniel, introduzindo-se na sala com um prévio anúncio. — Gostaria de falar com seu pai a sós, por favor.

— Claro, sem problemas. Vou buscar café *pra* gente – sugeriu o jovem, retirando-se da sala em seguida.

— Ele já foi? – perguntou Barros com a voz fraca.

— Sim, já, por quê?

— Não estou muito afim de falar com ele no momento – explicou enquanto se ajeitava no leito. — Não quero dar satisfação a filho de relacionamento extraconjugal agora, enquanto estou deitado nesta porcaria de cama em que, aliás, vocês me jogaram.

— Sinceramente, não tive culpa de nada.

— Não teve culpa? – tentou gritar, mas o que saiu foi uma reclamação rouca. — Vocês assinaram a droga da minha sentença de morte. Me envenenaram, entendeu? Envenenaram a minha comida. Comecei a

vomitam e passam mal até apagar e acordar *aqui*. Por culpa sua e dos seus amiguinhos.

— Ah, você realmente achou que iríamos lhe ajudar? – também desdenhou Meirelles, mostrando seu lado ‘venenoso’. — Não seja tão estúpido.

— Bem, quando não se tem mais ninguém em quem confiar dentro de um lamaçal, você aceita a ajuda até de um porco.

— Enfim, não estou aqui para isso – adiantou-se o jornalista, sentando em uma cadeira e colocando a mochila sobre o seu colo.

— Está aqui para o quê, afinal? Vou adiantando que não quero aceitar droga de religião nenhuma – antecipou-se num tom ríspido, como se esperasse aquilo de Daniel. — Minhas contas já estão prestes a serem pagas quando voltar à prisão e morrer, logo em seguida, misteriosamente atravessado por uma adaga.

O jornalista parecia se manter calmo.

— Por falar nisso, estou aqui para saber quem fez isso com você.

O homem riu dificilmente na cara de Daniel.

— A população carcerária desta cidade se concentra ali dentro. Por falta de verbas, nem sequer uma simples câmara de segurança havia no refeitório, onde mais de setecentos presos fazem suas refeições todos os dias. Quem diria que seria traído pelo inferninho que eu mesmo criei, não?

— Nenhuma pista? Nenhuma mesmo? – quis saber desolado.

— Se eu soubesse quem fez isso comigo, já teria mandado aqueles policiais, ali fora, matarem os caras. Posso estar debilitado e incapacitado, mas não duvide do quanto de influência ainda tenho nesta porcaria de cidade.

— Voltei aqui também para colher informações sobre a tal reunião que você falou.

— Já contei tudo que sabia. Descrição, como entrar, e até mesmo a certeza de que o IB estará lá. O que mais você quer? – inquiria com uma hostilidade crescente.

— Como terei certeza de que vão me deixar entrar?

— É tão simples. Eles sabem que enviarei duas pessoas para cuidar dos meus negócios enquanto estiver na cadeia.

— Então, tudo bem, era só isso mesmo. Ah, também devido às circunstâncias, decidimos cumprir com o

prometido. Vou pedir à promotoria para aliviar sua pena.

— Receio que não precisarei disso por muito tempo – retrucou o homem, misteriosamente recuperando as forças, bem mais disposto do que no estado inicial da conversa.

— *Hein?*

— Ah, questão de tempo, meu caro. Dez segundos no máximo?

— *Pai?* – chamou o jovem, chegando com uma sacola com alguns copos de café embalados para viagem.

— O senhor parece melhor! Ainda bem.

— Agora – disse o homem, acenando para baixo com a cabeça.

Após esta palavra, o *'herdeiro'* dos Barros arremessou os copos de café em Daniel, que se contorceu com o líquido quente em contato com sua pele. Aproveitando-se dessa distração, o rapaz puxou uma pistola com silenciador escondida na calça. De modo muito rápido, atirou no bolso da camisa de Daniel, na região do peitoral, fazendo o jornalista cair da cadeira, onde estava sentado. A bala atravessou a mochila que segurava durante todo o momento. Com a movimentação estranha, os policiais entraram com as armas em punho, mas de nada adiantou. O jovem era muito rápido e disparou nos dois, fazendo-os cair no chão do quarto.

— Me tire daqui. Rápido! – pediu Luiz, arrancando as sondas, que monitoravam seus batimentos, com dificuldade.

O jovem pegou um jaleco pendurado atrás da porta e o vestiu para que pudesse se passar por um médico. Destravou as rodas da cama e a conduziu até a saída do hospital, onde uma ambulância aguardava sob a alegação de que iriam transferir um paciente em estado grave.

Daniel, mesmo baleado, conseguiu se apoiar na janela e agitou as mãos, chamando a atenção de Max, que estava lá embaixo o esperando. Bastou apontar na direção da movimentação para que Maxwell saísse em disparada atrás da ambulância, que já estava de partida e não podia ser mais alcançada.

Por todo aquele tempo, desde o acordo com os dois e a ida ao hospital, nunca passou de um plano muito bem bolado. Debaixo do nariz da polícia e dos dois parceiros, o ex-prefeito Luiz Barros conseguia fugir para longe de seu cativo, tornando o processo de vingança cada vez mais complicado.

# Capítulo 12

Naquele momento, a maior vontade de Maxwell consistia em parar o primeiro carro que visse pela frente, já que não podia pegar o seu que seria facilmente associado à ocasião, provocando uma investigação sobre si. Perseguiria a ambulância que protegia os personagens antagonistas de sua própria história, aqueles que deram um fim em seu pai. Contudo, caiu em si, percebendo que isso só chamaria a atenção da polícia e poderia implicar mais sanções em seu cargo – até mesmo a expulsão da corporação por, literalmente, tentar fazer justiça sem a posse do distintivo. Apesar de saber que seu esforço seria em vão, empunhou a pistola – trazida de casa, retirada da gaveta de seu falecido pai – e tentou disparar contra o veículo hospital que se distanciava com rapidez, entretanto, a arma falhou, provocando sua fúria.

Então, lembrou-se de que, na verdade, Daniel ainda não havia descido e, possivelmente, o teriam abatido no momento da fuga. Em meio a todo o caos e gritaria que se esperava ouvir, graças a uma enfermeira desavisada que encontrou os corpos dos policiais, Max entrou correndo pela UTI, a fim de tirar o amigo de lá.

Procurando ansiosamente, de cômodo em cômodo, pode encontrar os corpos dos dois oficiais atravessados, paralelos à cama, enquanto Daniel tinha caído rente à janela.

— Daniel, você *tá* bem? – perguntou, adiantando-se para socorrer o jornalista.

— Já sentiu a sensação de ser baleado no peito por acaso? – respondeu sarcasticamente, tossindo bastante e acendendo a preocupação de Max.

— Mas, como você *tá* sem sangrar se acabou de levar a porcaria de um tiro? – estranhou, por mais que estivesse gritando provavelmente de nervoso.

Após ouvir isso, Daniel ergueu a gola da camiseta social que vestia a fim de ver por baixo. Apenas conseguiu enxergar o desnível em forma cilíndrica próximo ao seu ombro esquerdo, onde a área estava um tanto vermelha em virtude do impacto. Por algum motivo, sentia o bolso da sua camisa um pouco mais leve. Ao puxar a Bíblia de bolso, dentro do espaço destinado a portar canetas, por exemplo, a bala estava muito bem repousada, adormecida por algumas centenas de folhas, mesmo depois de ter atravessado a sua mochila do jornal que estava sobre seu colo na hora do disparo.

— Nunca achei que um disfarce fosse salvar a minha vida – disse Daniel.

— Que susto, seu filho da mãe! – bradou Max. — Pensei que tivesse morrido.

— Deixe o sentimentalismo para depois porque precisamos sair daqui antes que a polícia nos encontre.

Apesar de estar bem, o jornalista sentia a pressão no peito causada pelo projétil lançado contra seu corpo, em uma velocidade capaz de causar um impacto intenso. Devido a este hematoma, corria encurvado pelos corredores. Uma das zeladoras do local viu a movimentação e decidiu perguntar:

— Os senhores estão bem?

Max teve praticamente que enfiar a mão na boca de Daniel, impedindo-o de soltar uma resposta irônica para a pobre mulher e fazendo-a acender o alerta para todos os transeuntes daquele centro médico. Intervindo alguma fala truculenta do amigo, ele disse:

— Sim, sim. Claro. Só estamos de saída, o único problema dele foi um coma alcóolico. Pode deixar.

Afastaram-se lentamente até que o jornalista se desvencilhou, gritando:

— Espero que goste do presentinho que deixei *pra* você no quarto 14!

— *Hein?* – respondeu a senhora completamente alheia à situação, mas ali os dois já haviam virado em um dos corredores, a fim de sumir o mais rápido possível.

Já dentro do carro, com Max dirigindo no melhor estilo piloto de fuga, com a mão sobre o peito, Daniel foi literalmente interrogado pelo amigo.

— *Cara*, você acabou de levar um tiro. Como diabos ainda está vivo?

— Agradeça ao meu mau costume de nunca guardar a bolsa quando chego em um lugar público – respondeu ainda de modo irônico.

— Que tem a ver? – assombrou-se.

— Foi a minha mochila, mesmo atravessada, que pode desacelerar a bala – concluiu.

— Você teve muita sorte em não o matarem ali.

— É, mas meu notebook não teve a mesma sorte – respondeu, lamentando-se e puxando o *Dazer 3000*, que havia economizado por dois anos para comprar.

— Não dá nem *pra* salvar o HD? – perguntou Max.

— Deixa eu ver – disse, averiguando o estado da máquina. — Talvez. Vou mandar para a Stella, talvez ela consiga recuperar.

— E quanto a Clara?

— O que tem?

— Sabe muito bem que elas não se dão, isso não é surpresa – Maxwell tentou explicar a situação. Stella era uma das peritas da DP e, de um modo ou de outro, sempre teve uma queda por Meirelles, provocando a aversão da detetive Andrade pela moça. — Agora, se estiver interessado em ver uma luta até a morte, envolvendo unhas e puxões de cabelo no melhor estilo novela, vá em frente.

— Ah, ela não vai ligar – comentou, minimizando a situação.

— E como você pretender entregar essa máquina a ela, espertalhão? – quis saber Max, duvidando da capacidade do amigo em manter a situação pacífica.

— Você vai fazer isso por mim – argumentou, olhando fixamente para o amigo. — Até porque você é o cara que tem os contatos lá dentro.

— Bem, parece justo – concordou enquanto via as viaturas passarem do lado oposto da avenida, em disparada, na direção do hospital.

Durante o caminho, coube a Daniel refletir um pouco sobre o caso. Afinal, o que Luiz Barros ganhava ao dar todo aquele drible na polícia e, literalmente, correr risco de morte?! Apenas para fugir? E, em qual momento, aquele parente conseguiu entrar em contato com o pai para tirá-lo lá de dentro? *Não fazia muito sentido*. O plano poderia ter ocorrido muito antes sem necessitar de toda aquela exposição. Parecia incoerente e simplesmente louca a maneira como fizeram.

Tudo isso lhe irritava, e o que mais lhe deixava chateado era o fato de terem retornado à estaca zero. Talvez não apenas eles, mas a polícia da cidade também. No fundo, aquilo lhe dava um sentimento de satisfação pelo simples fato de que, provavelmente, Félix estaria em sua sala, lidando com as várias ligações e o pânico instaurado por aqueles atentados. O atual delegado não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, o que o colocaria numa situação de maus lençóis com a segurança pública, e sua reputação em xeque.

Após alguns minutos seguindo pelos caminhos de menor tráfego, dentro do centro de Ribeirão Freire, Daniel finalmente estava em casa – *seu pedaço de controle num mundo de uma desordem extraordinária*. A partir daquele momento, tudo que ele e o detetive Schneider precisavam era de um descanso que fosse suficiente para organizarem as ideias e ensaiarem o próximo passo, depois de um pesado imprevisto.

— E, agora, o que vamos fazer? – perguntou o policial desolado, com a expressão abatida.

— Odeio admitir isto, mas não faço a mínima ideia – respondeu Daniel de um modo derrotista. — A chance que tínhamos de ir para a tal casa, onde aconteceria a reunião, era com o Barros e, agora, ele se foi.

— E se a polícia invadissem?

— Sem um mandado ou motivo aparente? – Meirelles tratou de esfriar os ânimos, numa inversão de papéis. — Não podemos nos basear numa fraca suspeita de que o responsável por uma cadeia de assassinatos estaria mesmo ali, no meio de várias pessoas.

— Então, nós invadimos.

— *Claro...* terminando com uma munição de pistola no meio da testa ou com um processo bem gordo que nos destruiria – conjecturou o repórter. — Pensei que tivesse conhecimento disso, Max. Está mais cego pela vingança do que eu?

— Tem outra motivação para eu fazer isso então? – contestou Schneider. — Só quero que cada um deles sinta na pele o que fizeram com meu pai.

— Acho que a coisa mais prudente a se fazer agora é esfriar os ânimos, estudar outra estratégia e atacar nesta – reproduziu o jornalista, parecendo estar em uma cena de filme, onde o general do exército está definindo a orientação para a última batalha da guerra.

— Realmente você tem razão, Daniel - concordou o conivente Maxwell. — Preciso ir, *cara*.

— Qualquer coisa, ligo para você – avisou o jornalista, tentando disfarçar a sua frustração. — Fique fora de confusão, por favor.

— Vou tentar – falou ele, antes de ligar a ignição do carro para sair.

Despediram-se. A partir dali, Meirelles sabia que o “*qualquer coisa, ligo para você*” tinha soado mais na intenção de “*tudo bem, ao menos tentamos*”, reconhecendo a derrota.

Tentado ocupar sua mente a qualquer custo, tratou a pilha de correspondências como a coisa mais importante da sua vida, esperando que algo tão trivial reparasse a cicatriz daquele caso tão misterioso, pois já não tinha mais cabeça para trabalhar no assunto naquele dia. Arrancando os envelopes do cantinho onde estavam atirados ao chão, seus olhos começaram a percorrer cada informação singular, a fim de prender sua atenção. Contudo, só apareciam contas, cobranças, alguma carta prometendo-lhe um prêmio surreal e distante da verdade, e mais contas. Até que conseguiu visualizar um envelope timbrado, quase uma marca d’água escrita “Grupo Brignani”, endereçado a ele.

O mais curioso nem era isso e, sim, o selo que lacrava a mensagem. Uma forma redonda vermelha com as letras “IB” em alto relevo, aquelas que reprimiam sua mente dia após dia. Sua mão formigava em rasgar aquele invólucro a fim de encontrar respostas. *E foi exatamente o que fez.*

# Capítulo 13

A correspondência continha algumas fotos de um corpo esquartejado em um beco, que Daniel reconhecia pertencer a uma das vielas do centro da cidade. No verso das fotos, de modo sequencial, estava escrita uma ameaça que lhe arrepiava a espinha.

“PARE.DE.ME.SEGUIR.OU.ESTE.SERÁ.O.SEU.DESTINO.”.

Tomado pelo susto, atirou as fotos ao chão e recuou, dentro de sua própria casa, afastando-se das janelas ou de qualquer outra brecha que permitisse uma afronta a sua integridade física. Completamente em pânico, sentiu cada milímetro de seu corpo agitar-se, incluindo os locais machucados anteriormente, provocando a sensação conhecida como *'latejar'*. Não demorou para caçar refúgio nas diversas caixas de remédio que tomava para reparar sua dor, apesar de elas não interferirem no seu funcionamento mental.

*Sentia que não bastava.* O tal IB havia mostrado do que era capaz, e o próximo seria ele. Ora, não tinha sido suficiente quase perecer com um tiro no peito, agora teria que lidar com ameaças mortais até debaixo de seu próprio teto?!

Claro que já havia passado por aquilo antes. Mas, naquele exato momento, Daniel estava diante de algo possível de se concretizar quando menos esperasse, ao contrário das ameaças vazias, preenchida por cólera, vindas de políticos, empresários ou até mesmo as furiosas esposas destes.

Ingeriu vários medicamentos compulsivamente na esperança de ficar bem consigo mesmo, tentando ignorar o fato de que tudo ali era placebo. Os olhos fecharam devagar e as alucinações foram chegando. Tinha a forte impressão de que vultos se aproximavam dele e de que cada parede e piso se compactavam, a fim de esmagá-lo como uma pilha de ferro retorcido. Gritava consigo mesmo, mas não conseguia se mexer.

De repente, todo aquele pesadelo foi se esvaindo com o som ensurdecedor de pancadas, circulando sua mente sem um ponto remetente. Numa inflada de pulmão, conseguiu finalmente abrir os olhos. Havia sido nocauteado por um surto devido à mistura dos medicamentos. A porta era a responsável pelo barulho, alguém estava lá.

— Senhor Meirelles, polícia de Ribeirão Freire. Abra a porta – gritou uma voz de tonalidade grave, alertando Daniel de suas intenções.

— Só um instante – exclamou para os policias, abrindo logo em seguida.

— Temos algumas perguntas para o senhor – disse o policial, cordialmente.

— Tudo bem, podem ir em frente – retrucou, procurando se recompor. Parecia ter saído da pior ressaca de sua vida.

— Desculpe, mas não pode ser aqui – cortou a voz imponente do outro policial, que parecia um brutamontes.

— *Não?* – espantou-se, por mais que adivinhasse o que aconteceria a seguir.

— O senhor poderia nos acompanhar até o distrito, por favor? – solicitou o outro. Jogo do policial bom/policial mau até numa convocação para depor.

E, pela primeira vez, o jornalista acompanhava um carro da polícia de dentro dele, sentado no banco destinado aos que eram arrastados para trás das grossas e gélidas barras da prisão. Nem dava muito valor para aquilo, afinal, quase tudo ainda girava ao seu redor. Nunca tinha visto a morte tão de perto, em poucos instantes. Agora, estava enfurnado em uma viatura, levado como um criminoso.

*Qual era o problema?* Por algum motivo, teve o pressentimento de que aquilo tinha algo a ver com o ocorrido no hospital mais cedo. Bastava ligar os pontos. Com toda certeza o relacionariam ao incidente dos assassinatos dos policiais na casa de saúde. A moto que pilotava havia ficado no estacionamento durante todo aquele tempo. Como era possível alguém esquecer uma moto?

Durante o caminho, recriou-se várias vezes por aquilo. Podia estragar o que havia descoberto até o momento por causa de um erro primário. Girava o pulso, voluntariamente, para checar as horas. Beirava às 23:00hs. O nocaute o levou a lona por longas cinco horas. O jornalista tinha em mente que seria atropelado por tudo de uma vez, desde a crise pelos medicamentos, como pela ameaça e pelo acontecimento, mais cedo, em sua visita ao hospital.

Não tinha outro jeito de parecer menos evidente que os policiais – aliás, conhecidos dele na DP – queriam evitar o clima de interrogatório de um criminoso, fazendo-os conduzirem Daniel a saleta sem as algemas usuais em ocasiões como aquela.

Tentando recobrar seus reflexos e outros sentidos, Daniel começou a reparar no ambiente. Não era muito diferente da sala cedida a ele e aos Schneiders no ‘pseudo interrogatório’ a Luiz Barros, mas continha suas peculiaridades. Havia duas cadeiras de ferro pesadas e maciças que, provavelmente, deviam fazer o chão estremecer quando arrastadas. Sobre a mesa, dois equipamentos pequenos, pretos e circulares. Pareciam dois microfones para a captação do áudio atrás do grande vidro espelhado usado para ocultar os espectadores de tal cena. Por pura cortesia, um pequeno copo de café preto e forte aguardava por ele,

emanando seu rastro relaxante, servindo quase como um consolo, um placebo, algo que pudesse distrai-lo enquanto fosse inquirido sobre diversas coisas.

O rugido suave da porta foi necessário para prender a sua atenção. A Detetive Andrade entrou na sala.

— Você por aqui, senhor Meirelles? – perguntou indiferente, e Daniel logo sacou. Félix assistia a tudo por trás do separador, razão para sua amada ter um comportamento tão contido.

— Bom ver você também, detetive Andrade – saudou o jornalista, entrando no jogo. — Como vão as coisas?

— Com toda certeza num estado melhor que esse *porre* que o senhor aparenta ter tomado – comentou com uma ponta de ironia, apesar de Daniel saber que, no fundo, havia sido uma repreensão.

— Ah não. Não bebo, isso foi... ahn... café – desconversou.

— OK, poupe-me de seus detalhes. Não estamos aqui para falar de seu bem-estar ou algo do tipo. Estou aqui para lhe fazer algumas perguntas.

— Tudo bem, vá em frente.

Olhando fixamente para o seu ‘alvo’, a detetive começou:

— Aonde o senhor estava entre 17 e 19 horas do dia de hoje?

— Na minha casa, após o turno – forçou o discurso, por mais que a intimidade dele com Clara tornasse quase impossível uma mentira. Contudo, conseguia se desvencilhar às vezes.

— Conveniente, já que, mesmo morando a mais de três quilômetros do trabalho, o senhor não só foi a pé como deixou a moto em um local completamente diferente – expos a detetive, confrontando-o.

— acredite, se quiser – respondeu com indiferença.

— A câmera não mente, senhor Meirelles – disse ela, puxando, de dentro do envelope amarelo trazido debaixo de seu braço, fotos aproximadas. — O senhor não apenas esteve no hospital nesse horário como também deixou sua moto lá.

— Olha, posso explicar...

— Claro que pode explicar – desdenhou a policial. — Acredito em você. Acredito que a sua moto estava no estacionamento de um hospital durante o momento em que houve a fuga do criminoso político mais procurado do estado. Acredito que não tenha relação alguma com os dois assassinatos que aconteceram no mesmo local hoje. E acredito que não tenha nada a ver com isso, apenas estacionou lá por diversão.

Então, vá em frente, sou todo ouvidos.

Precisava inventar alguma história crível o mais rápido possível, por mais que fosse enorme o risco de parecer absurda.

— Fui trocar um curativo e, por um acaso, ao ouvir os tiros, saí de lá correndo.

— Então o senhor ouviu os tiros? – desconfiou a moça. — Isso é realmente interessante. Os outros pacientes, dos quartos vizinhos, afirmaram não terem ouvido nada. Que ouvido privilegiado, não?

— OK, admito – retrucou, entregando os pontos. — Estava no quarto, mas apenas para desempenhar minha tarefa de capelão, assim como vários outros que estavam no hospital hoje.

— Claro. Todo mundo vai acreditar nisso.

— Se tem alguma dúvida, confira minha licença – retrucou, empurrando o documento pela mesa.

A detetive Andrade fitou-o por alguns momentos. Rapidamente, foi até a porta e viu Félix longe do posto do interrogatório. Correu de volta até a mesa, pôs as duas mãos aneladas sobre ela e, delicadamente, desligou os microfones. Sussurrou, forçando a audição de Daniel.

— Você precisa parar – pediu queixosa. — Eles estão atrás de você. Arrumei uma casa, fora do estado, para você se refugiar até que baixe a poeira. Caia fora daqui.

— Não vou fazer isso, Clara. Não posso.

— Pare de querer bancar a droga do herói! – naquele instante, ela reclamava, tentando proteger Daniel de si mesmo. — Você não tem condição para tal, Daniel! Salve-se enquanto pode. Deixe com a gente.

— Até parece que entregaria nas mãos sujas do Félix – reclamou. — Entenda Clara, este assunto é estritamente pessoal. Não posso envolver a polícia.

— Estou tentando protegê-lo. *Que droga, Daniel!* – exaltou-se, com os olhos marejados.

Precisaria ser rude com a mulher que amava e, talvez, fosse doer mais nele do que nela.

— Se não estou aceitando, é bem óbvio que não *quero* a sua proteção.

Mesmo com os microfones desligados, foi possível ouvir o alto som do tapa que ela deu na cara do jornalista. Projetou sua mão com força bem no lado esquerdo de seu rosto, milímetros abaixo do curativo no ferimento que transpassava o seu rosto, apesar de não ser de cicatriz permanente. De algum jeito, Daniel não conseguia entender. Dos olhos da bela detetive começaram a escorrer, vagarosamente, as lágrimas, dando a entender que aquele tapa doía mais nela do que nele, apesar do ego ferido.

— Não quero perdê-lo – choramingou baixinho.

— De que vai adiantar me segurar aqui? – continuava a disparar o rapaz, criando uma antipatia para afugentar Clara por alguns momentos. Dias, semanas... até resolver aquilo. — Há pessoas correndo risco de morte a cada momento em que me segura neste inferno de interrogatório. Me deixe em paz, Clara.

— Acho que devemos dar um tempo – sugeriu ela, chorando.

— Se for preciso terminar com você para não a perder, acredite, vou fazer.

— Não faz o menor sentido – Clara continuava a se queixar.

— Me desculpa, por favor – pediu ele, fitando os olhos baixos dela.

Clara odiava demonstrar fraqueza, ainda mais dentro do local onde trabalhava, o que lhe forçava instintivamente a baixar os olhos a fim de evitar qualquer contato visual que caracterizasse sua debilidade emocional. Ver aquele rosto, dantes iluminado em cada momento de beijo, naquele estado, estava destruindo Daniel. Por um instante, desejou ser cego para não ver aquela cena.

Precisava ser covarde, se a quisesse viva. Apesar de adorar ter sua amada ao seu lado nas mais insanas investigações, não podia arriscá-la. Era bem além do que realmente podiam imaginar, e aquilo lhe afetava de uma maneira inimaginável.

— Apenas saia daqui, senhor Meirelles. Caso o veja novamente, próximo a alguma cena de crime, irei prendê-lo por atrapalhar investigação policial e, desta vez, será *pra* valer.

— *M-mas, Clara...*

— Estamos terminados aqui, senhor Meirelles – retrucou, impondo-se. Enxugou as lágrimas, recompondo-se antes de deixar o local.

Daniel sabia que Clara era uma grande atriz capaz de se passar por feliz em qualquer momento que precisasse, mesmo sabendo ser uma mentira. Coube ao jornalista ser escoltado para fora por um dos policiais que o tinha levado até ali.

No momento em que passava pelo corredor da DP, em busca da saída, notou uma movimentação estranha. Oficiais seguiam para suas viaturas com a premissa de que um mendigo havia encontrado três sacolas plásticas com pedaços de um corpo esquartejado. Num instante o burburinho se instaurou na central. O amontado de tecidos, órgãos e ossos não mais funcionais era facilmente identificável, pois pertenciam a ninguém menos do que o criminoso mais procurado da cidade. Luiz Barros.

Como gado que sai do campo para o abatedouro, o homem tinha sido enviado do hospital direto para um

beco indigente e, certamente, dentro de algumas horas para o necrotério, onde seriam averiguadas as causas do crime.

O jornalista conectou as informações. As fotos eram do corpo de quem ele esteve procurando o tempo todo. Mais uma vez, o tal IB atacava e, naquele momento, a peça principal do quebra-cabeça. Tratava-se de um jogo mental sádico, no qual ele estava ganhando do jornalista e da polícia de lavada. A situação estava mais crítica do que nunca.

# Capítulo 14

Por mais que soubesse ser perigoso aproximar-se do caso, em poucos minutos Daniel estava no local. Assistia a cena como se fosse um transeunte desavisado ou um curioso, daqueles que mal podem esperar para tirar fotos e divulgá-las em algum grupo de notícias, de um aplicativo de mensagens para celular, passando a falsa impressão de que fazia algo para a sociedade.

Metido entre as pessoas aglomeradas por trás da fita de segurança que isolava o local, o jornalista tentava entrar de cabeça, acotovelando os outros para conseguir algum espaço. Bem... era um tanto difícil não ser notado por ali devido a sua altura um tanto avantajada que, em certos momentos dificultava, como naquele. Esgueirando-se e tentando se espremer contra as grossas paredes do beco – que parecia ter sido extraído de um gueto de judeus refugiados da Alemanha Nazista na segunda guerra mundial -, Daniel pode ver toda a situação.

Por alguns segundos, achou que estava num filme *noir* misturado a algum thriller de terror. A figura da morte não lhe era estranha, mas aquela ali tinha suas peculiaridades: tinha sido brutal. O sangue espirrado nas paredes do beco cintilava, a cada relance das lanternas conduzidas pelos detetives, como se quisesse ressaltar o fato de que não iriam se esquecer daquilo tão cedo. O corpo nas sacolas plásticas escuras, tiradas da caçamba de lixo, provocava uma ironia sombria. Ora, um homem de família tão importante e poderosa nunca iria achar que sua vida se encerraria numa ruela próxima à entrada de uma favela ‘barra-pesada’.

Ao longe, era possível ver a silhueta dos detetives conversando com o mendigo assustado e coberto de sangue. Talvez, por algum tipo de preconceito, ainda acreditassem que aquele pobre homem desfavorecido tivesse cometido tamanha atrocidade, sem levarem em conta que ele era apenas o cara errado, no lugar errado, na hora errada.

O cheiro do sangue seco e do início da putrefação do cadáver entorpecia a consciência de Daniel, apesar de este atribuir a tontura e o mal-estar ao surto de remédios sofrido mais cedo. Os funcionários do IML zanzavam de um lado ao outro da rua, enquanto os policiais tentavam conter a massa curiosa e ansiosa por notícias concretas, apesar de sua maioria já ter aberto a boca com dúzias de especulações. Um assunto e tanto para a roda de bebida ou para jogar conversa fora com a comadre da porta da frente.

Então, um descuido ocorreu. Uma moça loira, aparentando ter uns vinte anos e ser ingênua e despreparada, carregava uma das sacolas quando por acidente deixou-a cair, exibindo seu conteúdo para todos os desocupados por ali. Como uma bola de futebol, a cabeça do cadáver rolou até eles, revelando a face de pavor e horror tanto da vítima quanto dos pedestres ao verem a cena. A cabeça de Luiz estava

rasgada do escalpo a boca, como se tivesse sido cortada com uma espada ninja. A íris de seus olhos, indistintas, de tão afundadas no crânio.

A pele acinzentada dava um aspecto que poderia levar qualquer um a pensar tratar-se da produção de algum filme relacionado a zumbis. Sabendo que ele poderia ser o próximo, o pânico tomou controle de seu ser. Para um indivíduo que agia com tanta autoconfiança e arrogância, passar por aquilo seria vergonhoso. Estava sentindo medo – e odiava deixar que os outros soubessem disto, reprimindo-se a cada momento que pudesse demonstrar sua situação de fraqueza.

Aquela cena lhe perturbou tanto a ponto de o mal-estar culminar em uma crise náuseas, fazendo o jornalista afastar-se mais da multidão em busca de uma lata de lixo ou de um lugar mais reservado para não chamar a atenção. No final das contas, apenas tinha se aliado a mais algumas pessoas de estômago fraco, que não conseguiram suportar também, ‘*fugindo*’ suavemente do local a fim de vomitar. Era a convenção social mais estranha que presenciara, aliás, ali nem era ambiente para concentrar tantas pessoas de uma vez.

Que tipo de atrativo havia na morte?

Lembrou-se dos lucros do jornal. O sensacionalismo e a desgraça eram como cubos de açúcar para leitores tão ávidos por coisas ruins. Talvez, entre eles, estivesse um psicopata ou uma mente assassina em potencial. Enquanto não se manifestasse, todos estariam seguros. *Ou não*. Meirelles, ainda passando mal, teve sua atenção presa por uma voz deveras conhecida.

— Daniel? Você está bem? – indagou.

— Olha só para mim, Max. Pareço bem? – respondeu, efetuando uma pergunta abarrotada de grosseria, fazendo Maxwell recuar um pouco. Recuar talvez, mas não desistiria da amizade duradoura.

Tentando ignorar a situação, o ‘*ex-detetive em potencial*’ procurou contornar:

— Até parece que nunca estive em uma cena de crime comigo, não é?

— Não nesse estado, pode acreditar – retrucou nauseado.

— Se checar o seu celular, vai poder ver algo em torno de umas dez ligações minhas para você – protestou Maxwell, reclamando sobre aquilo. — Me explica onde diabos você estava?

— *Ah*, estava em casa, dormindo – emendou, ainda tentando esconder o vício compulsivo em remédios contra a dor, que quase o fizeram passear para bem longe da terra. Trancado na mentira que havia criado de que não precisava de ajuda porque estava bem, continuou a falar. Sabia que mais cedo ou mais tarde, Maxwell teria conhecimento da sua dependência química. — Até me levarem para um interrogatório na

DP.

— *Na DP?* Por quê? – espantou-se, fazendo até uma cara de estranheza.

Como era um assunto de interesse do amigo, Daniel logo tratou de explicar:

— Encontraram a minha moto no hospital e também puxaram as imagens da câmera de segurança.

— Ah, por isso... – comentou, por mais que não traduzisse a sua apreensão. — Mas, você falou algo sobre ter ido comigo?

— Não, e nem perguntaram. Você estava irreconhecível com aquela capa preta – disse Daniel, exaltando um pouco o disfarce. — Aliás, jurei ter visto a sua foto no mural de avisos da polícia, como um retrato falado. Mas, ninguém deve associar a você, eu acho.

— Mudando de assunto – falou o amigo, suspirando fundo para dar a entender o fim daquela história, ao menos durante um momento. — Você acha que tudo isso tem algum sentido? Por que Barros escaparia do hospital, numa fuga quase impossível, para terminar aqui neste beco de desprezível?

Daniel avançou no detetive, tapando a boca do amigo com sua mão e assustando-o.

— Mas que m... – resmungava incompreensivelmente, enquanto Daniel arrastava-o para longe.

— Quer mesmo falar disso aqui? – repreendeu Daniel, tentando censurar Max. — Esses caras são doentes, gostam de fazer e *assistir* o inferno caindo ao redor. Se estiverem aqui, vão saber que somos nós. Estão no nosso encalço.

— Como assim? – espantou-se Maxwell. — Eles não sabem de nada.

— Diz isso para a ameaça com as fotos do cadáver do Barros que recebi hoje pelo correio.

— O quê? Você recebeu uma carta com as fotos do corpo esquartejado do Barros? – exclamou interrogativamente Max, chamando um pouco a atenção das pessoas que viraram a cabeça em sinal de plena curiosidade. O jornalista apontou seu dedo polegar perto da boca, dispersando-os com o argumento de que seu amigo tinha ingerido algumas doses. Sendo aquilo um gesto de compreensão ou não, alguns acenavam negativamente com a cabeça, reprovando os dois, como se quisessem dizer: “*o que estes dois bêbados estão fazendo aqui?*”.

— Vou explicar tudo bem direitinho – adiantou-se o jornalista, tentando amenizar a situação. — Veio de carro?

— Vim, por quê?

— Explico no caminho – disse, puxando o braço do amigo para fora dali. — Vamos.

Em pouco tempo, os dois saíram do local no carro de Max, com destino à praça da cidade, já deserta dado o horário, onde poderiam conversar tranquilos, sem a impressão de estarem sendo vigiados a todo momento. Era o que acreditavam. Sorrateiramente, após a saída dos dois das imediações do beco, um sedã preto se exibiu ao longo das vastas – e agora quietas – ruas de Ribeirão Freire, seguindo-os sem que percebessem.

O que eles queriam dizer com praça central tratava-se de um complexo de quatro praças menores que tomavam literalmente toda a avenida, deixando apenas o espaço para as duas mãos. Uma para eventos, outra para crianças, outra para restaurantes e mais uma para esportes, completando a obra faraônica da cidade. Era uma constante inversa. Um dos motivos dos Barros poderem se sustentar por tanto tempo no poder foi uma espécie de política de compensação. No ano correspondente aos movimentos de eleição, engajavam-se em desenvolver e melhorar a cidade, enquanto nos outros três usavam da mesma influência para surrupiar os recursos monetários. De um jeito ou de outro, tinha que reconhecer a genialidade deles. Apenas foram derrubados após aquela matéria tão minuciosa.

Pouco tempo depois de estacionar, Daniel girou o pulso para checar o horário. O relógio ‘apontava’ em seu visor digital: 00h30. Em dia de semana, as praças sempre estavam vazias. Ao longe, ainda se via alguma penumbra de luz de um restaurante de comida típica regional. Provavelmente, havia tirado o dia para efetuar a limpeza no estabelecimento porque não tinha tempo para fazê-lo durante o fim de semana tão boêmio e agitado da cidade.

Desceram do carro, e o jornalista procurou um dos bancos posicionado em frente a grande fonte de dois andares, um cartão-postal bem conhecido pelos habitantes. Gostava daquele lugar, trazia boas lembranças com a detetive Andrade. Por questão de respeito ou, talvez, para evitar alguma recordação que o fizesse sentir mais remorso pela grosseria com que tratou a amada, procurou outro banco, mais precisamente no lado oposto da fonte, como se quisesse demonstrar o quanto o momento era diferente.

Parecia um tanto trivial, mas era relaxante para ele se manter longe de algo que remetesse a um sentimento bom, por mais que relaxar fosse uma palavra banida do seu vocabulário desde a ocorrência no mês anterior. Já sentado e fitando a fonte fixamente, Max tratou de quebrar o gelo, indagando sobre a situação.

— OK, já estamos aqui. Você não falou nada no caminho, então, faça o favor de adiantar logo – resmungou o detetive. — Que ameaça foi essa?

Daniel encurvou-se, apoiando os cotovelos sobre os joelhos, quase agachado, compenetrado no relato a seguir.

— Logo depois de você ter me deixado em casa, havia uma correspondência com as fotos do corpo esquartejado. De início, pensei que fosse engano, afinal, nem sabia quem estava nas fotos. Então, vi cada verso das fotografias. Juntando todos, formava-se uma mensagem bem explícita. Uma ordem para que eu parasse de segui-los, senão aquele seria meu destino. Apenas juntei as peças quando ouvi que o corpo pertencia ao Barros.

— Então é isso? – protestou Schneider furioso, valendo-se do sarcasmo usual do amigo. — Agora quer dizer que vamos morrer? Que surpresa agradável, hein?

— Não, *cara*, vamos continuar e pegar esses malditos de um jeito ou de outro – tratou logo de apaziguar o jornalista. — Essa ameaça serve como um combustível para conseguirmos ir até o fim – falou como se fosse um palestrante motivacional, procurando esconder ao máximo o tremor na sua voz. Dava graças aos céus pela iluminação fraca ou a palidez de seu rosto transmitiria a mensagem errada.

— Daniel, pensei bem no que você disse – ponderou o detetive, refletindo sobre a situação. — Acho que não há vergonha alguma em desistir.

— *Quer desistir?* – Desta vez foi o jornalista quem mostrou sua revolta. — Adivinha só: ele sabe onde eu moro. E acho que não deve ser muito difícil descobrir onde você vive também. Eles vão matá-lo.

— Me matar por sair do encalço deles? – estranhou Max. — Esse é o jeito de ficar seguro, e deixar isso com a polícia.

— Não sou conhecedor do crime organizado ou essas coisas, mas a verdade é que primeiro eles ameaçam e, depois, dão cabo de você – explicou, gesticulando. — Não há honra ou promessa nisso, Max. Entenda, se desistir, você morre, eu morro e até o resto de nossas famílias pode estar em risco.

— Se continuarmos, todo mundo morre do mesmo jeito – respondeu o detetive, colocando os três dedos da mão direita na linha central das sobrancelhas, deixando escorregar para o tronco do nariz e fechando os olhos em seguida. Tentava se concentrar e organizar as ideias. Sentiu que aquilo tinha ido longe demais. — Olha Daniel, quando o chamei, era bem claro que eu não estava com cabeça. Quero que me desculpe por tê-lo metido nesta confusão toda, até porque isso não é da sua conta. O que aconteceu é que estava animado, empolgado e possuído pela vontade de me vingar. Temos que saber quando bater em retirada, *cara*. Não podemos continuar. Eles sabem quem somos e, pelo jeito, sempre predizem o nosso próximo passo. A única coisa que temos feito é andar em círculos enquanto eles matam e... continuam a rir da gente?! É assim que vai ser? Tem que acabar. E agora!

— Não. Recuso-me a aceitar isso – gritava o jornalista, golpeando o ar, indignado. Estavam caindo na realidade. Mas, se esse choque significasse a desistência, então Daniel odiava a realidade — Não podemos parar. *Você não vê?* Vão nos arrastar para o quinto dos infernos. Temos que acabar com essa

história ou esta cidade nunca vai se ver livre da tirania de caras como os Barros ou como esse tal de IB.

— Então me diz o que a gente faz – respondeu o detetive, gritando, pondo-se de pé e confrontando Daniel olho a olho.

Neste momento, o doce ruído do fluxo da água na fonte teve uma alteração que chamou a atenção. Uma leve trepidação, um tremelique na água contrastava com o silêncio da praça. Virou-se para o lado dos restaurantes e não havia mais uma única alma penada no estabelecimento que viram aberto anteriormente. Logo conseguiu avistar o que o provocava.

— Max, não sei o que vamos fazer depois, mas, agora, tenho uma forte sugestão – falou com a voz num crescimento constante, provocando estranheza em Schneider.

— O quê?

— Pro chão! Agora!

As palavras da última sentença proferida por Daniel foram intercaladas por uma rajada de tiros provinda de um sedã esporte longo, com o cano da metralhadora salientando-se pela janela entreaberta. Sem titubear, o jornalista atirou-se para frente a fim de derrubar Maxwell. Um desconforto no baço, após uma queda, dói muito menos que ser atingido por vários tiros. Após a tentativa de execução, o carro saiu em disparada, dando a volta na praça para ter a certeza de que os dois estavam mortos.

# Capítulo 15

— Que porcaria, o que *tá* havendo? – perguntava Max, completamente desorientado.

— *Tão* tentando matar a gente! Max, vai *pro* carro. Vai, vai, vai!

Como dois vultos aleatórios na noite, eles foram tentando se afastar da fonte, mas ao ver que não conseguiriam, antes que o carro desse mais uma volta, atiraram-se atrás do concreto que cercava e delimitava o ornamento aquático principal da praça. Mais uma rajada de tiros. Desta vez, em sua grande maioria, atingiram as lâmpadas e algumas outras decorações do local. Tentando caprichar um pouco mais, para acertar os alvos, o motorista do sedã, distraído, passou direto, tendo que acionar os freios bruscamente para não atingir em cheio um prédio de vidro, metros à frente.

Aproveitando-se da chance, Maxwell e Daniel se esgueiraram pelo carro e aceleraram para sair da praça, sendo seguidos bem de perto pelos enviados do IB.

De repente, começou a trovejar e o céu mudou drasticamente, fazendo cair uma pesada chuva sobre Ribeirão Freire, o que era bem estranho naquela época do ano. Provavelmente, alguns agradeceriam pela providência da chuva, outros reclamariam, mas não era o que estava em questão naquele momento. Num instante, a lembrança da explosão no mês anterior veio à cabeça de Daniel, com as luzes da cidade resplandecendo e cintilando através da janela, contudo, em outra ocasião. Mas precisou passar pelo módulo de direção defensiva – e agressiva também – na polícia, por isso, conduzia o carro para o mais longe possível dos perseguidores.

Entretanto, eles eram rápidos. Aquele motor debaixo do capô não devia ser menos que um 2.0, já que aparentava ser um carro de luxo daqueles que custam alguns bons salários. Momentos depois, haviam os alcançado sem maiores dificuldades. Tentando circular em ziguezague, o automóvel de trás começou a abrir fogo, fazendo o vidro traseiro e boa parte do porta-malas ser perfurado por balas. Mesmo dirigindo, Max tentava se abaixar para impedir que fosse atingido. Daniel, então, reparou que tudo estava acontecendo no meio do centro da cidade e que aquilo poderia pôr em risco a vida de outros inocentes.

*Teve uma ideia.*

— Max, entre aqui nesta rua – exclamou, sugerindo energicamente.

— No acesso para a ponte? – gritou Max, sem tirar os olhos da estrada, enquanto respirava de maneira ofegante, vendo que os bandidos recarregavam a metralhadora. — Vai ser bem mais fácil para eles nos acertarem, você é louco?

— Escuta e entra logo aqui – respondeu o jornalista, devolvendo a entonação na mesma moeda.

Mesmo contrariado, Schneider não teve muito o que fazer porque as alternativas estavam ficando escassas. Após relutar um pouco, virou o volante a toda força, fazendo o automóvel derrapar um pouco, enquanto subia pelo acesso da ponte que cortava a cidade, ligando os seus polos opostos. Aproveitando-se desta falha de execução na manobra, os assassinos começaram a ganhar terror e adotaram uma nova estratégia. Começaram a esbarrar no carro, batendo propositalmente a fim de vê-lo capotar como fizeram com os seguranças de Luiz anteriormente. As batidas aconteciam de maneira sucessiva, amassando toda a traseira do automóvel, fazendo com que qualquer pessoa, que visse aquele monte de lata amassado e perfurado, duvidasse muito que tal coisa antes se tratasse de um veículo em perfeito estado.

— E agora, Daniel? – perguntava o amigo com desespero na voz e na expressão. Mais algumas batidas e poderia explodir.

— *E agora?* Agora, nós vamos morrer – retrucou com um sorriso sádico e macabro na face.

— É o quê? – gritou Maxwell, sentindo-se traído. — Você me trouxe aqui para me matar?

— Matá-lo não... – afirmou, adotando um tom bem mais enigmático. — Não vou matá-lo, nós vamos morrer, é diferente.

— Droga – queixou-se o detetive, esmurrando o volante, dando socos com todo o seu ódio no braço do colega, sem tirar a mão esquerda do volante. — Como você pode?

— Ocupe-se em responder outra pergunta. Sabe nadar, por acaso? – perguntou, ignorando a oposição do amigo ao seu plano.

— Deixa de ser cretino, seu desgraçado!

— Espera um pouco... *Três, dois, um!* – gritou Daniel, sentindo a pancada na traseira novamente. Ao invés de este virar para a esquerda e evitar o acidente, ele se jogou no volante, puxando-o para a direita com toda força. A barricada de concreto, que separava a ponte do profundo e traiçoeiro rio Ipitanga, era feita em formato de L, um tanto curvo, o que provocou a decolagem do carro do detetive por cima do bloco, para o rio. Durante a queda na água, o jornalista continuou a emitir instruções: — Tire seu cinto agora.

Foi a última coisa audível que ele disse antes do carro cair, com o peso do motor puxando os ocupantes para baixo. Com toda a água entrando rapidamente no veículo, tudo que havia era apenas a penumbra da iluminação da ponte, dando-lhes ainda um lampejo de esperança.

Conseguindo tirar o cinto e quebrar a janela do carro, Daniel saiu do carro e seguiu para ajudar Maxwell

logo depois. Mesmo submersos, o jornalista tentava salvar Max daquilo de um jeito ou de outro, até que o detetive conseguiu quebrar e, com êxito, projetar-se pela janela a fim de escapar daquele recipiente que servia para afogar qualquer um.

Subindo para a superfície sem chamar muita atenção, conseguiram ver os três famigerados indivíduos a encarar o carro afundado e a ausência de sobrevivente, julgando os dois como mortos. Depois, acelerando o carro para bem longe, possibilitou que Daniel e Max se aproximassem da costa, ainda deserta dada a hora. Apesar de completamente ensopados, os dois suspiravam a fundo, satisfeitos com a fuga ‘bem-sucedida’. Arfando na costa, deitando-se na areia que antecedia o rio, Max falou:

— Satisfeito agora? Estamos molhados, sem carro e sem comunicação alguma com o mundo. Você assinou nossas lápides e ainda por cima cuspiu nelas. *Obrigado por nada*. Agora, vou dar a chance de você explicar que porcaria de plano foi essa, seu imbecil! – reclamava o detetive, ojerizando contra o amigo, que pouco parecia ligar, imerso em seus pensamentos, com um sorriso de canto de boca impregnado em seu rosto.

— Molhados, sem carro, comunicação alguma com o mundo *e mortos* – repetiu ele, como se reproduzisse uma listinha de tarefas em sua mente, num monólogo. — É, deu certo.

— O que deu certo? – indagou o confuso Maxwell.

— Não consegue perceber? Meu plano deu certo, Max! Nós morremos – explodiu Daniel com os braços levantados para o céu, aproveitando-se de que ninguém o ouviria ali para comemorar compulsivamente.

— Não entendi.

— Não entendeu? – dizia de maneira animada, exaltada, tentando forçar o amigo a reconhecer seu brilhantismo. — Tivemos um acidente. Nosso carro foi parar no fundo do rio, muito profundo para corpos serem procurados, ou seja, nós morremos. *Eles acham que morremos*, e a nossa vantagem está aí, afinal, quem iria perseguir dois mortos, não é? Ninguém sabe que estamos vivos. Simplesmente não existimos mais.

Max parou para pensar e foi obrigado a reconhecer a genialidade do plano, mas, ainda assim, parecia desconexo e, além disso, seu orgulho não permitia que Daniel saísse por cima, por isso, precisou questioná-lo.

— Pode até parecer inteligente, mas como vamos arrumar dinheiro? Ou onde moraremos? – contrapôs Maxwell. Parecia querer fazer o plano idiota a qualquer custo, em virtude de seu prejuízo.

— Ainda dá *pra* passar na minha casa e afanar alguma coisa – respondeu pensativo. — Então, é melhor irmos logo. Apenas sei que você deveria agradecer porque, agora, temos outra possibilidade de pegar

esses caras. Nem vão desconfiar de onde viemos. Basta chegarmos à mansão como enviados pelos outros Barros para continuar a fazer negócios e pronto... *estamos dentro*.

— *Hum*, não sei não, Daniel...

— Cara, qualquer coisa a gente liga *pra* polícia. Mas, se você tiver outra ideia, sou todo ouvidos, com toda certeza – devolveu num tom de deboche porque sabia que Max não responderia. — Já que quem cala, consente, vamos prosseguir com meu plano. Somente quero que me diga se, por acaso, existe outro modo de fazermos isto.

Maxwell ficou um tanto atravessado, pensativo em como tudo aconteceria, mas, por mais que odiasse dizer aquilo, Daniel tinha razão. Bastavam ir até a mansão, onde ocorreria a reunião, e ninguém desconfiaria de nada, pois estavam ‘*mortos*’. Claro que um dos efeitos colaterais seria a família de ambos sofrendo pela ausência e, quase certeza, de que nunca mais os veriam. Porém, era necessário para que tentassem dar um fim no IB. Aliás, graças aquelas duas letras, haviam sido agraciados com mais uma chance e, desta vez, não perderiam a oportunidade de jeito nenhum.

# Capítulo 16

Deve ser bem estranho forjar a própria morte. Falando assim, soava como loucura, e era exatamente o que os dois jovens pensavam. De uma hora para outra, suas profissões, amigos, conhecidos e *vida* lhe foram arrancados de maneira repentina, por mais que tivessem procurado aquilo. Sabiam que se dessem algum sinal de vida, não demoraria nada para serem encontrados em meia dúzia de sacos plásticos, com seus corpos esquartejados e abarrotados de balas, dentro do necrotério do IML. Como parte do disfarce, precisaram dar cabo de suas preferências anteriores para serem ‘*outras pessoas*’ de um modo mais credível. daquelas que falam seus nomes falsos com segurança e controle na voz.

No fundo, o jornalista sentiria falta do cabelo curto castanho penteado para a direita e da barba rala que nunca incomodava ninguém. A partir daquele momento, teria que raspá-la e livrar-se do cabelo, deixando-o num corte bastante similar ao usado pelos militares, sem falar na droga das lentes de contato azuis para dar mais ênfase ao que ele não era.

Maxwell também não escaparia da transformação. Precisou clarear o cabelo, deixando-o quase num loiro castanho, além de colocar grossas lentes, imitando fundo de garrafa, que o incomodavam bastante.

Os dois se olhavam e sentiam vontade de rir incontrolavelmente, como se aquilo fosse uma brincadeira de criança, mas a situação nunca tinha sido tão séria. Estavam indo para uma guerra, por mais estranho que fosse o modo de se prepararem. Antes de se vestirem a caráter, ambos passaram na casa de Meirelles e apanharam dinheiro suficiente para custear uma noite em qualquer pousada de quinta categoria. Pegaram também alguns documentos falsos, devidamente escondidos em uma caixa debaixo da cama do jornalista, com nomes inventados e espaços em branco para as fotos. Estranhando, Max decidiu perguntar:

— Identidades fajutas? Desde quando tem isso?

— Quando se é um profissional da mídia odiado e procurado por todos, são necessárias medidas de prevenção – explicou-se, como se fosse comum para uma pessoa ter vários tipos de documentos falsos.

— Aqui tem passaportes, alguns dólares, reais... o suficiente para se começar uma nova vida quando quiser.

— Por isso você é tão apertado no fim do mês, hein? – debochou Max.

Daniel devolveu na mesma moeda:

— Não acho que você deva culpar um homem por suas precauções, não é?

— Sabe que poderia prendê-lo por isso? – disse o detetive, tentando parecer sério.

— Sei – respondeu Meirelles com um sorriso de canto de boca. — Sei também que não pode fazer isso sem um distintivo.

— Droga, você ganhou essa – reclamou Max em um tom derrotista.

— Vamos dar o fora daqui logo – alertou o jornalista. — A vizinhança pode estranhar a movimentação aqui em casa nesta hora da noite.

Como vultos na noite, saíram do apartamento, correndo o mais rápido possível. Ainda não sabiam, mas, dentro de algumas horas, o telefone da polícia explodiria em chamadas, alegando haver um pedaço da ponte quebrado por causa daquilo que, claramente, parecia um carro, depositado ao fundo do rio Ipitanga, em suas águas já menos turbulentas.

A atendente da pousada nem desconfiou dos senhores de poucas palavras que alugaram dois quartos separados às três horas da manhã daquele dia que não costumava atrair tantos hóspedes. *Aliás, não atraía hóspede algum.* Mesmo ficando no coração da cidade, a pousada Dois Lobos era prejudicada pelo fato de estar muito próxima a uma favela conhecida e pelo alto índice de criminalidade por ali, naquele espaço que parecia ter sido esquecido pela gestão, pela polícia e por Deus.

Parecia aqueles ‘*motor hotel*’ conhecidos de inúmeros filmes americanos, entretanto condensado em dois andares. Era pequeno em largura e extenso em comprimento, comportando muito bem cerca de dez quartos ao longo de seu estabelecimento, mesmo que isso sacrificasse o espaço do corredor, fazendo os hóspedes se imprensarem contra as paredes a cada vez que dois saíam ou caminhavam em sentidos opostos ao mesmo tempo. *Em síntese, era uma espelunca.* Contudo, bastante necessária, afinal, grandes hotéis desconfiariam de dois cavalheiros, vindos de fora, com documentos que pareciam recentemente expedidos, com suas grandes quantias em posse e sem falar nas câmeras de segurança que, provavelmente, cercariam o lugar.

Entrando em quartos distintos, os amigos pareciam ter movimentos sincronizados. Encararam o aposento em que estavam e fecharam as portas lentamente enquanto lidavam com as roupas de emergência, compradas em um brechó 24hs, enfurnadas na mala.

Completamente exausto e sem certeza alguma da vida, o pensamento era um só: “*como aquilo tudo foi acontecer?*”. Atirando as malas para o canto do criado mudo, os dois caíam em suas camas, afundando os rostos cansados e alterados no meio do enchimento de um travesseiro de quinta, comprado em alguma loja de decoração de R\$ 1,99.

Entretanto, ao contrário de seu amigo, Daniel seguiu outro caminho. Ficou pensando em como não

conseguia mais esconder o medo que sentia de tudo aquilo. Lembrava-se de Clara e dos momentos que passaram juntos. Dos pais e da briga feia que tiveram na última vez em que se encontraram. Do doutor Schneider, morto por sua causa. Sabia, no fundo, que aquilo teria fim de um jeito ou de outro, fosse com ele em um caixão vazio – *como aconteceria assim que descobrissem sua suposta morte* – ou num caixão físico e real, como um pobre maldito.

Já que seu celular afundou no rio, precisou pegar uma foto de Clara de um porta-retrato em sua rack. Ao ver aquele pedaço de papel fotográfico com o rosto de sua amada impresso, a única coisa que conseguia reproduzir mentalmente era “*me perdoe*”. Chorou baixo por alguns minutos, que pareceram uma eternidade, até pegar no sono com a esperança de que pudesse vê-la novamente.

## Capítulo 17

Daniel acordou com o sol invasivo tomando conta de cada centímetro do quarto. Virando-se de costas para a janela, ergueu o pulso e checkou a hora. O relógio era a única herança que ainda mantinha consigo e cumpria muito bem sua função de marcador de horas: 9h21. Era o início do primeiro dia da vida de Daniel, *de novo*. Nascer aos 25 anos, aquilo era estranho. Ou então, nascer em 1991, como dizia a identidade falsa.

Aproximando-se do agente responsável por acordá-lo, o jornalista encarou o que se passava lá embaixo. Uma feirinha logo ao lado da pousada e mais à frente uma padaria que, mesmo já beirando o horário do almoço, ainda servia café. Arrumou-se rapidamente e desceu as escadas sem chamar o amigo, afinal, havia sido uma noite difícil para Max também.

Atravessando a rua, pode ver uma banquinha de jornais, cuidada por um senhor muito simpático. Como se estivesse por lá há mais de vinte anos, conhecia todo mundo, falava com todos e, mesmo não sendo do feitio de um idoso, adorava reparar na vida dos outros. Com dois reais, Daniel se aproximou, pediu um jornal – *no qual ele trabalhava, claro* – e seguiu para a padaria.

Momentos depois, estava sentado ao lado da janela com uma xícara de café, um prato repleto de pães de

queijo – um de seus quitutes favoritos – e o jornal da Gazeta de Ribeirão distribuído diagonalmente, ao longo da mesinha, distante da cafeína para não correr o risco de ser molhado.

*A matéria principal?* A morte de Luiz Barros, estampada na capa com imagens censuradas ao lado de sua foto real, onde era prometida uma retrospectiva da sua vida política. A reportagem toda sempre o exaltando como um mártir da excelência. Definitivamente, ainda havia algum sanguessuga desgraçado ‘babando’ os Barros a fim de ibope. *Nojento.*

Soprando o vapor do café aos poucos, enquanto fitava o jornal, procurou pela seção que o teria. No obituário estava a sua foto e a do detetive, lado a lado, com um negativo quase minúsculo do carro repousando em águas profundas, com uma moção de pesar no canto da folha. Triste a falta de reconhecimento a qual o jornalista era submetido.

Folheando o caderno social, deparou-se com a foto de um senhor de idade bem vestido, com um terno que aparentava ser preto, apoiado em uma bengala na mão direita enquanto o braço esquerdo estava muito ocupado, sendo abraçado por uma mulher alta e formosa. A matéria trazia como título:

“EMPRESÁRIO ITALIANO COMEMORA ANIVERSÁRIO EM RIBEIRÃO FREIRE”

Trazia informações sobre a vinda do homem a uma mansão, cuja foto em menor escala, estava enfiada no meio da matéria. *Interessante.* Daniel lembrava-se daquela casa de algum local e, naquele exato momento, tudo se encaixou. Era a mesma foto do endereço que Barros havia lhe entregue, provando que, no fundo, não estava mentindo. Talvez não pensasse que fosse ser morto no meio da execução do seu plano ou apenas tinha dado o endereço certo para depois lembrar o fato do quão pertos eles chegaram e não conseguiram pegar o IB.

Teve sua atenção cativada pela campainha atrelada à porta da padaria e ergueu os olhos, vendo Max se aproximar. O amigo sentou à sua frente, puxou o prato de pães de queijo para si e se esparramou na cadeira, fitando o horizonte da selva de pedra que era Ribeirão Freire

— Bom dia *pra* você também, Max – cumprimentou Daniel, devidamente incomodado com o ‘roubo’ de seu café da manhã.

— Ah, bom dia – respondeu de boca cheia.

— Escuta só essa: “Empresário italiano comemora aniversário em Ribeirão Freire” – retrucou, mudando a tonalidade da voz de forma que parecesse um interlocutor de telejornal fazendo a transcrição do texto — “*com uma festa milionária realizada em uma de suas propriedades no Brasil, Enzo Brignani comemorará seu aniversário de 75 anos em uma das mansões mais suntuosas da cidade, localizada a 20km de distância da região metropolitana da cidade*”.

— Sim, e? – indagava Schneider por uma explicação, já que, naquele momento, sua mente procurava se concentrar em devorar o pão de queijo.

— Olha só a tal mansão onde vai rolar a festa – disse o jornalista, arremessando o jornal sobre a mesa e colocando o dedo em cima da foto da propriedade.

— A mansão onde o Barros disse que haverá a reunião! – falou o detetive, agarrando o jornal e se ajeitando com os cotovelos na mesa, tentando mostrar o máximo de cumplicidade com a situação. — Quando será a festa?

— *Tá* escrito aqui. – Apontou para o jornal, exibindo a informação. — Neste fim de semana. Sexta, sábado e domingo, precisamente.

Max coçou a cabeça com o braço direito e perguntou:

— Acha que o IB estará lá?

— Ele *precisa* estar, Max – respondeu Daniel enfático, procurando dar a devida importância à ocasião. — É a nossa última chance.

— Opa, Max não – disse o detetive com o dedo em riste. — Marcos agora.

— Você está incorporando mesmo nessa identidade falsa, não é? – resmungou Daniel, ainda que achasse um pouco de graça naquilo. O *agora Marcos* sorriu.

— Já que tem que parecer convincente, estou fazendo a minha parte.

— Guarde isso para as perguntas de qualquer desavisado, não vamos mudar quem somos – falou Daniel, digo David agora, num discurso melódico e reflexivo que o fazia estranhar a si mesmo. — Inclusive, você viu o obituário? Estamos nele.

— Droga, pegaram a minha pior foto – reclamou.

— Isso realmente importa? – Deu de ombros Daniel.

— Para mim importa, claro. Não tenho culpa se você é um excluído da sociedade, meu amigo.

Os dois riram disfarçadamente. Havia horas em que pareciam estar avulsos a todos os acontecimentos, como se estivessem participando de uma convenção social, um *happy hour*. Sentiam falta daquilo. Sentiam falta do *'ser normal'*. Então, às vezes, construía esta mentira e viviam nela para passar o tempo, para não se comiserarem e auto destruírem de tanto envolvimento com o caso. Por mais que *tentassem* fugir, podiam ver nos olhos um do outro o quanto estavam devastados e abalados.

Depois de um diálogo um tanto humorado, a ficha voltou a cair. O peso da missão suicida reapareceu e cabia a eles lidar com aquilo. O jeito que encontraram foi olhar através da grossa placa de vidro separando-os da rua. As bicicletas passando, alternando suas velocidades, com pessoas apressadas ou relaxadas em seus selins, as donas de casa ocupadas seguindo seus percursos num círculo vicioso de vai e volta, portando suas sacolas cheias de mantimentos, o som abstrato e indistinto de cumprimentos de comadres e compadres, que já se conheciam naquele bairro. Reparavam na vida normal e almejavam aquilo para si quando tudo acabasse – *caso acabasse* – A ideia de não voltarem para suas vidas normais instaurou um silêncio pesaroso, quebrado apenas pelo tilintar de talheres e xícaras na cozinha. Até que surgiu a pergunta inevitável:

— O que vamos fazer, Max?

— Entrar nessa festa e tentar não morrer – Max introduziu a ideia de modo pessimista. — O que vier depois disso é lucro.

— Já pensou no que fazer quando encontrar o IB? – quis saber Daniel, querendo explorar a raiva do amigo. Queria canalizar tudo aquilo no esforço de destruir aquela entidade.

— A vontade de fazê-lo pagar pelos crimes é grande – explicava Max, olhando para a janela, imaginando profundamente o êxito no momento em que conseguisse destruir o IB. — Seja fazendo isso com minhas mãos ou descarregando toda a munição da minha arma nele, *ou neles*, o que quer que seja.

— Entendo.

— E, você, o que vai fazer? – também quis saber Maxwell, apesar de ser uma pergunta que Daniel nunca esperaria. Gesticulando, tentando minimizar o fato de que não tinha ideia da resposta, o jornalista disparou:

— Ligar para a polícia, testemunhar contra, vê-lo apodrecendo na cadeia...

Max parecia chateado com a falta de inclinação ao ódio do amigo.

— Pensei que teria a mesma vontade que eu. Atirar, espancar, esganar. Até porque você sempre me disse que nunca atirou em sua vida.

O que Maxwell dizia era verdade. Mas, apesar da extrema curiosidade em fazê-lo, Meirelles tinha medo até de chegar perto de uma arma, quanto mais dispará-la. Assemelhava-se ao medo antes de um primeiro beijo, o *‘será que consigo, será que não consigo’*. Quando o chamavam para o *paintball*, com o pessoal da faculdade, negava. O mais próximo que tinha chegado de uma arma era durante algum jogo de operação tática, onde perdia horas e mais horas, enfiado em uma *lanhou-se*. Também, no final das contas, nunca tinha precisado usá-la. No auge, distribuía alguns socos a esmo e corria o mais rápido que podia,

torcendo para que a polícia chegasse logo ao seu socorro. Não tinha precisado utilizá-la neste caso, mas estava vivo até ali, *não estava?*

— Nunca precisei usar uma arma e não será agora que farei isso.

— Tudo bem, o funeral é seu – disse Schneider, recolhendo mais um par de pães de queijo do prato, fazendo Daniel olhá-lo meio atravessado. Max, ignorando a reprovação do jornalista, prosseguiu — como vamos entrar?

O jornalista pigarreou para repassar o plano:

— Bem... já disse. Entrar como convidado dos Barros, investigar mais a fundo e pegar o caro. *É simples.*

— Mas isso não faz sentido – observou Max, limpando a boca e mostrando-se satisfeito. — Por que vamos como enviado de alguém que se esforçaram tanto em matar?

Após refletir por algum momento, o ponto mostrado por Maxwell tinha fundamento. Apresentarem-se na festa como funcionários da família do ex-prefeito apenas encurtaria seus caminhos até o fundo do rio com uma bala metida no meio de seus crânios. Se era necessária outra abordagem, os dois precisariam decidir logo, pois, em questão de dois dias, estariam enfiados no covil do tão temido algoz de suas vidas. Pelo jeito, a única solução seria apelar para o velho clichê: entrar vestido de serviçal. Não havia outro jeito.

— Você tem razão – concluiu o jornalista.

— *Tenho?* – proferiu o assustado Max. Não era do feito de Daniel reconhecer um erro.

— Por isso, tenho uma pergunta para você – disse o jornalista, inclinando-se um pouco mais para a frente na mesa, — tem smoking?

# Capítulo 18

Com várias notas de cem reais, previamente guardadas para emergências, tudo se resolve. Finalmente, sua avareza serviria para algo. Após comprarem seus smokings, numa das lojas do centro da cidade, encaminharam-se para o buffet contratado por Enzo, cujo nome era citado no jornal. Depois de uma conversa discreta e algumas *'garoupas azuis'* de cem reais na mão do funcionário, em um instante, os dois não apenas sabiam do código de vestuário dos garçons, como também já estavam inseridos para a festa na lista do proprietário do serviço. Tudo cortesia de Vitor, o funcionário subornado.

Max e Daniel levariam uma bolsa com roupas mais compostas, para se misturarem aos convidados, após entrarem na festa devidamente vestidos de garçons, porque precisariam se enturmar com os ricos e figuras que estariam presentes na mansão.

A hora da verdade estava chegando e cada centímetro do corpo de Daniel sofria com a ansia, a apreensão e o medo. Estavam indo para a batalha de suas vidas, por mais que fossem realizá-la na encolha, em silêncio.

*Foi uma noite mal dormida.* Daniel e Maxwell achavam, às vezes, que não estavam preparados psicologicamente para aquela missão. Sabe-se lá o quão volátil é a mente humana, além de que ambos tinham sido diretamente afetados pelos acontecimentos, tudo isso poderia levá-los a agir com a emoção ao invés da razão. Havia muita coisa em jogo para ser perdida por causa de uma ação bruta e repentina tomada pela vingança, que ardia feito chama de incêndio generalizado em galpões de materiais inflamáveis.

Ainda sem se reconhecerem no espelho, passavam o plano em voz alta, repetidas vezes, para que fixassem em suas mentes tão perturbadas por aquele esquema mirabolante. Ir à festa, procurar por arquivos e ligações no escritório de Brignani e associar tudo isso aos casos galopantes de assassinatos relacionados à política dentro da cidade. Apenas precisavam seguir estas etapas, dar o fora logo em seguida e entregarem tudo à polícia, ressurgindo das cinzas como os salvadores da pátria. Agarrariam para si todo o mérito que lhes cabia.

Chegando ao endereço marcado, a mansão apenas reforçava o tipo de coisa em que estavam prestes a mergulhar de cabeça. Um grande portão com altos muros esperava por eles, sendo guardado por dois seguranças uniformizados em uma guarita que parecia bem equipada. Dali em diante, a estrada de asfalto convertia-se num caminho largo o suficiente para que até caminhões passassem. Sólida e bem construída, a trepidação e o ruído ao passar por cima dela era nulo. Era cercada por várias flores, árvores e plantas,

todas postas para trás do arbusto de tamanho médio, que produzia a ilusão de um grande corredor arbóreo até a porta da mansão. Em um determinado ponto, a estrada bifurcava-se, dando lugar a uma grande fonte alta que jorrava com toda sua força para cima, de uma maneira surreal para o bolso até dos homens mais abastados da cidade de Ribeirão Freire. A mansão se impunha desde a entrada, mesmo ofuscada, em alguns momentos, pela riqueza dos detalhes que compunham a fachada do grande e extenso terreno.

O horário da tão esperada festa se aproximava, assim como o belo pôr-do-sol, que fazia o gigante amarelo – já alaranjado pelos seus raios provindos da proximidade da noite – irromper por trás do grande monstro de concreto e tijolo, espetáculo que unido à passagem arbórea criava um cenário imensurável. Afinal, querendo ou não, era usado para tranquilizá-los.

Juntos aos outros garçons, portando suas bolsas dentro de uma das vans fornecidas pelo buffet, o burburinho percorria e circulava dentro do veículo protegido pelo grosso vidro fumê. Desembarcando aos fundos da mansão, todos desceram como um time de futebol de quinta categoria, daqueles que nem precisa evitar os repórteres em busca de alguma matéria ou declaração sensacionalista para estampar seus tabloides medíocres.

Silenciosamente em seus disfarces, enquanto carregavam pratos e mais pratos para organizarem a comemoração, puderam contemplar a vastidão do salão de festas, incluído na grande casa. Pelo jeito, ser discreto não era uma tarefa fácil para o tão famigerado magnata Enzo Brignani. Apesar de toda a ansiedade cercando o momento exato de começar a investigação, dentro daquelas 72 horas que marcariam – provavelmente – a celebração mais longa da vida do jornalista e do detetive, tinham que agir com cautela. Apenas poderiam se misturar aos convidados após boa parte dos mesmos já estar no recinto, para impedir perguntas indigestas como “*quem são estes dois estranhos?*”, ou a conhecida “*quem deixou estas pessoas entrarem sem convite?*”. Em meio aos gritos do mestre de cerimônias, organizando a arrumação, os dois puderam se esgueirar para perto do guichê improvisado, onde os convidados seriam recebidos.

— Tem os nomes aí? – perguntou Max ansiosamente, enquanto se posicionava de frente ao guichê, impedindo qualquer um de ver Daniel mexendo na lista, causando a indagação sobre o que um mero garçom estaria fazendo ali, fuçando.

— Tem sim. Deixa só eu tirar uma foto – respondeu o outro garçom, acima de qualquer suspeita, sacando o celular e batendo fotos da tal lista.

— O que vocês estão fazendo aí? – gritou um segurança de longe.

— Droga, Daniel, larga isso. Vamos sair logo daqui!

— Espera, eu dou um jeito – retrucou Daniel, tentando tranquilizar o colega enquanto o segurança mal-encarado aproximava-se. — Opa! Tudo bem com o senhor?

— O que estão fazendo aqui? – inquiriu o grandalhão.

— Estamos apenas ajustando os arranjos da recepção, senhor – disse o rapaz, disfarçado de garçom, como se estivesse com medo. *Era proposital*. Precisava mostrar respeito para aquele segurança, senão sua insolência lhes provocaria a expulsão do local e, conseqüentemente, da chance de vingança. — Nada demais.

— Juro ter visto você tirando fotos da lista que está aí – suspeitou o homenzarrão. — Me mostre seu celular.

— Droga, Daniel, *ferrou* – comentou Max, sussurrando baixinho para que o brutamontes não ouvisse.

O jornalista, completamente ignorante ao alerta, manteve a simpatia em sua entonação e apenas entregou o celular ao segurança sem titubear.

— Sim, estava tirando fotos para comparar o antes e o depois da arrumação dos arranjos na bancada – argumentou, enquanto o homenzarrão fuçava o celular com seus dedos grandes, que mal cabiam no espaço do visor do aparelho.

— É, acho bom – retrucou o homem, olhando com desdém para os dois baixotes, se comparados aos seus dois metros de altura. — Estou de olho em vocês.

Afastando-se logo após, Daniel exibia as fotos para o amigo com grande satisfação, escondidas em outra pasta da galeria do celular durante os curtos instantes em que Max avisava sobre a chegada do segurança. Enfim tinham por onde começar. No arquivo, à palma da mão, havia onze nomes distintos. Fitando aquilo com determinação, tanto Meirelles quanto Schneider sabiam que o IB era um deles. Finalmente, o momento da verdade tinha chegado para eles e não adiantava mais fugir.

# Capítulo 19

Dentro do prazo de uma hora e meia, o salão estaria abarrotado de pessoas a fim de prestigiar a festa do excêntrico italiano. Talvez buscassem bajulá-lo o máximo possível para conseguir algum dinheiro ou, até mesmo, uma promoção generosa em qualquer sucursal em posse daquele homem.

Enzo Brignani era um magnata famoso e notável, reconhecido pelos tantos que estavam inseridos no mundo dos negócios, coisa que poderia causar estranheza a qualquer leigo desprovido de conhecimento sobre as empreitadas do empresário. Segundo Daniel tinha sabido da boca de outros funcionários do buffet, e também do jornal que fazia a propaganda da festa – que, com toda certeza, não era gratuita –, Enzo era um homem de várias posses no que se referia à indústria metalúrgica. Era o dono e acionista majoritário da “*Brignani Industries*”, com nome em inglês, propriamente dito, por sua sede corporativa se localizar ao sul da Inglaterra, apesar de as indústrias estarem estabelecidas na Itália. Um dos homens mais ricos do mundo, com a fortuna avaliada em 50 bilhões de dólares, transformando-o em uma mina ambulante de dinheiro.

Por mais que fosse de seu feitio realizar festas grandes em iates e mansões ensolaradas na Flórida, Brignani sempre se recolhia ao Brasil a cada quatro anos para celebrar seu aniversário, talvez por ter uma forte conexão com o país de alguma maneira. Apesar de tê-lo visto nas fotos, Daniel almejava conhecer o homem pessoalmente.

Embora a vontade de se misturarem estivesse maior, precisaram servir algumas mesas ocupadas pelos convidados mais adiantados, que ou estavam querendo causar uma boa impressão ou, simplesmente, não sabiam que era da conduta do anfitrião a falta de pontualidade. O pequeno palco armado, para abrigar alguma atração, já tinha sido montado pelos seus membros a fim de não atrasarem mais ainda a festa. A única coisa que Meirelles pode distinguir foi um bumbo de bateria, personalizado na cor preta, com a palavra “*The Mad Drivers*” em letras vermelhas, usadas para ilustrar e chamar a atenção para o nome da banda.

Nos curtos intervalos em que andava de um lado ao outro do salão, distribuindo alguns copos de água para qualquer solicitante, Daniel verificava a lista dos convidados incessantemente. Nela estava escrito todos os convidados fixos, não orgânicos como na festa principal, ou seja, eles seriam os escolhidos para ocupar a casa pelos três dias combinados pela festa. Checando os nomes, não conseguiu identificar nenhum conhecido. Por algum motivo, o nome do anfitrião encabeçava a lista, para uma melhor organização daquilo, talvez, a nível de importância. Abaixo daquele, havia os seguintes nomes:

*Bianca Ferrari*

*Alfredo Matarazzo*

*Guido Bralli*

*Helena Brignani*

*Filippo e Giulia Morelli*

*Gustavo Vialli*

*Rodrigo e Beatrice Mancini*

Foi fácil a dedução de que havia pelo menos dois casais no meio de toda esta história. Estranhando a falta de proximidade dos nomes de Enzo e Helena Brignani, não achou que fossem casados, parentes talvez. Entretanto, o nome Bianca Ferrari chamou sua atenção. Caso seguisse a ordem de *‘importância’*, cuja o jornalista havia imaginado, a mulher deveria ser alguém muito importante na vida do anfitrião, levando-o a deduzir que fosse uma namorada, esposa, algo do gênero.

De repente, toda a suntuosidade do salão de festas se fez notar. Sua iluminação dourada ficava por conta de uma enorme luminária de vidro, pendurada em uma abóbada transparente que dava a vista perfeita das estrelas, algo não muito usual para uma construção residencial, lembrando mais uma decoração usada em navios cruzeiros. Sabe-se lá se aquilo era uma esquisitice do excêntrico italiano ou apenas um capricho desenhado pelo arquiteto.

Um tecido branco reluzente forrava a mesa do buffet, muito olhada por ele, graças ao seu serviço – amador – de garçom. As outras mesas estavam dispostas de forma a liberar o espaço para a locomoção dos colaboradores do buffet e dos transeuntes da festa, parecendo obra de uma mente fascinada – ao extremo – por organização, como se aquilo satisfizesse seu censo de ordem.

Grandes colunas de mármore, com um espaçamento diagonal entre elas, projetavam-se no salão como um V, exaltando e atraindo as atenções para o palco. No final das contas, era como estar dentro de uma obra de arte, o que impressionava bastante. Naquele instante de distração, Daniel quase perdeu a chegada inconveniente de um dos convidados.

— Daniel, você vai me ouvir agora e fazer exatamente o que eu mandar – disse Max, aproximando-se do ouvido do amigo. — Sei que vai odiar isso, mas, olhe para a porta, por favor. *Não agora*. E mantenha a calma, por favor.

O jornalista virou o rosto por alguns segundos e deparou-se com uma cena nada agradável. Sua amada, a detetive Clara Andrade, num vestido preto longo e estonteante adentrava o salão, segurando o braço do já

conhecido delegado Guilherme Félix, num terno preto engomado e fechado. Aquilo não apenas fez Daniel se morder de ciúmes como também lembrar que todo o plano poderia ir pelo ralo, se a detetive o reconhecesse naquele conjunto de camisa social branca mais gravata borboleta preta. Maxwell parecia ter agido corretamente ao pedir que o jornalista mantivesse a calma, pois sabia que o abrir e fechar rapidamente da mão direita do jornalista, além dos dentes cerrados por baixo dos lábios, não eram bons sinais.

— O que *eles* estão fazendo aqui? – foi a pergunta proferida por Daniel com a dicção afetada pela aversão e raiva sentidas naquele momento. Nem bem seu corpo ‘*esfriara*’, e sua potencial ex-namorada estava nos braços de outro, mais precisamente seu maior algoz.

Nunca quis contar para ela, mas não gostava da relação de trabalho que Clara mantinha com Félix, chegando a cogitar estar sendo traído durante este meio tempo. Infelizmente para o repórter, pareceu que estava certo. O que mais lhe assombrava era a frieza da detetive, sorrindo, durante todo o tempo, como se estivesse feliz ao lado daquele macaco ambulante de terno, ignorando completamente o fato de Daniel ter ‘*morrido*’ dias atrás.

— Daniel, não vamos tomar conclusões precipitadas. Talvez, só estejam aqui para prestigiar a festa como dois amigos – disse o detetive num tom tranquilizante, ainda que soubesse ser impossível manter a calma do amigo naquele instante.

Tudo piorou quando, após este conselho, o casal recém-formado trocou um beijo. Como aquele usual entre ela e Daniel, mas agora nos lábios de outro homem, de uma figurava que desprezava. Seus olhos marejaram, inundado o canto das pálpebras, queimando-o por dentro. Sentia vontade de gritar, avançar sobre Félix e atingi-lo com o melhor soco que sua fúria pudesse canalizar.

— Tem mais alguma coisa a falar por acaso? – indagou Meirelles sarcasticamente, enquanto seus dentes rangiam quase a ponto de explodirem. De repente, sentiu a mão de Schneider pressionar seu peito com força, impedindo-o de tentar uma investida naquele momento.

— Não estamos aqui *pra* isso, cara – repreendeu Max, tentando forçar o amigo a manter a razão. — Vamos lá, foco, foco!

Ainda tomado pela grande ira que sentia, Daniel tentava acordar daquele pesadelo, quando, graças aos céus, uma distração arrebatou seu campo de visão para outro local. Um burburinho correu pela sala e todos olharam para a entrada a fim de saber o que era. Os dois garçons, juntos aos seus colegas, aglomeraram-se na entrada da copa, acotovelando uns aos outros para que pudessem ver a movimentação. *No final das contas, muito bem explicada.*

Um homem de cabelos brancos, por volta de 1,65m, inserido em um terno preto, chegara com sua bengala

na mão direita e uma bela mulher ruiva, bem mais alta, agarrada em seu braço esquerdo. Cercados por uma dúzia de seguranças – inclusive, em três deles, Daniel pode reconhecer seus ‘*amigos*’, assassinos dos capangas do prefeito, de Bridi e, provavelmente, de Barros -, o senhor abriu caminho pela multidão que, naquele momento, punha-se de pé para aplaudir a entrada do velhote na festa.

O organizador da festa, extasiado, foi ganhando terreno até se por diante do homem e, ao alcançá-lo, lançou-se ao chão de joelhos e de cabeça baixa, enquanto agarrava a mão do homem. Após ter sua mão beijada pelo promotor da festa, o senhor realizou uma mesura e pediu que o humilhado se levantasse, beijando seu rosto logo em seguida. Aquilo serviu como gatilho para o assédio crescer de maneira vertiginosa, todos, jornalistas, fotógrafos e fofoqueiros de plantão, se estapearam a fim de conseguir uma foto ou uma matéria bacana para seus tabloides sensacionalistas. Após um período curto de três minutos com os flashes estourando no horizonte, os seguranças espantaram os jornalistas porta a fora, a fim de dar privacidade para os convidados e participantes definitivos da festa.

Diante de tamanha ‘*tietagem*’, não havia mais dúvidas. Aquela entrada triunfal serviu para dizer ao mundo que Enzo Brignani tinha chegado ao recinto e que, a partir daquele momento, a festa poderia mesmo começar.

## Capítulo 20

Numa mesa um pouco mais isolada, com exatas dez cadeiras, assim como previsto na lista que Daniel tinha conseguido, Enzo se sentou, e seus convidados se aproximaram logo após, aos poucos. Mas, mesmo depois de todos terem se acomodado, o senhor levantou-se e, ainda que com alguma dificuldade, foi passando de mesa em mesa para cumprimentar os convidados. Ou por educação ou por ser simplesmente um verdadeiro *gentleman*.

Calculando mentalmente a proporção e o tempo da demora de Enzo para chegar até aos policiais, o jornalista apressou-se em servir as mesas, a fim de conseguir atender a dos detetives no mesmo momento, para ouvir o que o senhor diria a eles. Também era uma forma de chegar perto e tomar conhecimento da situação sem a possibilidade de Clara ao menos sonhar que ele estava vivo. Seria uma missão, no mínimo difícil, separar o ódio que sentia da racionalidade que requeria. Não podia dar com a língua nos dentes, nem sonhar em agredir Félix, pois isso desmancharia todo seu disfarce.

Ao ver Enzo se aproximando, andou a passos largos segurando uma garrafa de vinho, gesto imitado pelos outros serviçais. Chegando à mesa, o delegado lhe antecipou, acenando positivamente com a cabeça, confirmando sua vontade tão aparente de beber a garrafa de *Merlot*, de um ano de safra - algo não muito explícito no rótulo. Não gostava muito de ingerir álcool, mas, volta e meia, Meirelles lia alguma coisa sobre vinicultura.

— Ora, fico feliz em ver que Schneider mandou seu pupilo para a festa – exclamou o italiano com um sorriso no rosto, ainda que seu lábio superior fosse, literalmente, ofuscado pelo bigode escuro e chamativo.

Daniel estranhou um pouco. O português de Enzo era enxuto e limpo, com apenas algumas ressalvas de seu sotaque proveniente da Itália, que não o abandonava, como se fosse uma identidade que precisasse carregar. Já sabia de que aquela não era a primeira vez de Brignani no Brasil e, pela animosidade com que tratou Félix, o velho já devia conhecê-lo há alguns anos. O delegado tinha mais de seis anos de corporação e era praticamente o braço direito do doutor Schneider quando ele ia à festa de aniversário do italiano. Seguindo seu '*código de conduta*', Enzo agarrou o rosto de Félix e lhe deu um beijo em cada face. Parecia um chefe da máfia, daqueles vindos de qualquer filme sobre o tema, falando com um de seus associados.

— Doutor Schneider não me mandou, seu Brignani. Ele faleceu mês passado e, como o convite enviado

pelo senhor era para o delegado, eu vim – respondeu Guilherme com um tom meio pesaroso, provocando uma expressão que fez sumir o sorriso de Enzo, como se estivesse realmente preocupado com a notícia exposta a si.

— Nossa... não sabia. Sinto muito, delegado Félix – disse o homem um tanto abatido. Contudo, a expressão logo se esvaiu de seu rosto ao fixar a belíssima detetive Andrade, sentada no lugar ao lado do delegado, que estava de pé. — E quem é a bela moça?

— Esta aqui é a minha namorada, Clara Andrade – respondeu Guilherme com uma entonação empolgada na voz. Mesmo que estivesse concentrado em colocar o vinho no copo de ambos, Daniel precisou segurar a náusea ao ver a moça se levantar e ser apresentada a Brignani como *‘alma gêmea’* do seu nênese. *Nojento demais para ele, ver aquilo.*

— Muito prazer, *signorina*.

— O prazer é todo meu, senhor Brignani – disse a detetive, tendo a mão gentilmente acolhida pelo italiano na hora do cumprimento. No meio do turbilhão de emoções que atravessava, o garçom não viu que o copo já transbordava e derramou o líquido sobre o tecido alvo da mesa, fazendo um grande estrago.

— O que você está fazendo?! – gritou o delegado encolerizado, imaginando todo tipo de xingamento possível para lançar ao garçom desajeitado. — Seu imbecil, estúpido! Acho que esse buffet deveria rever o tipo de empregados que contratam.

— Guilherme, se aquiete – sussurrou Clara, puxando o braço do homem para si, discretamente, tentando alertá-lo para não criar uma grande confusão.

— Acalma-te, delegado. Eles podem limpar – argumentou Enzo, tentando amenizar, enquanto sinalizava para outros funcionários o incidente, esperando que levassem algum pano reserva. Coisa que, com toda certeza, eles tinham. — Não passou de um acidente, relaxe.

— Mil perdões, senhor, mil perdões – repetia Meirelles, tentando limpar a bagunça que havia feito. Mentalmente pedia mais desculpas. Manteve-se de cabeça baixa a fim de evitar qualquer tipo de contato visual que permitisse ao casal reconhecê-lo.

Aquilo o machucou bastante. Teve que, literalmente, engolir o orgulho e qualquer resposta que pensasse no momento, para não estragar tudo. Recolhendo-se rapidamente para a copa, foi repreendido por Max.

— Que *diabos* você foi fazer lá? – reclamava Max que, por mais que estivesse falando baixo, parecia gritar. — Achei que não precisaria avisá-lo para não se meter com eles, mas, não, você foi lá mesmo assim! Meu Deus, que tipo de coisa tem na cabeça?

— Eu *n-n-não* sei. Achei realmente que podia sair algo importante dali – retrucou o jornalista, gaguejando, notando o quão imprudente tinha sido sua atitude.

— Reconheceram você? – quis saber o outro garçom.

— Acho que não – disse um tanto aliviado. — Não levantei a cabeça em momento algum, então, acho que não me reconheceram.

— Menos mal então – suspirou Maxwell, compartilhando do alívio que Daniel sentia. — Mas, você ainda teve a proeza de derramar vinho na única mesa que não podia, hein? *Caramba*, às vezes duvido que tenha algo nessa sua cabeça de vento.

— Guarda suas reclamações *pra* depois – queixou-se.

Passado o tempo das repreensões, era a hora da coleta de informação, e Maxwell, como um bom detetive que pergunta sobre os dados, disparou:

— E aí? Conseguiu alguma coisa?

Daniel averiguou se não havia ninguém os espionando, puxou Max para um lado e disse:

— O tal italiano falou do seu pai e também se dirigiu a Félix como pupilo do doutor Schneider. Eles se conheciam, sem dúvida.

— Isso é um tanto estranho. Papai nunca falou nada sobre ele – conjecturou pensativo.

— Quando Félix contou *pra* ele que o delegado morreu, senti um pouco de reação fingida do velhote – acrescentou.

— Então, todo mundo tem que reagir que nem você, *né?* – desta vez foi Max quem reclamou.

— Ainda me lembro de algo da época do teatro – explicou, antevendo-se ao antagonismo iminente de seu colega garçom. — Acredite. Sei quando alguém está mentindo, ainda mais de modo tão descarado. Certeza de que Guilherme não notou. Tremendo imbecil que ele é.

— Algum palpite, por acaso?

— Não sei, está tudo muito cinza ainda – respondeu Daniel desanimado, erguendo os ombros. — Minha suspeita de que o IB *tá* aqui está mais forte, desde que vi os caras que tentaram nos matar essa semana. Já passei umas três vezes por eles e não me reconheceram, então, quer dizer que o disfarce está bom o suficiente.

— Claro, claro – concordou Max.

— Agora me diga você, oh grande detetive, Sherlock Holmes do século 21, Hercule Poirot brasileiro, mestre do crime, qual o nosso próximo passo? – debochou o jornalista.

— Ah bom, que engraçado você – reclamou Schneider, fechando a cara em seguida. Às vezes, Daniel gostava de brincar com o ego do amigo, deixando-o um tanto chateado. Contudo, não era hora e nem lugar para se irritar. *Racionalidade e foco... racionalidade e foco.* Nada além disso. — Acho melhor continuarmos a servir por aí, até termos uma chance de tirarmos esses disfarces ridículos. Também temos o direito de aproveitar um pouco dessa festa, não é?

— Gostei da sugestão – apoiou Daniel.

— Será que dá *prás* mocinhas pararem de jogar conversa fora e começarem a servir algumas mesas? – gritava uma voz feminina vinda de dentro da copa.

Uma das organizadoras já havia notado a presença dos dois, sem falar na quantidade de tempo que ambos perdiam conversando, ao invés de trabalharem. Num susto, Daniel e Max viraram seus pescoços para encontrarem a mulher, repreendendo-os com um gesto repentino e animado, indicando que deveriam se mover.

— Desculpe, estamos indo – antecipou-se Schneider, antes que o vocabulário de respostas rudes de Daniel se ampliasse contra a mulher, criando mais um motivo que poderia enxotá-los porta afora. — Não vale a pena. Vamos servir até umas nove horas e, depois, podemos finalmente mostrar a que realmente viemos.

Por mais algumas horas, aquelas gravatas borboletas zanzaram pelo salão, como marimbondos sondando o local onde posteriormente instalarão seu receptáculo redondo, chamado casa. Naquele longo espaço de tempo, Daniel precisou aguentar mais desaforos, conversas desinteressantes sobre as vidas medíocres e mesquinhas das pessoas que apenas estavam ali caçando um pouco de status, uma porção de música ruim – *não gostava muito de jazz* – e, é claro, mais reclamações da mulher que, desde aquele momento, estava de marcação quase exclusiva em ambos. Era tão desagradável que Meirelles decidiu usar seu costume de apelidar desafetos com a moça: *Dona Encrenca*. Já exaurido de tanto atender pessoas e carregar garrafas de vinho, bandejas com comida e jarros de água para cima e para baixo durante a noite toda, Daniel finalmente conseguiu sua carta de alforria quando Max sinalizou com os braços que o tempo de serviços havia acabado.

Depois de alguns minutos dentro do banheiro, o jornalista voltou ao seu visual comum, longe daquilo que poderia o identificar como garçom. Vestiu um terno preto, com uma gravata na mesma cor, e uma camisa social branca. Parecia um agente da CIA ou coisa do tipo. Enfim, estava devidamente envolvido aos transeuntes e outros participantes da festa. Outra perspectiva.

Aproximou-se sutilmente da mesa onde os convidados da lista estavam, ciente de que sem o anfitrião por lá, sua abordagem poderia ser mais fácil, mas se enganou. No exato momento de sua aproximação, observou o olhar de desdém de cada um deles, e num instante, abandonaram as risadas e piadas para julgar o jornalista de cima a baixo como se fosse um marginal, que havia se metido lá dentro de alguma maneira. Pareciam averiguar se seu terno era de marca, se seu sapato vinha de alguma loja de shopping ou direto de uma fábrica francesa importado, julgando como se aquilo realmente valesse algo. Daniel conseguia sentir o calor da desaprovação emanando deles, fazendo-o se introverter um pouco, mas não o suficiente para desistir de sua investida.

— Boa noite, gente, desculpem o meu atraso – comentou, puxando uma das cadeiras vazias de uma mesa vizinha. — O trânsito estava insano hoje.

— E quem é você, posso saber? – indagou aquela voz arranhada, anunciando os longos anos pelos quais já havia atravessado.

Engolindo em seco, dada a rejeição recebida, Daniel se apresentou:

— Prazer, meu nome é David Avellini. Sou representante da atual gestão da cidade. Muito prazer.

— *Avellini?* Nunca ouvi falar – comentou outra voz feminina, pertencente a uma moça de anel no dedo, visivelmente de mãos dadas com o rapaz sentado ao seu lado. Meirelles deduziu ser um dos casais presentes na lista de visitas.

— É porque recentemente passamos por algumas reformas na gestão, e agora sou o responsável por ela – contra argumentou rapidamente Daniel. Não queria dar motivos para nenhum daqueles italianos arrogantes subjugar-lo.

— Muito prazer, David. – Ergueu-se um jovem baixinho de óculos, que aparentava ser bem simpático. Estendendo a mão ao jornalista, continuou: — Meu nome é Guido Bralli, sou um dos principais executivos das Indústrias Brignani. Seja bem-vindo à festa de nosso benfeitor.

### *Indústrias Brignani*

Parecia que tudo se encaixava. O IB, o depósito, a festa do homem em um momento tão oportuno. Estavam todo este tempo procurando por *algum convidado*, algum responsável por acometer aquele mal sobre eles e a cidade de Ribeirão Freire, que nem podia acreditar estar inserido dentro de seu próprio covil, tornando Daniel propenso a ganhar uma nova nota no obituário, caso cometesse algum deslize que permitisse ao IB – *agora Enzo Brignani* – descobrir que o trabalho não havia terminado.

Seu corpo estremeceu diante daquele cumprimento e do nome indigesto que tinha acabado de ouvir. Foram para uma festa a fim de dismantelar o esquema de corrupção, mas não lhes passara pela cabeça

que, para isso, precisariam acabar com uma das maiores festas que aquela cidade já tinha visto.

*Talvez não fosse tão difícil.* Tinha estragado a festa de emancipação da cidade e, naquele dia, tentaria a mesma sorte com uma celebração de aniversário. Ou sairia de lá dentro de um caixão.

# Capítulo 21

Daniel estava atônito, encarando Guido fixamente, enquanto reunia as informações. Nunca iria adivinhar que seu algoz escondido fosse um senhor de cabelos brancos que mancava devido à idade. Para um confronto pessoal, como tanto almejava e aguardava, era um tanto decepcionante perceber que seu jogo mental de xadrez seria feito com uma pessoa que, provavelmente, com aquela idade, não gozava mais da sagacidade e vitalidade esperada por seu adversário. Ainda bem que não havia comentado aquilo com ninguém. Qualquer pessoa logo reprovava pensamento tão retrógrado como aquele.

Ainda assim, mostrava ser um oponente à altura. Por todo aquele tempo, fez parte de um teatro macabro de sombras misturado a um pique-esconde, e quase sempre o jornalista foi subjugado. Apesar das expectativas desmanteladas, desfrutaria de cada momento que o confronto poderia lhe reservar, mas não havia muito tempo para pensar naquilo.

Num instante, todos os olhares da mesa o fuzilavam de julgamentos e conjecturas. O suposto representante do governo tinha se apresentado, diante deles, e, mesmo que por poucos – e intermináveis – segundos, Daniel continuava a encarar um por um com uma expressão de abobalhado.

— *Er, hm*, senhor Avellini? – Foi aquela sentença, ecoando pela mente do jornalista, que o fez recobrar os sentidos diante do pobre executivo Bralli, um tanto constrangido, procurando chamar sua atenção a qualquer custo. Guido estava simplesmente tentando inserir aquele rapaz introvertido em seu círculo de conhecidos, enquanto esse simplesmente não entendia, fazendo o executivo de boas intenções se sentir constrangido graças aos risinhos e comentários maldosos por parte daqueles sentados à mesa.

— *Hum?* – disse Daniel, como se estivesse distante. — Ah, desculpe, estava um pouco... *distraído*.

— Disse algo errado, senhor Avellini? – indagou Bralli um tanto preocupado. *Interessante*. Aquele homem parecia familiar com alguma foto que o jornalista tinha visto no jornal... bem, não devia ser nada.

— Não, não – tentou desconversar. — Só estou um pouco cansado, foi um dia longo.

— Dia longo apenas para encontrar um único terno decente? – a mesma voz feminina, em tom de deboche, vinha à tona novamente, ainda fazendo questão de exhibir a enorme pedra no dedo. Dada a cumplicidade de seu suposto marido, achando graça em tudo aquilo sem parar um segundo, Daniel deduziu que podia haver somente duas explicações. Ou haviam se casado dias atrás – sendo uma fase de pós-núpcias, cheia de bonança – ou ele se tratava apenas de um grande babaca, um idiota útil. Diante do comentário intencionalmente maldoso, as gargalhadas voltaram a correr por cada assento que cercava a mesa.

Respirar fundo não adiantava mais, então, cerrando o punho para controlar seu próprio tom de voz, Daniel disparou:

— Sim. Encontrar um único terno para ir de ponta a ponta desta cidade a fim de conseguir documentos que endossem a construção de novas indústrias e empresas por aqui. Inclusive, acredito que, sem o trabalho que faço, seria muito difícil para o seu marido bancar uma pedra tão cara quanto esta em seu dedo.

O clima pesado começou a se instaurar diante do choque dos componentes. Quando pensou que a mulher usaria todas as forças para lhe atirar sua bolsa de couro da *Lucci*, a mesa riu, deixando-a corada pela situação. O marido dela, também um tanto chateado, ergueu-se para confrontar Daniel.

— Quem você pensa que é para falar assim com a minha mulher?

— Calma, cara, é brincadeira, brincadeira – respondeu Daniel, recuando. Não queria arrumar um ‘*barraco*’ e talvez, eventualmente, quebrar o braço do metido à besta em dois tempos, atraindo atenção negativa para si.

— É, Filippo, relaxa – argumentava outro, erguendo a taça de vinho para o alto, visivelmente alterado pelo álcool. — Até parece que sua mulher não pediu. Relaxa que o clima é de festa.

— Filippo, não vale a pena, deixa *pra* lá – dizia a mulher, puxando o marido pelo bolso inferior do terno que vestia, tentando impedir que algo acontecesse.

Atendendo a voz da razão e da recém-esposa, os Morellis recolheram-se, passando a tratar Daniel com cautela. *Prudente*. Não queriam atrair a fúria de um homem que não apenas tinha acabado de descobrir o responsável por ferrar com sua vida, como tinha visto sua mulher – que lhe jurou amor por toda a eternidade – encostando os lábios na boca de outro homem, deixando-o possesso, apesar de não transparecer.

Curiosamente, a bomba arremessada ao ego e orgulho, daqueles que queriam lucrar risos às suas custas, fez com que o tal ‘*David*’ conseguisse a simpatia dos outros convidados que, a cada momento, inquiriam mais sobre sua situação, sua vida. Cimentando toda a história num plano de mentira muito bem contado, Daniel permaneceu à mesa por várias horas como o foco das atenções, enquanto recolhia informações particulares sobre cada um.

Gustavo Vialli pilotava o helicóptero de Enzo há quinze anos. O advogado Rodrigo Mancini, apesar da carreira do Direito, conheceu sua esposa Beatrice enquanto era modelo de uma campanha publicitária sobre macarrão instantâneo do tipo talharim. Nelita era a irmã mais nova de Enzo e, apesar de reservada, adorava escrever quando pequena. Alfredo Matarazzo herdou os negócios do pai aos 18 anos, quando o

patriarca morreu em uma viagem de trabalho para algum país remoto na América do Sul. Aos poucos, com aqueles fatos, ganhava cada vez mais a confiança daquela gente que, no início da noite, tinha o tratado como lixo. Não que gostasse de se envolver com aquele tipo, mas era necessário.

Interessante que, desde que se sentou à mesa, não havia mais visto Maxwell em lugar algum. Caçando o amigo com os olhos, como uma águia sobrevoando a área de sua presa, conseguiu encontrá-lo ao longe, e por mais que parecesse avulso, tinha companhia. Com grandes gestos e animosidade na conversa, Max trocava ideia com Enzo Brignani, o cabeça das Indústrias Brignani. Ou seja, estava tendo uma conversa direta com o próprio inimigo e mal sabia disso.

— Senhores, sei que nossa conversa está muito agradável, mas precisarei me retirar neste exato momento – proferiu, afastando-se com a cadeira e pedindo licença, buscando salvar o amigo o mais rápido possível.

Quase correndo pelos vãos distribuídos entre as cadeiras, Daniel partia em disparada. A cada palavra emitida por Max, o jornalista ficava mais apreensivo, temendo que o detetive falasse alguma coisa que não devia – coisa que era de seu costume, ainda mais quando estava ‘alto’ pelo consumo de álcool. Segundos depois, Daniel já tinha perdido as contas de quantas bandejas esbarrou levemente, sem que fizesse seus conteúdos caírem. Aproximando-se de modo cada vez mais rápido e brusco do senhor Brignani, a movimentação causou estranheza, e a última coisa que se lembra de ter acontecido foi ter seu corpo projetado ao chão por uma força lateral.

Um dos seguranças, temendo que o homem fosse atacar seu patrão, decidiu atirar-se e impedir o suposto ‘terrorista’ de concluir com êxito sua provável missão de matar Enzo. Em um instante, todos no salão de festas se ergueram a fim de ver o que acontecia.

— *Cosa* está acontecendo *qui*? – perguntava-se o italiano baixote, confuso.

— Me larga, me solta! – esbravejava Daniel, tentando se desvencilhar do guarda de dois metros de altura que tinha lhe empurrado com a força de um jogador de defesa de futebol americano.

— Peguei este *quá* tentando machucar o *signore, capo* – explicava-se o capanga.

— Apenas queria conversar com meu amigo que está ao lado dele. Só isso, cara! – tentou se explicar com o homenzarrão que, a cada momento, envolvia mais o braço esquerdo de Daniel em sua mão enorme, aumentando a pressão gradualmente.

Enzo voltou-se para Maxwell e perguntou:

— Marco, isso que ele está falando, è *vero*?

— Sim, *signore* Brignani, é sim – concordou, acenando também com a cabeça.

— *Molto bene, allentarlo* – disse o homenzinho italiano com um gesto de mão que complementava a frase, de modo como se dissesse: “*soltem-no*”.

Foi o que o jornalista conseguiu entender com uma hora inteira de dicionário prático de Italiano, lido após saber que iria para a festa. O segurança largou Daniel imediatamente, enquanto este se recompunha, ajeitando a gravata e limpando uma sujeira – quase imaginária – na lapela de seu terno, tentando restaurar um pouco da sua dignidade, ainda que fosse tratado como um criminoso naquele lugar. Sem perder muito tempo fazendo contato visual direto com o *diabo* em pessoa, Meirelles aproximou-se de Maxwell – com uma abordagem mais sutil porque não queria ser derrubado novamente tão cedo – na maior cara de pau, a fim de amenizar a situação.

— Marco, telefone para você – disse, puxando o celular e o exibindo para Max, por mais que a ligação fosse mentira.

— *Alô? Alô?* David, não há ligação alguma – respondeu Maxwell de modo inocente, sem dar credibilidade à distração imposta pelo jornalista para tirá-lo dali a fim de explicar a situação.

— Devem ter desligado – justificou displicentemente, recolhendo o celular sob o olhar de reprovação que Enzo o lançava. O jeito seria mudar de assunto, como se nada tivesse acontecido. — E aí, Marco, não vai me apresentar para o seu amigo? Poxa, pedi para que quando encontrasse o ilustre Enzo Brignani me avisasse, cara!

— *E che sei tu?* – inquiriu o capo.

— David Avellini, assessor e representante da atual gestão de Ribeirão Freire, ao menos para esta festa – apresentou-se, estendendo a mão para o seu algoz, tentando fazer o homem ignorar o recente acontecimento. — Temos em mente que o senhor é um grande investidor do nosso polo industrial e gostaríamos de tratar alguns negócios, pode ser?

Enzo fez pouco caso e disse:

— *Non* tenho tempo para isso.

— Acho que o senhor deveria reconsiderar, senhor Brignani – retrucou, recusando-se a aceitar o não como resposta. Esboçou um sorriso no canto da boca pela sua predição de sucesso em marcar uma reunião imediata para confrontar Enzo, — afinal, estamos falando de algumas casas de milhões neste exato momento.

— *Io non* sou *uomo* de perder meu tempo, *signore* Avellini. Deveria ter dito isto desde a hora em que o

Gennaro lhe derrubou – devolveu o homem, gargalhando alto enquanto usava as costas da mão para bater levemente no esôfago de Max, tentando chamar atenção para a piada que tinha acabado de fazer, por mais que não fosse muito agradável.

— O senhor é hilário, senhor Brignani – disse Daniel, rindo junto, ainda que fosse mais forçado que todas suas piadas arrogantes juntas.

— *Venga comigo até o mio escritório, signore Avellini* – pediu o italiano.

## Capítulo 22

Daniel seguiu Enzo e seus dois seguranças até a saída do salão de festas. Entraram em um corredor largo e luxuoso, onde o piso era coberto por carpete vermelho aveludado, dando a sensação de que caminhavam sobre lençóis. Algumas das suítes mais elegantes de toda a mansão estavam dispostas. Continuaram andando até chegarem a uma porta à esquerda, próxima a maior de todas – provavelmente pertencente a Enzo e sua esposa, noiva, namorada, ou o que quer que aquela moça ruiva da foto fosse.

O homem, que guiava o jornalista, usou a mão, sinalizando para que este parasse porque Enzo deveria entrar antes de todos. Não sabia bem se era uma reverência em respeito ou simplesmente uma desculpa para que o milionário tivesse tempo de esconder qualquer coisa incriminatória. *Talvez fosse apenas paranoia de Daniel*, afinal, sua sanidade mental já não era a mesma, desde que começou a ‘*passar pra dentro*’ toda taça que se assemelhasse a um *Cabernet*. Não gostava muito de beber cerveja, whisky ou vodca, mas o vinho sempre lhe atraía, exercendo sobre ele quase o mesmo efeito do café.

O segurança revistou o jornalista, e depois de uns dois minutos, bateu na porta, ouvindo alguém balbuciando algo em italiano. Daniel presumiu que fosse apenas o “*tudo pronto?*”. Aparentemente, o segurança confirmava, acenando positivamente com a cabeça enquanto abria a porta para o jornalista.

— O *signore* Brignani está lhe aguardando – disse o segurança, chamado Stefano, segundo a corrente pendurada em seu pescoço, que Daniel conseguiu enxergar apesar da iluminação precária do corredor. Provavelmente era algo automático, em virtude do horário, ou, do contrário, apenas mais uma excentricidade do ricaço com gosto para luz fraca, como se estivesse num cenário de filme *Western* dos anos 50.

Impressionante como o escritório fazia o luxo do restante da mansão parecer irrisório. O cômodo era quadrado com algumas curvas em seus extremos, causando uma sensação estranha e até agradável de estar inserido em um dado. Havia um quadro gigante do mapa da Itália acima da mesa de mogno e, atrás desta, uma enorme cadeira acolchoada e rotatória, como aquelas usadas por chefes. Uma lareira à direita conseguiria aquecer, com seu calor envolvente, dois ocupantes nas poltronas postas em sua diagonal. O que parecia um tapete persa completava o toque de requinte do ambiente, brincando com as sombras geradas pelos cristais nas pontas da enorme luminária ao centro.

— *Signore Avellini?* Sente-se, *per favore* – pediu o homem, virando a cadeira lentamente para o campo de visão do jornalista enquanto voltava a falar: — apesar de *io* saber *molto bene* o que está em *gioco qui*, sei que os Barros *non* estão mais no poder.

— As notícias correm rápido, não é, senhor Enzo? — inquiriu num tom sarcástico, começando sua tentativa de cercar o homem e, por pura precaução, checando o gravador ligado em seu bolso várias vezes. — Então, presumo que já deva saber que o prefeito Luiz foi assassinado e encontrado esquartejado num beco, não é?

— *Sì, sì, una tragedia.* Por vinte longos anos, *io* fiz negócios com eles e, agora, são reduzidos a pó. Triste — respondeu com um pesar na voz. Às vezes, Daniel acreditava piamente que o homem não seria capaz de ter feito tudo aquilo. Não imaginava que um ser humano pudesse ser tão frio e calculista a ponto de lamentar uma morte brutal provocada por ele, ao mesmo tempo em que comentava sobre tal coisa enchendo seu copo com o whisky que ficava ao lado do frigobar, próximo à mesa. — Contudo, *milioni sono milioni.* Enfim, *o che voi desiderare?* Digo, o que *voi* quer?

Naquele instante Daniel não aguentou mais. O sadismo e frieza de Brignani lhe dava náuseas e tudo que queria era vê-lo, de uma vez por todas, na cadeia, por mais que cinismo não condenasse ninguém. Sacou o celular de dentro do bolso e começou a discar para a polícia que, no final das contas, nem precisaria ir muito longe para atender a ocorrência. Bastava apenas uma ameaça de morte ao jornalista e, em dois tempos, aquele salão estaria abarrotado de policiais para levar o homem embora. Meirelles reaparecia como o herói da cidade, voltaria às manchetes e poderia ‘reviver’, retornando à sua antiga vida. Brignani precisava apenas colaborar.

— Nada demais, *signore* Brignani. Apenas queremos os milhões que roubou junto aos Barros pelos vinte longos anos em que eles estiveram no poder — disparou, inflamando seu discurso para atingir o velhote. — Queremos que as Indústrias Brignani paguem por todo mal que fizeram a Ribeirão Freire por este tempo, queremos que admita seu envolvimento no assassinato de seis pessoas, além da tentativa de homicídio contra mim. *Nada além disto.*

— *Che diavolo stai parlando?* Que diabos você está falando? — Naquele momento, o frágil senhor de idade parecia um demônio possesso, pronto para avançar em Daniel, se necessário.

— Você é o IB! — expôs Daniel, chegando à sua conclusão exaltado, aos gritos com Enzo. — Você é as Indústrias Brignani. Você matou todos da oposição.

— *Con chi pensi che stai parlando?* Com quem pensa que está falando? *Io non* matei ninguém! — defendia-se Enzo ruborizado.

— Não banque o inocente comigo, senhor Brignani — retrucou Daniel, apresentando todo o caso. — Todo mundo sabe dos seus interesses. Todo mundo sabe que *você* pôs fogo no depósito de materiais do Comercial Roma porque não queria que ninguém descobrisse seus segredinhos sujos! Matou quatro funcionários públicos que lhe entregariam, além do delegado Schneider quando soube que ele reuniria as

provas para pegar você depois de tanto tempo. Matou o Barros por ter ameaçado lhe destruir, tentou me matar por investigá-lo... e sabe lá Deus as outras atrocidades que cometeu.

— Bastardo! – protestou o homem, esmurrando a mesa. — Como tem coragem de pisar na minha casa, apontar o dedo na minha cara e dizer que *io* fiz qualquer uma dessas coisas?

— Porque você é o IB – continuou Daniel, desta vez com o tom mais contido, após sua explosão inesperada. — Você é as Indústrias Brignani. Pensa que não percebi que isso tudo é culpa sua? Manda os outros sujarem as mãos por você e trata as pessoas como um lixo humano, descartando-as em seguida. Não passa de um grande mentiroso, enganador e assassino!

— Dobre *la vostra lingua* para falar de mim, *maledetto* – protestou o homem enfurecido, com a face vermelha de tanta raiva que sentia. Nesse momento, Daniel começou a recuar, após ver a postura enérgica e convencida da inocência do italiano. Temia ter cometido um terrível erro que o levaria para baixo de sete palmos, sem ter a chance de desvendar todo aquele mistério. — *Io* nunca fiz essas coisas. Fui *un uomo* mal no passado, mas *io* me regenerarei. *Io non faccio* mais essas coisas.

— *M-mas*, você é o IB! – o jornalista passou a gaguejar. Não podia ter errado... não aceitava estar errado. Sua dedução o traíra. — Você é o único que bate com a descrição. Só pode ser você!

— Faz ideia de quantos acionistas estão na sala ao lado bebendo taças de vinho? Eles também podem ter *fatto* essas coisas. *Non io!* Jamais! Sinto muito se lhe fizeram algo, mas *io non* acho justo me acusar por algo que não fiz, *signore* Avellini – falava o homem num tom mais manso, que o assemelhava a um cordeiro. Paradoxal.

— Então, prove que o senhor é inocente – pediu Daniel, ainda com certo ceticismo sobre o homem. Trabalhava na linha de pensamento de que se alguém não é culpado, não faz objeção alguma em pegar os verdadeiros culpados. Do contrário, havia mais coisa por baixo do pano.

— *Io non* deveria fazer isso, mas vou – disse o homem, concordando em participar da investigação pessoal de Daniel e causando-lhe certo espanto. O homem se afastou um pouco, sempre com a inseparável bengala, posicionando-se de costas para o jornalista e de frente para um cofre. Após uma curta combinação, seu interior foi revelado, mostrando estar abarrotado de fichas e pastas amarelas. Com alguma dificuldade, agarrou um amontoado delas e as atirou sobre a mesa. Meirelles encarou tudo sem entender. — Por questão de segurança, *io* gosto de manter fichas com informações e dados pessoais sobre o passado dos meus acionistas. Estes, na minha mesa, são os principais. Leve o que precisar.

— *Sério mesmo?* – indagou atônito.

A colaboração súbita fez Daniel estranhar tamanha boa vontade do italiano. Também estranhou um pouco

o fato daquele homem tão enigmático possuir um histórico impresso de cada um de seus acionistas, como se precisasse chantageá-los a qualquer momento. Mesmo assim, recolheu rapidamente todas as fichas, espalhadas na mesa, antes que Enzo mudasse de ideia e colocasse o plano em xeque.

— *Sì, sì*. Agora, dê o fora daqui – ordenou o homem, controlando-se. — Se alguém lhe perguntar, esta foi uma conversa de negócios.

— Deixarei o senhor informado de tudo, *signore* Brignani – prometeu Daniel de cabeça baixa, até mesmo vermelho de vergonha.

— *Per favore, mi chiami de* Enzo – corrigiu o homem, mostrando empatia pelo jornalista, coisa que não tinha sido relevada até aquele instante.

Enzo levantou-se e foi até a cadeira onde estava seu aliado. Ali mesmo, de pé, deu-lhe um beijo no rosto para selar o acordo. Daniel estava desconfiado de toda aquela benevolência vinda de seu novo ‘*parceiro de negócios*’.

O jornalista saiu da sala com os cumprimentos do italiano, que agia como se nada tivesse acontecido. Manteve os olhos fixos no segurança de Enzo até deixar o local, sumindo pelos corredores e desaparecendo da vista do escritório, deixando o ricaço conversar com seu capanga em particular.

Nem Daniel, nem o capanga do senhor Brignani repararam num vulto negro que se erguia pelas sombras trêmulas e bruxuleantes do corredor, como um fantasma sádico.

# Capítulo 23

— O que ele queria?

— *Spaventare!* – reclamou o italiano. — Que susto você me deu.

— Quem é ele? O que queria?

— Não sei. Apenas pediu minha *aiuta* com uma pá de documentos e licitações para uma obra nova no parque industrial de Ribeirão. Somente isso.

— Enzo, pode ficar tranquilo. Não precisará mais disto no local para onde está indo.

— *Che cosa è questo?*

— *Que história é essa?!* Ah, meu caro, execução dos meus planos. Nada contra você, mas não podemos coexistir, *signore* Brignani.

Apesar da luz baixa, Enzo pode ver aquele objeto pontudo reluzir como uma pepita de ouro.

— Bastardo! Enganou-me! *Aiutare, aiutare!*

— Ninguém vai ajudá-lo, *mio cappo*. Gennaro, Stefano e Enrico passaram para meu lado há muito tempo.

— Você é o enganador! Enganador, enganador!

— *Sì, sì*. Nós dois sabemos disso, mas, agora, fique quietinho e volte para sua festa. Aliás, antes disso, o seu remédio, *cappo*.

## Capítulo 24

Daniel retornou ao salão de festas, naquele momento bem mais vazio, com apenas alguns seletos convidados – e a presença indesejada dos policiais, que poderiam atrapalhar todo o seu progresso. Apesar de sua missão expressa, tentou curtir o resto da comemoração antes de se recolher ao quarto reservado para si pelo próprio Enzo, na verdade, reservado para os representantes dos Barros. No final das contas, eles realmente ocuparam o lugar daqueles que o IB – *que não era o Enzo* – procurava matar, e para isso acontecer bastou fingirem estar mortos. Nada ortodoxo, mas engenhoso.

Enquanto escondia as pastas, um mestre de cerimônias, usando um smoking, subiu ao palco, posicionando-se um pouco mais à frente da bateria personalizada da banda que tinha tocado a noite toda. Com o usual teste das leves batidas no microfone, começou a falar.

— Antes de parabenizar o homem que bancou tudo isto, vamos fazer alguns agradecimentos. Primeiramente ao buffet que nos serviu com caviar e vinho por longas horas, muito obrigado. Queremos agradecer também ao *signore* Brignani por nos ter dado esta enorme festa. Aos convidados. E à banda *The Mad Drivers* por ter tocado estas músicas emocionantes e dançantes ao longo de toda a noite. Enfim, sem mais atrasos, vamos dar os parabéns ao senhor Enzo Brignani!

Após o rápido discurso, um pequeno aparelho de pirotecnia começou a fazer barulho e emitir sua cortina luminosa de ‘fogo’ enquanto a banda tocava a música praxe de aniversário em um ritmo animado, pedindo o acompanhamento dos convidados. Contudo, depois de alguns segundos, Enzo ainda não havia aparecido.

— *Er*, vamos dar os parabéns ao senhor Enzo Brignani – repetiu o mestre de cerimônias constrangido.

Mais uma vez, ninguém apareceu pela cortina. Depois de algum tempo, finalmente Enzo apareceu, andando vagarosamente com as mãos no próprio pescoço, tentando buscar ar.

— *Il Bugiardo! Il Bugiardo* – exclamou com o dedo em riste, completamente desorientado, apontando para o além, antes de desfalecer de frente ao palco, caindo de bruços sobre o prato da bateria da banda.

— *AAAAAAAAAAAAAAAAAH!* – berrou uma mulher histericamente.

Todos os convidados aproximaram-se do milionário, completamente chocados e incrédulos. Desde os policiais aos convidados mais íntimos e até os garçons, que faziam parte do quadro de funcionários daquela noite, não conseguiam compreender a natureza do ocorrido. Ainda se debatendo, Enzo já estava

com a cabeça virada para o lado e com os olhos esbugalhados. Não havia mais alma. Não havia mais vida sendo expelida de seus pulmões. Maxwell se acotovelou entre os curiosos e checkou o estado do homem, acenando negativamente com a cabeça logo em seguida, dando o parecer final.

*Ninguém entendia.* Não sabiam quem havia feito aquilo. Da mão do homem, uma seringa vazia rolou para o centro do salão. Havia apenas uma certeza. O poderoso multimilionário Enzo Brignani estava estendido sobre o carpete do salão de festas. *Morto.*

## Capítulo 25

*Atônitos, impassíveis, surpresos, chocados...* com toda certeza não havia vocabulário de adjetivos suficiente para expressar o clima que rondava aquele salão de festas. Os convidados muito próximos, quase em cima do corpo, em um arco pesaroso observavam toda a situação. Os garçons acompanhavam da copa com sua porta grande, daquelas de hospital que batem e voltam. Félix e Clara ganharam espaço no meio das pessoas para checar a situação. Com uma das luvas elegantes que havia usado para a festa, a detetive Andrade agarrou a seringa e constatou que estava vazia. O êmbolo pressionado até o final. Da agulha não saía nenhum líquido, como seria usual caso algum veneno neste estado tivesse sido injetado no homem. Não havia qualquer resquício de que algo esteve lá dentro, o que era praticamente impossível.

— Meu Deus, *ele... ele...* ele morreu mesmo? – indagou Helena Brignani com a voz trêmula por ter presenciado o irmão falecer diante de seus olhos.

— Isso não pode estar acontecendo – exclamou Bralli, inserido nas Indústrias Brignani há pouco tempo, graças à sua jovem idade.

— *Mio amore, non osare lasciarmi!* Meu amor, não ouse me deixar – gritou Bianca Ferrari, chorando compulsivamente enquanto se ajoelhava junto ao corpo. Chacoalhou seu noivo morto, dizendo que ele não se atrevesse a deixá-la, fazendo daquela uma cena traumática para os presentes, inclusive para Daniel que vinha um tanto emotivo desde a sua ‘*morte*’ repentina dias atrás. Até que se lembrou do que Clara lhe fez, e toda a tristeza se converteu numa nebulosa sensação de ódio pela amada.

— Alguém ligue para a polícia, pelo amor de Deus – implorou Beatrice Mancini, agarrando o telefone de seu esposo a fim de fazer a ligação, quando foi parada por Félix.

— Delegado Guilherme Félix, polícia – impôs-se o homem. — Deixe que eu mesmo ligue e peça reforços.

— Ah, graças a Deus a polícia está aqui – cortou Giulia de modo sarcástico, do mesmo modo como havia feito com o jornalista à mesa, antes de tudo aquilo acontecer. — Estamos bem seguros sabendo que há um assassino entre nós! Pode chamar seus amigos que não resolverão porcaria alguma!

— Cala a sua boca, Giulia! Um pouco mais de respeito seria bom, não? – retrucou Vialli furioso, já um tanto entalado com a arrogância da mulher de Filippo que, desde que tinha posto seus pés na festa, apenas soube destilar veneno ao léu.

— Clara, me empresta seu celular, por favor? – pediu Félix, fazendo uma cara de estranheza. — O meu está sem rede...

— O seu celular está sem sinal?! Esquisito, o meu também – respondeu a detetive, sacando o celular da bolsa de mão vermelha que havia levado para a festa. Bolsa dada por Daniel no aniversário de namoro dos dois no ano anterior.

— Os nossos também – responderam os convidados em coro.

— Vamos tentar lá fora. Talvez apareça algo – sugeriu Félix.

— Achei que não fosse necessário isso para chamar a polícia – estranhou Daniel.

— E não precisa – falou Max —, mas o celular não completa chamada alguma. Parece que há algo bloqueando qualquer tipo de recepção.

— Pelo jeito está bloqueando sinal de internet também – retrucou Daniel, enquanto segurava o celular com a mão direita, tentando encontrar qualquer tipo de sinal, até então inútil, para pedir socorro.

— Tentem abrir as portas – gritou Félix, forçando a maçaneta da entrada para o hall.

Após aquele aviso, as pessoas empenharam-se em sair de qualquer jeito. *Pelas portas da copa, pela que dava acesso ao escritório de Enzo...*, mas, depois de tanto tentarem atravessar as portas que os separavam da liberdade, descobriram estar trancafiados na mansão do senhor Brignani.

— Estamos trancados! As portas não abrem, não temos saída... estamos trancafiados aqui – comentou o ex-coronel das Forças Armadas Italianas Alfredo Matarazzo, tirando seu terno importado, já todo amarrotado devido às investidas contra as portas.

Num gesto desesperado, os homens agarraram itens do próprio salão e os arremessaram contra as portas, em busca de arrombá-las. *Esforço completamente em vão.* As fechaduras e vidros permaneciam imóveis, como se rissem da cara dos convidados, diante de suas tentativas inúteis em escapar daquele pesadelo. Para muitos, as paredes pareciam se comprimir contra eles.

Quem ficaria tranquilo ao dividir o espaço de um cômodo suficientemente largo com um cadáver e com um assassino, que podia ser o homem ou a mulher com quem qualquer um conversava, trocava sorrisos ou piadas há minutos atrás?!

Todos sentiram o horror correndo por cada fio de seus cabelos, a fim de saírem daquele local o mais rápido possível. De repente, instaurou-se um burburinho. Proclamavam em alta e boa voz, aos gritos, sugestões do que deveria ser feito a seguir, apesar do coro não resultar em nada produtivo. Tiros foram ouvidos, fazendo-os taparem seus ouvidos e se aquietarem por instantes, enquanto procuravam a origem

dos disparos.

— Todos quietos – bradou Félix com a arma em punho, apontando para cima, revelando-se, conseqüentemente, como o autor dos disparos. — Pânico nunca é a solução para nada.

— Na verdade, delegado, o pânico é o que gera a vida em cada um de nós – retrucou uma voz metálica compreensível aos ouvidos de todos no recinto, que expressaram uma mistura de terror e curiosidade, a fim de saberem quem dizia aquilo.

— Quem está falando? – indagou o delegado também curioso, apesar de seus joelhos lhe recomendarem correr para longe daquela voz tão macabra.

— Pode ficar tranquilo de que não conseguirá me encontrar em minha aparência física, delegado – respondeu a voz, gargalhando maleficamente após a frase, dando um tom ainda mais macabro à ocasião.

— Com toda certeza, o senhor já deve ter me visto em pessoa, mas nunca saberá quem sou. Na verdade, essa voz pertence a um *software* programado, permitindo-me mandar em toda a situação, enquanto também posso ver seus rostos de cachorrinhos desesperados através das diversas câmeras e escutas que instalei no salão. Aliás, permitam-me lembrar da inutilidade de vocês. Cumprimentaram-me, riram comigo, sentaram-se à mesa ao meu lado e ainda não perceberam que estou entre vocês, igualmente me fingindo de preocupado.

Aquilo apenas reforçou a ideia sombria do IB em dominar a mente de cada um, fazendo-os confabularem entre si. A confiança não era mais compartilhada por nenhum dos treze elementos principais presentes para o evento que, inicialmente, deveria ser de celebração. Todos se entreolhavam em busca de um lampejo, um lapso ou uma escorregada que fizesse a máscara do IB cair. Somente assim poderiam olhar nos olhos daquele demônio que executava uma experiência sórdida com cada um, como se pudesse enxergar além de suas almas e brincar com elas, similarmente ao modo que o gato faz com a presa antes de devorá-la.

## Capítulo 26

O silêncio repousava acima do nível de decibéis da sala, de modo que cada pessoa podia ouvir a respiração da outra. Procuravam um modo de identificar quem estaria por trás daquilo, por mais que disfarçassem isto, numa tentativa de acalmar os demais.

— Quem é você? Por que matou meu noivo, seu desgraçado – vociferou Bianca com o dedo em riste na direção das caixas de alto falante, que carregavam a voz do inimigo desprovido de face, como se pudesse olhar o seu íntimo e ver toda a podridão e maldade que havia naquele poço sem fim, talvez, chamado coração.

— A pergunta correta não é quem sou, bambina – irrompeu a voz metálica no recinto. — Acho que a questão correta é *o que eu sou*. Sou a destruição, sou a vingança, sou a brisa que corre por baixo da sua asa antes de pular de um precipício. Sou a voz que lhe sugere fazer algo por impulso e, dias depois, bate à sua porta para entregar as consequências. Sou o cobrador engravatados dos seus pesadelos. Sou quem tira sua tranquilidade e sua paz, em troca do tormento que provocou a tantos outros. Sou o anti-herói. Sou o mal necessário. Sou o infinito.

— Poupe-nos de suas analogias e vamos logo ao assunto. – Tomou a frente Daniel, fixando-se no teto do salão como se o IB fosse um Deus onipresente, que pudesse contemplá-los a todo momento. Durante aquele tempo, o jornalista aguentou quieto, sentado em uma das cadeiras do ambiente, olhando para o tempo, com o braço direito apoiado em cima da mesa. Procurava assimilar as coisas enquanto o mundo caía sobre a cabeça daqueles que ainda permaneciam chocados com a situação. Ainda estava no período de constatação de que estavam presos. No fundo, ele sabia que aquilo iria acontecer, até que chegou o momento de confrontá-lo a sério. — O que você quer?

— Todos aqui estão relacionados ao Enzo Brignani, que o diabo o tenha – respondeu sarcasticamente, rindo de um modo capaz de arrepiar os fios da nuca de uma pessoa do mesmo modo que aconteceria em uma situação de frio — então, de um jeito ou de outro, vocês têm uma parcela de culpa pelo que aconteceu comigo. Estou aqui apenas para cobrar o que é meu por direito: a oportunidade de tornar suas vidas um inferno.

— *IB, IB, IB...* – repetiu Daniel, fingindo não ouvir o discurso vingativo do monstro, escondido por trás daquela voz irritante e estranha, que provavelmente sentia-se de alma lavada, rindo da cara de cada um deles como se não houvesse o amanhã. — IB. Isso tem algum significado específico?

— Significado nenhum. Apenas uma alcunha pela qual decidi me chamar, concedida graças ao IB das Indústrias Brignani – explicou titubeando, como se às vezes não conseguisse explicar o que realmente queria.

— Não. Não concordo – retrucou o jornalista, dando as costas para as caixas de som, passando a dirigir-se aos convidados. — Tudo bem. Sei que todos aqui estão bastante chocados com o que acabou de ocorrer e, no fundo, pode até ser uma insensibilidade minha perguntar isto. Antes de cair sobre os pratos da bateria e vir a óbito, o senhor Brignani disse algo em italiano, além se lembra do que ele disse?

— *Il bugiardo*. Foi o que ele disse – lembrou-se Alfredo com o dedo erguido para cima, numa forma de ganhar mais credibilidade por algum motivo.

Daniel tentava estimular o pensamento das pessoas presas ali, a fim de que pudessem lhe ajudar.

— Isso significa...

— O enganador – antecipou-se Rodrigo Mancini, o advogado, por pura educação, já que nenhum deles parecia entender o ponto aonde o jornalista queria chegar.

— O enganador! – repetiu o jornalista, estalando os dedos com a conclusão. — Perfeito. Então, senhor IB, quer dizer que o senhor, no final das contas, não passa de um grande mentiroso, correto?

— Eu disse o que sou. Mas, não, mentiroso não – gritou furioso, fazendo o som atingir um volume altíssimo, tão estridente que era capaz de ensurdecer qualquer um. Os convidados levarem seus indicadores aos ouvidos, a fim de se protegerem.

— Quem lhe deu permissão para tomar conta desta negociação, senhor Avellini? – interrompeu a voz pesada de Félix, numa tentativa de impor autoridade até onde estava fora de seu alcance. — Fique sabendo que eu, como delegado, é que devo estar à frente disto, entendido?

— Cale-se, seu delegado inútil e imprestável! Todo mundo sabe que somente está aqui porque Schneider era bom demais para morrer nesta festa. Então, cale-se imediatamente. Estou falando com uma mente à altura, não a de uma minhoca que pensa que as coisas apenas podem ser resolvidas à força – determinou a figura misteriosa, fazendo Félix ficar mudo e acuado em um canto.

Daniel se deu ao luxo de sorrir disfarçadamente, satisfeito pela dura no ego que o delegado psicótico havia recebido. Em seguida, continuou seu duelo mental contra aquele assassino.

— Enfim, pelo jeito, o senhor parece ser bastante inteligente, não? – conjecturou Daniel, tentando induzir o vilão a uma brecha que lhe permitisse desmascará-lo. — Deve ser verdade que gosta de se exhibir. Longe de mim duvidar de sua maleficência, mas, o que nos garante que não é apenas um nerd magrelo,

esguiu e cheio de espinhas, sentado atrás de uma porção de computadores, fingindo *tocar o terror* enquanto o suposto assassino está aqui conosco?

Depois de uma pausa, como se tentasse agrupar as ideias, a voz voltou calma, terna, mais amigável:

— Permita-me reiterar, senhor Avellini. Matei Enzo Brignani com a seringa que, à esta altura, deve estar completamente vazia nas mãos da bela detetive Andrade, fazendo-a se perguntar como isto foi possível.

— Como conseguiu envenená-lo e não deixar qualquer vestígio? – inquiriu a detetive, curiosa para saber como IB havia feito aquilo.

— *Envenená-lo?! Quem disse que o envenenei?* – perguntou de modo retórico, rindo consigo. — Vocês são tão ridículos, minha gente. É tão simples, como não podem enxergar?

— Ele não o envenenou – interferiu Max, agarrando a seringa para averiguá-la, apesar da estranheza da detetive Andrade, que achava um tanto estranho os conhecimentos de um civil sobre o assunto. — Encheu de ar... Enzo Brignani morreu devido a uma embolia gasosa.

— Olhem só... até que os ratinhos são espertos – voltou a provocar a voz irritante, atormentando os pensamentos daquelas pessoas ainda petrificadas, recuperando-se do choque. — Pensei que nunca descobririam.

Max aproximou-se de Daniel, entregando a seringa para que este pudesse conferir. Realmente estava sem líquido algum, preenchida apenas por oxigênio em seu interior. Era bem simples, mas, ao mesmo tempo, engenhoso. Precisou apenas chegar o mais perto que podia de Enzo e injetar uma grande bolha de ar em sua corrente sanguínea. Assim, impediu a artéria de fazer o seu papel de levar sangue, deixando um enorme coágulo atrapalhar a ação do pulmão. A falta de ar e as conseqüentes tentativas de se recompor proporcionaram ao velho uma aparência sofrida.

Execução um tanto diferente dos trejeitos comumente utilizados por IB, que matava seus desafetos com tiros e sem deixar uma testemunha. Querendo ou não, Daniel sabia o quanto o homem gostava de fazer um trabalho limpo, depois de ter escapado de três tentativas de homicídio por queima de arquivo.

Os três homens, mandados pelo IB, não estavam no recinto porque ficaram junto dos outros seguranças encarregados de proteger Brignani. Contudo, era bem óbvio que os tais de Gennaro, Stefano e Enrico já teriam dado cabo daqueles que não trocaram de lado e foram fiéis a Enzo até em sua morte, por mais que nada pudessem fazer.

Aquilo estava tomando proporções que, mesmo adversas, agradavam ao intelecto de Daniel. Um desafio de igual para igual com o dono daquela voz estranha.

— Então, senhor mentiroso – começou Daniel.

— Não sou mentiroso! – protestou a voz.

— Não é? – continuou a provocar o jornalista, tentando fazer IB cair em seu jogo. — OK, vamos lá. Primeiro, você nunca esteve aqui nesta festa. Tudo que quer é apenas brincar com nossa mente, fazendo-nos perder a confiança e certeza de que sobreviveremos a isto.

— Quem garante que não estou entre vocês? – devolveu IB.

— Olhe para o rosto destas pessoas aterrorizadas com a sua mente doentia. Você é um louco sádico e diabólico – gritou o jornalista, como se pudesse mesmo olhar nos olhos de seu rival. Se realmente pudesse, daria um soco nele. — É tão covarde que se esconde por trás de capangas que, durante todo este tempo, fazem seu trabalhinho sujo! Nunca teria coragem de aparecer aqui nesta festa e portar-se como homem.

— Guarde seus falsos moralismos para alguém que realmente se importa, Avellini – desdenhou o enganador. — Não possui garantia alguma de que não estou entre vocês, enquanto *eu* possuo a garantia de que vocês podem ter matado o Enzo assim como eu, o que só reforça a tese de que posso ser qualquer um. Um homem ou mulher que está no recinto, na maior inocência do mundo, com sua expressão de preocupação, rindo de vocês por dentro no maior show de comédia que já presenciei em minha vida.

— E como pretende provar que qualquer um de nós poderia fazer aquilo ao Enzo Brignani? – inquiriu Daniel, ainda duvidando que a figura tão desprezada por ele, apesar de reconhecer como um adversário valoroso, obtivesse alguma prova de estar ali.

De um jeito ou de outro, a ideia era induzir IB ao erro. O jornalista queria ter a certeza de que não tinha errado em estar naquela festa e que, realmente, seu algoz estivesse no meio daqueles rostos emudecidos e acuados pelo medo, fazendo o maior trabalho de atuação de sua vida. Mais uma pausa antes de a voz metálica continuar:

— Entenda, meu caro Avellini, para chegar aonde estou é necessário ter noção de alguns segredos sujos e podres, como os que ouvi desses ricos mesquinhos que apenas sabem se exaltar a respeito de suas aquisições e vidas medíocres. Sinceramente, poderia somente destilar as confissões sórdidas de todos vocês aqui e agora, contudo, não o farei. Veremos se suas vidas valem tanto quanto dizem. Cada um revelará um segredo de ligação direta com o Enzo. Do contrário, matarei aleatoriamente uma pessoa desta sala. Parece-me um bom negócio. Vocês se divertem num joguinho de detetive, enquanto eu brinco sobre o direito de quem vive ou morre com minhas próprias mãos.

— Você é um doente, sabia? *Um doente!* – vociferou Bianca. Sua tristeza pela morte do noivo tinha,

naquele instante, se convertido em raiva. Parecia pronta para esgoelar um por um naquela sala até chegar ao número irreduzível que representaria o IB.

— *Eu sou um doente?* – berrou a voz como se sentisse ofendida, por mais que revelasse sua gargalhada sádica ao fundo. Daniel havia notado que as palavras eram controladas, mas a risada parecia previamente gravada. — Quer dizer que agora eu que sou o doente, *né?* Já que gosta tanto de aparecer, bambina, veremos o que as outras pessoas vão dizer quando descobrirem que, na verdade, este tempo todo você apenas queria matar o Enzo para ficar com a grana dele. Assim como fez com os quatro maridos anteriores que, por um acaso, também eram ricos e idosos.

— *C-como sabe disso?* – perguntou, mudando sua postura e isentando-se da raiva e da tristeza, dando mais embasamento aos argumentos daquele louco. Naquele momento, Bianca confirmou que não se importava com a morte do noivo.

— Não importa *como sei*, querida – retrucou. — Agora se vire com seus amiguinhos aí.

A transmissão foi desligada com um curto som de interferência, deixando apenas o silêncio. Num instante, todos viraram seus olhos para Bianca, confrontando-a, afinal, a maioria conhecia sua história. A mulher que tinha feito fortuna com heranças de homens idosos, que curiosamente faleciam em um período de seis meses a um após o casamento. *Todos por morte natural*. Nunca nada havia sido constatado, então, a viúva passava impune, vitimando-se como uma pessoa que sofre uma infeliz coincidência, desculpa que caía ali à frente daquele grupo reservado de pessoas, enfim conhecedores da verdade sobre Bianca e confirmando o apelido pejorativo de *‘viúva negra’*. Alfredo Matarazzo, um dos amigos mais próximos do casal, foi o primeiro a tomar a palavra.

— Bianca? *Isso é verdade?*

— Não vão acreditar nesse mentiroso, não é? – Bianca pronunciou, acuando-se.

— Por isso aproximou-se tão rápido de meu irmão – apressou-se Nelita em acusar. — Tudo o que queria era matá-lo, não é? *Sua desgraçada!*

— Nelita, acalme-se, você não tem noção das acusações que está fazendo à Bianca – advertiu o advogado, Rodrigo Mancini, repreendendo a velha mulher.

— *Me acalmar?* Ela matou o meu irmão! *Mio fratello, mio amato fratello!* – pronunciou a velha, chorando.

— Vocês não têm prova alguma de que fiz isso – defendeu-se a mulher.

— Então, senhorita Ferrari, por que recuou quando a voz mencionou isso no alto falante? – interrogou

Daniel, aproximando-se da mulher numa tentativa de acuá-la sutilmente, ainda que o momento não permitisse tais peculiaridades.

— É da sua conta, intrometido? - Bianca avaliou o rapaz de cima a baixo, como se não lhe devesse satisfação.

— Comece a responder, senhorita Ferrari – ordenou Félix, erguendo-se e encarando a moça.

— É mentira! É mentira!

— *Claro.* Até porque a senhora confirmou à toa, não é? – retrucou Daniel, fechando o cerco sobre a moça. — Adiante logo. Não temos o dia todo! Ele logo vai matar alguém desta sala!

— Tudo bem... *TUDO BEM!* Matei meus ex-maridos. Mas, é da sua conta por acaso, abelhudo? – exclamou quase rugindo de raiva, agitando as mãos. — Apenas fiz isso porque eles sempre me viram como um troféu e nunca como a esposa valorosa que fui.

— Então, deu uma lição neles, matando-os? Prudente você, *hein?* – provocou Giulia que, mesmo em situações de extrema pressão, não perdia a oportunidade de destilar seu veneno em qualquer um.

— Cale a boca, garota – ordenou Bianca sem suportar a insolência de Giulia. — Apesar disso, mudei. Nunca faria o mesmo com o meu Enzo, de jeito algum! Ele me amava, me valorizava, ao contrário de todos os malditos que me enganavam, colocando um anel de brilhantes no meu dedo.

A velha Helena já enxugava as lágrimas do rosto, quando disparou de novo:

— Mas, o que garante que não mudou e simplesmente decidiu dar cabo do meu irmão?

— Vejam o corpo, então! – protestou. — Matei meus ex-maridos com veneno e não com um êmbolo de ar. Podem checar e verão que sou inocente.

— Não precisa, sabemos que não havia veneno na seringa – argumentou Daniel.

— Contudo, meus caros amigos, por precaução, acho que seria bom dar cabo deste corpo podre para longe de vocês – sugeriu a figura misteriosa num tom que parecia amigável, até porque, afinal, ele estava dando um ‘presente’ para os convidados.

Após o recado, as luzes começaram a piscar repentinamente até se apagarem por alguns instantes. Aquelas 13 pessoas assustadas temiam por suas vidas, sentiam o medo de que IB não cumprisse sua promessa e decidisse matá-los ao mesmo tempo simplesmente porque queria e podia.

Durante longos e intermináveis sessenta segundos, as luzes mantiveram-se apagadas. Os convidados tentavam se orientar pela voz e pela fraca luz de seus celulares, a fim de vislumbrar algum lampejo no

meio daquela escuridão. Após o minuto completo, todos estavam intactos e vivos.

Não podia se dizer o mesmo de todo o recinto. Dentro daquele curto minuto, o corpo de Enzo Brignani tinha sumido. Debaixo do nariz deles, sem mais, nem menos. Não sabiam se era um presente ou apenas mais uma prova da mente sádica do Bugiardo.

## Capítulo 27

Por mais que precisassem se acostumar àquela realidade – numa linha tênue entre a vida e a morte –, nenhum dos indivíduos presentes naquele recinto lacrado assimilava muito bem o fato de estar a poucas horas de uma morte iminente – *ou não*. Dependiam exclusivamente da mente doentia de seu carcereiro.

Para IB, cometer vários assassinatos na cidade de Ribeirão Freire, não tinha sido suficiente, precisou matar o anfitrião de uma das maiores festas de aniversário já ocorridas na história do município e, também, trancar seus semelhantes, enclausurando-os em uma cúpula sem saída, para que pudesse assistir toda a natureza humana deles definhando enquanto cada um de seus elementos mais íntimos eram ali revelados.

No controle da situação, entrou na mente de cada um e fazia seu jogo de marionetes sádico para forçá-los ao extremo, incluindo obrigar Bianca a confessar três assassinatos. E ninguém entendia sua mais recente atitude: ter dado cabo do cadáver que ele mesmo havia enviado para o além-vida.

— Cadê o corpo? – perguntou Bianca um tanto chateada por não ter mais a chance de provar sua inocência.

— Vocês realmente acharam que seria tão fácil assim? *Ah*, vamos lá... são muito ridículos – voltou a voz, repousando sobre a sala com suas reações debochadas e esrachadas de seus ‘brinquedinhos humanos’.

— Quer dizer, então, que está com medo de que a gente descubra a verdade sobre você, *Bugi*? – indagou Daniel, ressaltando novamente seu costume de apelidar maldosamente seu ofensor, quando induzido a um estágio de pavor. Nunca conseguia evitar estas reações que o faziam se inserir em uma sessão de perguntas intrapessoais, como, por exemplo, “*por que conseguia ser tão cretino em momentos cruciais que exigiam sua concentração e atenção?*”.

— Na verdade, apenas queria mostrar a vocês como isso aqui vai funcionar – explanou com toda a calma do mundo. Tinha certeza de que não seria pego. — Este foi um segredo revelado. OK. Ponto para vocês.

— Mas, por que retirou o corpo daqui? Quer dizer que há uma saída para longe desta sua prisão demoníaca? – sondou Bralli um tanto introvertido pelo pânico que sentia.

Daniel pode ver o quanto o rapaz não estava recebendo a situação muito bem. A respiração, cada vez mais ofegante, combinada à tonalidade da pele, cada vez mais pálida, faziam o jovem executivo parecer um bichinho de estimação apavorado com o barulho dos trovões que emanavam de uma noite nebulosa de chuva. Apesar de aparentar uma personalidade agradável, era bem claro que não havia coisa no mundo

que não fizesse seus pequenos olhos escuros saltarem para fora das órbitas, ainda mais em momentos como aquele, capazes de tirá-lo de sua zona de conforto. Talvez tivesse se isentado de comentários até aquele instante para preparar uma pergunta para o IB que devia rir sem parar do pobre executivo. Durante a resposta do IB, pôde-se ouvir a constância da risada maquiavélica inserida em sua voz metálica por alguns segundos.

— Tenho total controle sobre o local onde estão.

— Então, quer dizer que há alçapões por aqui, é isto? – inquiriu Daniel, ainda mais interessado na situação exposta.

— Até parece que diria a vocês...

O jornalista tentava reunir os fatos, mostrando-se inclinado a ouvir:

— No final das contas há uma saída, mas somente você a controla. Correto?

— Isso, senhor Avellini – saudou IB com uma congratulação falsa. — Brilhante.

— Claro que vamos acreditar em você, *Bugi* – desdenhou Daniel. Para ele, o desdém ao plano macabro era uma estratégia para tirar IB do sério, forçando-o a se revelar.

— Pare de me chamar assim – exclamou, fazendo seu poder ser sentido e temido por todos. Parecia capaz de farejar o medo, causado pela sua figura tão escabrosa, que crescia gradativamente. E, pelo visto, adorava fazer aquilo.

— Tudo bem, então, *Bugi*.

Maxwell não aprovava a arrogância do amigo e, sem pensar duas vezes, disparou:

— Cale a boca, Daniel. Quer matar todos aqui?

Diante do espanto mostrado especificamente por Guilherme e Clara, Daniel sentiu que seria encurralado pelo próprio amigo, talvez ainda sob o efeito do vinho tomado horas antes. Com um olhar sério, repreendeu o amigo, sussurrando e chacoalhando a mão direita para baixo, tentando minimizar o deslize.

— *Shhhhhh...* Silêncio, seu imbecil!

— O que ele disse? *Daniel?!* Foi isso que ouvi, senhores? – intrometeu-se a voz novamente, desconfiando do que acontecia ali.

— Confundi meu nome, senhor IB, apenas isso – tentou disfarçar o então Avellini. — Ele tem um primo chamado Daniel e, às vezes, os nomes se confundem. Somente isso.

— Espero que não estejam tentando me enganar.

— Nem a nós – protestaram os policiais, estranhando tal peculiaridade.

Daniel percebeu que Clara começou a encará-lo, talvez tentando comparar com a face de seu finado namorado. O jornalista fez cara de poucos amigos para a detetive e virou de costas ao se lembrar de todo o ódio que ainda fervilhava dentro de seu coração. Contudo, a briga era com outra pessoa e não com a mulher que julgava ser uma traidora.

— Guardem o joguinho de soletrar para depois porque agora tenho mais um segredo a ser revelado – fez-se ouvir novamente a mesma fatídica voz. — Antes de tudo, Bianca, nada disso a impede ter matado seu noivo, aliás, volto a lembrar que posso ser qualquer um desta sala. *Ah, pessoal, sou uma pessoa tão boa.* Na verdade, estou lhes dando a chance de se redimirem por seus pecados para, enfim, descansarem em paz. *Eu* estou me redimindo durante todo este tempo, vocês ouvirão meus segredos e depois morrerão junto deles, assim como o Enzo. Caso saiam vivos, serão destruídos por causa de seus passados nojentos e pútridos.

— O que quer com tudo isso, afinal, IB? – era a voz de Daniel que indagava aquele figura várias e várias vezes.

— Desmascarar todos que, por anos, ajudaram esse monstro, procurando ocultar suas vontades de matá-lo com as próprias mãos – discursou enfático. — Esse monstro merecia ter morrido há muito tempo, e sei que cada um de vocês tinha motivos para fazer isso. Parem com o fingimento e o choque, afinal, sabemos o quanto gostariam de estar na minha pele e terem matado este desgraçado.

O jornalista torceu o nariz, fazendo uma expressão de reprovação. Não podia crer no que tinha acabado de ouvir.

— Então, no caso, o que quer provar é que essas pessoas aqui, enojadas com seu plano diabólico, poderiam ter feito a mesma coisa que você?

— Brilhante, Avellini, brilhante! – exultou IB, como se aplaudisse tudo aquilo. — Você é realmente um oponente à altura, devo admitir. Matei Enzo Brignani, mas o IB é cada um de vocês. Mostrem suas faces. Mostrem o quanto estão satisfeitos por verem este homem no quinto dos infernos, mostrem seus segredos, as vontades do íntimo de seus corações sobre esse maldito bastardo. Do contrário, lidem com o destino de negarem a verdade e juntarem-se a ele. Estou aqui para cobrar os desejos pútridos de seus corpos, então, não ousem mentir para mim.

— Pessoas como você deveriam ser internadas em um manicômio, e a chave jogada fora, seu demônio! – contra-atacou Helena, olhando fixamente para a caixa de som que emitia cada anúncio efetuado pelo IB.

— Que nada, são seus olhos, Nelita – argumentou debochadamente, mudando até o tom de voz para reforçar sua implicância com a mulher. — Aliás, era realmente você quem eu queria. Olha... limpe essas lágrimas de crocodilo que escorrem por essa maquiagem de quinta que você compra porque sei que, na verdade, está ligando a mínima para a morte do seu irmão. Até parece que consegue enganar alguém se fingindo de boazinha. Claro que nunca quis que seu irmão se casasse com a Bianca, não é? Estava achando ruim sua mamata sumir de uma hora para a outra, visto que seu querido *fratellino* nem sequer sonhava em colocá-la no testamento.

— Mentiroso! – protestou a mulher vermelha de raiva. — Cachorro mentiroso! Não acreditem no que ele diz.

— Então, explica porque seu irmão vinha piorando da diabetes desde que *você* começou a administrar as doses de insulina... – acusou.

— Não sei do que está falando.

— *Não sabe?* – A cada pergunta feita por IB, maior era impressão de que ele realmente sabia dos segredos de todos naquela sala. — Diz isso para os seus quinze anos como enfermeira na Itália, antes de seu irmão fazer um baita dinheirão. Você também pode tê-lo matado, sabe como usar uma seringa.

— Meu passado nunca deveria ser mexido desse jeito! – continuou a reclamar a mulher. — Quem você pensa que é para se intrometer na minha vida pessoal?

*Mais uma pausa.* Geralmente, ela era acompanhada por um discurso poético e macabro.

— É bem simples. Sou o cobrador que bate à sua porta em busca de sua alma vendida ao pecado. Veremos o que seus colegas de festa vão achar disso – falou antes de desligar a transmissão com o usual chiado.

Quando o barulho cessou completamente, todos na sala viraram-se para a mulher, e Bianca foi a primeira a trucidá-la.

— Por isso foi tão solidária em se oferecer para cuidar do Enzo... todo este tempo o que você queria era matar meu noivo! Você é um monstro, um monstro!

— Você é a assassina de maridos e eu que sou o monstro aqui? – desta vez, era Nelita quem se defendia.

— Não seja ridícula, Bianca! E sim, nem me olhem com essas caras patéticas! Fiz isso e, ainda que estivesse vivo, continuaria fazendo até o fim. Enzo tirou o meu direito na empresa... tudo bem que ela estava quase falida quando papai morreu, e eu tive que vender minhas ações *pro* Enzo, por mais que meu pai tenha deixando-a para nós como herança, mas isso justifica ele me deixar fora do testamento? Aquele... *aquele maldito desgraçado!* Não apenas o mataria, mas você também, depois, sua ruiva falsa,

descarada!

Com aquelas palavras, a fúria das duas mulheres foi desencadeada. Nelita, antes tão bem-comportada e regrada, naquele momento assumia a forma de uma fera descontrolada, ignorando até mesmo seus bons modos e educação para atacar Bianca. Nem pareciam ter trocado sorrisos e beijos de saudação uma no rosto da outra, fofocado sobre coisas da alta sociedade italiana, além de outros assuntos, pareciam mais com duas selvagens engalfinhando-se em busca de contabilizar o maior número de fios de cabelo e gramas de pó de maquiagem retirados da adversária.

Tinham chegado a um estágio que levava todos os inseridos no recinto à beira de um ataque de nervos, como o que acabava de acontecer, despertando os instintos mais extremos do ser humano. O local estava se assemelhando a uma gaiola de experimento de laboratório social envolvendo ratos – do exato modo como IB os via, rindo dos picos de estupidez e imbecilidade humanas sendo atingidos no meio de tantas pessoas que se julgavam cultas e civilizadas.

Meirelles simplesmente se cansou. Pensou na repulsa que seu inimigo sentia por aquela gente, que se anulava fisicamente por causa de interesses mesquinhos e pobres.

— Calem as suas bocas! *Chega, chega, chega!* – explodiu o jornalista. — Não percebem que é esta a ideia? Que é isso o que ele quer? Provar que somos iguais a ele! É o que vocês querem? Deixar suas personalidades doentias se apossarem de seus corpos como os demônios que escondemos para baixo do tapete pelo resto da vida? Parem de provar que ele está certo sobre nós! Somos melhores do que isso, não podem ver?

O chiado voltava. Era a hora de mais um pronunciamento.

— *Ah*, gente, por que pararam? A pipoca ainda está na metade e não vi nenhuma interjeição de negação. *Ah*, por favor, vocês já me divertiram mais...

— Quantas vezes precisarei dizer que não matei meu irmão? – Voltou a chorar a mulher, contudo ninguém mais sabia quais eram suas intenções. — Eu o amava, apesar de tudo que me fez. Dois meses atrás, estava aplicando corretamente a insulina dele, queria vê-lo sair daquela situação. *Mio fratello, mio amato fratellino!*

— Me assusto sobre o quanto você pode ser uma cínica mentirosa, Nelita – expôs Vialli, desdenhando da mulher.

Agindo como um advogado incomum, *Bugiardo* manifestou-se:

— Quem você acha que é para dizer algo sobre a Nelita, Vialli? Você é um dos piores aqui nesta sala! Quando pretendia matar Enzo depois do que ele lhe fez?

O homem esbranquiçou como papel.

— *N-n-não* me diga que sabe do...

— Sim, Vialli, eu sei – respondeu aquilo que o homem mais temia. — Sei de tudo. Sei do quanto você e o certinho do Alfredo Matarazzo estavam envolvidos nisso. Você não conta para ninguém que era o motorista junto de Roger no dia do assassinato dele, não é?

— Ninguém nunca deveria saber disso, Vialli – explodiu Alfredo, culpando o piloto de helicóptero que, de acordo com as acusações, tinha sido motorista de Roger Matarazzo anos atrás. — Avisei para que não contasse ao Enzo... *que droga!* O que deu em você, seu imbecil?

— Não sei, Alfredo, ele descobriu – tentou se explicar. — Enzo descobriu de algum jeito. O velho ia me entregar para a polícia brasileira assim que a festa acabasse. Eu o odiava... *ah...* como o odiava!

— Inclusive, acho válido aproveitar o gancho para anunciar que foi Alfredo quem encomendou a morte do próprio pai há vinte anos, aqui nesta cidade – a voz revelava mais um fato, do mesmo modo que um apresentador de manchete policial faz. — Bastante conveniente, não? Matar o velho dono das siderúrgicas Matarazzo para ficar com a gorda herança da época. Também é conveniente matar a outra metade, que arquitetou tudo isso junto dele, visto que Enzo planejava entregá-los à justiça...

Alfredo, acuado, recuou:

— Você não tem provas disso, seja lá quem você for, aberração.

— OK, não tenho provas. Estou mentindo, enganando vocês todo este tempo – desprezou a voz, fazendo pouco caso da dúvida. — Estou enganando assim como você fez com a sua cara chorosa, no funeral do seu pai, fingindo estar sensibilizado quando você mesmo causou aquilo! Aliás, por qual motivo, logo após o enterro, você estava enfiado dentro de um escritório advocatício, ansioso pela assinatura dos papéis que passariam a posse para seu nome? Parece um bom exemplo de luto, não é? *Câmbio desligo.*

O chiado repousou sobre a sala como um peso de granito em cima de uma singela folha de papel, desviando os olhares de todos para Alfredo e Vialli, recuados diante daquilo.

## Capítulo 28

Daniel começou a se lembrar do que Bridi tinha dito e, naquele momento, soava-lhe estranho a revelação de Alfredo como mandante do assassinato do próprio pai, caso fosse mesmo o IB. De que adiantava acusar-se em uma espécie de confessionário expresso? *Não fazia o menor sentido*. Também não entendia porque a voz repetia tantas vezes que iria desmascarar um por um, afinal, todos conheceriam sua face quando chegasse a única pessoa cujo segredo não tivesse sido revelado.

Quanto mais mergulhava naquele jogo doentio, menos conhecia o seu oponente na brincadeira de gato e rato com algumas peculiaridades. Ainda assim, esperava sair daquele salão de festas vivo e levar consigo a certeza de ter destruído o maior tirano já estabelecido na cidade de Ribeirão Freire. Estava certo que Enzo Brignani, o IB ‘original’, estava morto – provavelmente de mãos dadas com o diabo no quinto dos infernos -, porém a atual guerra era com o novo IB, o sucessor, a segunda linhagem da arrogância, impiedade e tirania acometida sobre todos no recinto.

Novamente o diálogo e as acusações mútuas, entre os participantes daquele jantar, apareciam. Conforme isso acontecia, o *Bugiardo* revelava mais segredos e o temor apenas aumentava, assim como a expectativa, apesar de todos negarem convictamente terem matado o anfitrião da festa, que já tinha sido transformada em um pesadelo ambulante. O tempo foi passando e, com ele, as revelações emergiam para confrontar cada um que as tentasse enterrá-las a seis palmos, fugindo das verdades e mazelas do passado.

Além do impulso assassino de Bianca Ferrari, da sabotagem médica de Helena Brignani e da cumplicidade entre Gustavo Vialli e Alfredo Matarazzo no assassinato do pai deste, IB continuou desmascarando mais pessoas. Graças aos seus esforços, os convidados puderam descobrir o material oculto mais pútrido da vida uns dos outros. Os Morellis seriam demitidos da empresa, assim que retornassem à Itália, por terem roubado recursos da empresa de Enzo por anos, portanto também tinham motivos suficientes para colocar um fim na vida do velho Brignani. Rodrigo e Beatrice Mancini chantageavam outros executivos com supostos casos de traições. A senhora Mancini era fotografada com os funcionários, as fotos enviadas, e o casal ameaçava levar a público. O senhor Brignani, decepcionado com a conduta de ambos, planejava riscar seus nomes da folha salarial da empresa, além de forçá-los a largar suas ações da *Brignani Industries*, conseqüentemente destruindo a vida do casal. Os segredos continuaram a ser revelados, houve mais falatório e confrontos até chegarem ao último alvo de IB.

— Tudo bem, *Bugiardo*. Já expôs todos, e acho que se isso está ocorrendo é porque, a esta hora, deve estar bem longe daqui – provocou Daniel, tentando arrancar algo que comprovasse a presença dele ou

não naquela sala.

— Acreditem em mim. No meio de todas essas confissões, revelei-me – falou sem intervalos. Queria dar entonação ao momento —, afinal, para que ocultar o que fiz? Meus segredos, meu legado? De que adiantaria, se tudo isso vai acabar no momento em que este maldito câncer se apossar do resto do meu corpo, levando-me para os braços da morte?

— Então, quer dizer que, além de toda sua motivação nojenta, você está se entregando porque vai morrer? – quis saber Daniel contrariado.

— Isso não faz o menor sentido! Que tipo de coisa é você? Pode ser apenas um engraçadinho que, de algum jeito, soube de nossos segredos e está usando-os contra nós antes de divulgar *pra* mídia e arrancar dinheiro. *Você não existe*. Pode parar com esta mentira. Ninguém aqui realmente acredita que isso seja real! Diga logo o seu preço. Todos têm um preço, diga o seu e nos deixe dar o fora! – desabafou Alfredo Matarazzo, valendo-se de seus poderes e arrogância para tentar subornar seu atormentador, a fim de evitar seu destino.

O volume da caixa aumentou em seguida.

— Vocês não acreditam em mim? Não acreditam *em mim*? Vou fazê-los acreditar agora! Guarde seu talão de cheques sujo, não quero encostar em um dinheiro obtido com a mistura do sangue e vômito sobre o qual montou sua fortuna, traidor! Por falar em acreditar, há uma pessoa neste salão que, apesar de se fingir de inocente, tem tanta culpa no cartório quanto os outros. *Guido Bralli*. Não sei o que você fez, mas, explique-me como um executivo tão reles e insignificante quanto você possui dois iates após apenas seis meses no cargo? Estava roubando o senhor Brignani, não é?

— *E-eu* não fiz nada – respondeu gaguejando, inseguro, enquanto pegava o lenço de seda no bolso do terno para enxugar a testa, que suava frio mediante tantas emoções repentinas num espaço de tempo tão curto.

— Enfim, vocês vão me ajudar com isso – convocou a voz, do mesmo modo como um chefe faz com seus empregados. — Descubram o segredo desse italianinho medroso, e deixo-os viverem. Cabe a vocês. Do contrário, algum dos 12 condenados neste salão morrerá, e estou pouco ligando se será um dos pecadores ou, até mesmo, esses policiais. Quem sabe o senhor esteja com a bala endereçada ao seu peito, não é, Avellini? Voltarei já, meus amores – desligou com sua risada maligna ecoando por toda a sala.

— Anda, Bralli, diz alguma coisa! Diz! Admite que estava roubando – implorava Vialli, gritando, pedindo por clemência. Parecia estar forçando o homem, mas, na verdade, apenas queria se ver livre de tudo aquilo.

— Mas, gente, não fiz nada – explicou-se o homenzinho. — Juro. Eu juro!

— Desembucha logo, seu italiano desgraçado! – retrucou Félix, agarrando o baixote pelo colarinho do terno e o arremessando contra a parede do salão de festas. O homem se debulhava em lágrimas. — O que você fez para ganhar tanto dinheiro assim? Diz logo!

— Não fiz nada, que droga – queixou-se choroso.

— Félix, largue o rapaz – pediu Max, tentando se impor contra o detetive.

— Ah, e o que um executivo franzino como você vai fazer comigo? – inquiriu o delegado, debochando de Schneider.

— Delegado Félix, solte-o, por favor – pediu novamente, respirando fundo para não ter um ataque de nervos.

Daniel percebeu o quanto a situação tinha se tornado séria no momento em que viu o amigo franzir as sobrancelhas, deixando-as cerradas. Intacto alguém não sairia, independente de quem fosse. Revoltado, o delegado largou Bralli de mão imediatamente e, no instante seguinte, agarrou Maxwell, atirando-o contra a parede. Suspendeu o rapaz pelo colarinho do terno, assim como tinha feito para interrogar o italiano medroso. *Um erro crasso do delegado.*

Max levou o joelho ao tórax de Félix com tamanha força que o delegado o soltou com o impacto. Mesmo com dores, tentou contra golpear com um soco, que encontrou o vazio graças à rápida reação de esquiva do ex-detetive. Este aproveitou a chance para atacar a ‘junta’ do braço com o antebraço e apenas bastou agarrar o ombro do homenzarrão, fazendo-o ajoelhar-se.

Apesar de estar vulnerável, Félix se recusava a pedir clemência. Era muito humilhante para ele. Um delegado formado, com treino na polícia e em alguma base militar, ser facilmente subjugado por um rapaz que sempre subestimou – não que soubesse que quem lhe atacava era justamente o detetive que tinha suspenso tempos atrás. A sorte do homem foi a reação das outras pessoas, que gritavam para separá-los. Mais alguns instantes, e Max quebraria o braço do delegado com a fúria que sentia.

— OK, o tempo esgotou! Será que os dois macaquinhos poderiam parar com a briga, por favor? – requisitou o áudio metálico, frio e calculista, do modo que tanto irritava Daniel. — Qual segredo tem para mim, senhor Bralli?

— Juro, não sei de nada! Não fiz nada, por que isso está acontecendo comigo? – questionava-se o homem de joelhos, pedindo clemência por sua vida ou daquele que fosse sorteado pela infelicidade de virar alvo do IB.

— Que pena – lamentou. — Realmente queria ajudar você. *Mentira*. Nunca quis. – Riu.

O blecaute caiu sobre a sala novamente. Por cinco segundos, o silêncio predominou. Eles não queriam dar motivos para terminarem, mais cedo ou mais tarde, com uma bala no meio da testa. Depois daqueles instantes eternos, o clarão irrompeu no recinto. O alto estampido da bala, sendo projetada contra alguém, era reproduzido milésimos de segundos após o sinal luminoso, que indicava o projétil abandonando o cano da arma.

Boa parte das pessoas, no instinto de gritar, começaram a entrar em pânico sem saber quem havia sido atingido. Quando as luzes se acenderam, o novo companheiro de Enzo Brignani, ‘*no mundo dos mortos*’, foi revelado. Rodrigo Mancini jazia ali. Todos ficaram perplexos, sem entender o porquê daquilo. Não podiam adivinhar se IB havia feito um sorteio ou se não era nada aleatório, mas havia uma certeza. Mais uma vítima sucumbia àquela empreitada perversa do famigerado *Bugiardo*.

## Capítulo 29

O temor - *criado pela frieza e incapacidade do vilão em demonstrar compaixão por aquelas pobres almas infelizes* - destruiu a possibilidade remota que ainda nutriam de saírem vivos do local. Tinha se tornado uma loteria solidária onde, independentemente ou não de ser aleatória, todos seriam contemplados com o amargo prêmio de abraçar a eternidade, sem a chance de dizer adeus ou se redimir pelos pecados. IB parecia uma espécie de ceifador, arrancando o trigo da plantação sem dó, estando maduro ou ainda muito novo. *Não ligava, não se importava*. Queria apenas assistir a ruína daqueles seres por suas próprias mãos, como um punhado de cinzas esmagado até virar pó, até virar parte do ambiente.

O mais assustador era uma daquelas pessoas ser o indivíduo que usava a máscara de um software de voz, fazendo a melhor atuação da sua vida, fingindo-se de inocente ou até mesmo xingando a tal voz metálica, quase em uma piada autodepreciativa. Ninguém tinha a menor noção de quem era o psicopata. Podia estar ao lado de qualquer um deles, acenando, consolando.

Tudo aquilo era um grande barril de pólvora prestes a explodir pelos ares. Não existia mais confiança naquela sala, salvo a confidencialidade entre os casais compostos pelos policiais, pelos Morellis e pelos Mancinis, quer dizer, entre estes *existia*, já que não é possível depositar fé numa pessoa morta.

O corpo de Rodrigo Mancini encarava os demais com seus olhos esbugalhados, numa expressão de surpresa, enquanto a fonte de sangue jorrava de seu peito, tingindo-o e escorrendo para o dantes tão impecável carpete do salão.

— *Rodrigo?* Rodrigo! – Chorava Beatrice, posta de joelhos. As lágrimas inundavam seus olhos e escorriam para o ferimento, caindo como uma chuva de verão fora de época, criando um contraste triste e assustador para os presentes. — Por que ele? Por que ele? Seu maldito! Maldito!

O delegado Félix se aproximou da atual viúva Beatrice Mancini. Irônico saber que três das cinco mulheres no recinto tinham ficado viúvas, até porque Clara não sabia que Daniel estava vivo. Aliás, para presenciar aquela cena, o jornalista preferia mesmo estar morto. Guilherme se agachou próximo à mulher, retirando seu terno e o colocando em volta dos ombros da senhora Mancini, num singelo gesto de consolo.

Ainda assim, Beatrice continuava imersa, em transe, olhando diretamente nos olhos de seu finado marido, talvez tentando imaginar o último momento que os dois tiveram juntos, além das brigas e discussões devido ao casamento turbulento. Trêmula e ainda chocada com a celeridade dos acontecimentos, levou os

dedos da mão direita aos lábios, beijando-os levemente a fim de evitar que seu batom vermelho tirasse a pureza daquele momento. Então, como uma doce brisa que sopra após o amanhecer, Beatrice repousou sua mão sobre a boca, ainda quente, de seu amado, representando o último beijo do casal, uma última lembrança que poderia ter dele. Abaixou as pálpebras do marido enquanto recordava o doce homem com que tinha se casado anos atrás.

Félix mal pode perceber que tudo aquilo não passara de uma distração para que a mulher agarrasse a arma em seu coldre exposto, já que tinha tirado o terno. Beatrice se ergueu, apontando-a para os convidados daquele pesadelo insano, forçando-os a formarem um arco ao redor dela, para evitar terminarem do mesmo modo que Rodrigo. A senhora Mancini tinha a convicção de que o assassino estava entre eles e, se não pudesse encontrá-lo, mataria alguém aleatoriamente, assim como *Bugiardo* havia feito em seu maldito sorteio fúnebre, onde o pobre advogado Rodrigo Mancini foi o vencedor.

— Vocês... vocês o mataram! Mataram meu marido – berrou. — Tudo culpa do que o bastardo Brignani cometeu conosco. Não matei o Enzo, mas, se pudesse ter feito, há muito tempo faria! Meu marido não merecia morrer como vocês, porcos inúteis, desgraçados.

— Beatrice, você está louca! Abaixue essa arma, por favor – implorou Giulia, mostrando um lado apelativo que poucos ou ninguém conhecia.

— Cale-se, sua vagabunda – exclamou Beatrice. — Quer se juntar a mim na turma das viúvas? Quer? Então, cale-se.

A ficha ainda estava caindo para alguns que, apavorados, começavam a erguer suas mãos. Félix ainda se recriminava por permitir que um civil completamente fora de si tivesse acesso a sua arma. Era seu segundo erro naquela noite, o que o fazia pensar em procurar uma reciclagem ao sair dali. *Que raio de delegado incompetente ele era!*

Ninguém tentou controlar a mulher possessa pela fúria incontrolável, esperando que ela escolhesse algum alvo para então começarem seus apelos ou, do contrário, poderiam ser as próximas vítimas. Félix tinha feito alguns disparos para o alto, portanto, provavelmente ainda havia por volta de seis balas dentro da arma. Quantidade suficiente para fazer um grande estrago.

— Se Enzo nunca tivesse existido, nada disso aconteceria. No entanto, como ele já morreu, e não posso contribuir mais para afundá-lo no poço, vou matar todos que julgar culpados pela morte do meu marido – conversava sozinha com um sorriso estranho no rosto, como se ouvisse vozes, à beira de um surto psicótico. De repente, apontou para Guido Bralli que, pela falta de condição mental, ainda chorava copiosamente a morte de Rodrigo, um de seus melhores amigos no recinto. — Se você tivesse confessado seu segredo, meu marido estaria vivo. Teríamos dado um jeito de sair daqui, ao menos eu e ele, iríamos

nos acertar e tudo voltaria a ser como antes, mas você mentiu, não é? Desgraçado! Vou matar você!

— Não, não, por favor, Beatrice – implorou Bralli. — Por favor, você me conhece, sabe que nunca ia querer o mal do Rodrigo. Era meu amigo. Acha que se soubesse que o alvo era ele, não teria mentido para o IB e confessado algo, mesmo que nunca tenha cometido?! Já o salvei outras vezes, por que iria querê-lo morto agora? Sinto muito, Bea, sinto muito mesmo.

— Calado, seu desgraçado – exigiu Beatrice. — Você tirou algo de mim e, agora, é a minha vez de tirar algo de você.

— Calma, Beatrice. Calma, calma, por favor – entrevistou Daniel, posicionando-se à frente de Bralli, logicamente colocando-se no caminho da bala que poderia ser endereçada ao medroso executivo. Beatrice recuou espantada, apesar de manter a arma em punho apontada para eles. Somente havia duas possibilidades. Ou aquilo daria muito certo ou terrivelmente errado.

— *Calma?* Você me pede calma? Ele literalmente matou meu marido, e você me pede calma? Aproveito e mato os dois, você e ele, seu insolente – protestou, gesticulando várias vezes com a arma e aumentando a tensão daqueles que sabiam que Beatrice poderia apertar o gatilho a qualquer momento.

— Ninguém aqui vai machucá-la, Beatrice – tentou ser solidário Daniel. — Entendo você.

— Entende o quê? – perguntou enquanto enxugava as lágrimas. — Entende ver aquilo que mais ama ser tirado de você por uma pessoa que nem conhece? Entende de sofrimento?

— Olha... eu entendo – explicou-se. — IB também me tirou muitas coisas. *Sério*. Precisei abrir mão do amor da minha vida para não a ver morrendo ou sofrendo por minha causa. Ele me tirou coisas, direta ou indiretamente. Acredite, foi culpa dele. Por isso, estou aqui. Quero acabar com esta trama desgraçada de uma vez por todas e impedir que mais alguém sofra às custas desse mentiroso maldito. Creio que Rodrigo a amava e a última coisa que deve ter sentido por você, no momento em que era baleado, seria ódio. Vi o quanto ele a olhava admirado, Beatrice.

— *V- você via?* – perguntou a viúva, já cedendo, usando seu antebraço para enxugar as vastas lágrimas que explodiam de seu rosto.

— Sim. Pude ver – continuou Daniel. — Sei que o *Bugiardo* lhe tirou muita coisa, mas não faça o mesmo com outra pessoa que não tem nada a ver com a história. No fundo, pode até achar que está fazendo justiça, porém, no final das contas, somente estará se tornando o atormentador de alguém, virando aquilo que repudia. Não vire o monstro que assassinou seu amado, por favor. Não faça isso.

Com um sinal, Daniel avisou a Max para se conter. O amigo já se projetava por trás da mulher, a fim de desarmá-la, intenção compartilhada pela detetive Clara Andrade, que cobria o outro flanco, tentando

reduzir as chances de uma tragédia. Respeitando a ordem, os dois pararam.

Clara prestou atenção nas doces palavras pronunciadas por aquele representante engravatado, lembrando-se de seu finado ex-namorado e chegou a pensar que, por todo aquele tempo, Daniel estava vivo e bem, tendo feito aquilo somente para protegê-la do pior. Na mente do jornalista, não aceitava perder Clara e julgava muito mais fácil que a detetive o perdesse, num motivo de força maior, para ver a integridade física dela intacta.

Beatrice continuava a chorar compulsivamente, com a arma em punho apontada para Daniel, até que as palavras entraram no lugar mais profundo de sua alma, como uma espada, atravessando-lhe os dois extremos do corpo. Fechou os olhos para controlar o fluxo das lágrimas e baixou a arma vagorosamente, enquanto o jornalista se aproximava na mesma velocidade. No instante em que a arma estava apontada para baixo, Daniel agarrou a pistola, ato recebido sem rejeição por Beatrice Mancini, que desabou nos braços dele, chorando.

Aproveitando-se do fato de que Daniel recebia toda aquela explosão sentimental, que partia dos olhos azuis e inocentes de Beatrice, Maxwell chutou a arma para longe. A mulher se recompunha aos poucos, assim como Bralli, que havia quase desmaiado devido a pressão e ao medo sentidos.

De repente, surgiram palmas. Todos os presentes aplaudiram a cena, ignorando o clima pesado que dominava o ambiente desde o início da noite. Daniel, ainda abraçado a Beatrice que chorava incontrolavelmente, viu o brilho luminoso de um objeto, mais ao fundo do salão, próximo ao quadro de energia do local, por trás de um pano branco. Se alguém passasse os olhos pelo local, nunca enxergaria aquela luz verde piscando, imaginaria que fosse algum vagalume. As palmas continuaram a ecoar na sala, apesar de não ser uníssono. Duraram mais alguns segundos, até o chiado retornar às caixas de som.

## Capítulo 30

Era chegada a hora de mais um pronunciamento do famigerado *Il Bugiardo*.

— Tirei algo de você? Mas, como assim? Quem é você, afinal, Avellini? – indagou IB em um tom completamente diferente.

— É impressão minha ou está com medo? Viu um fantasma, por acaso? – retrucou Daniel, rindo com a mudança de comportamento do IB.

— Não o conheço – estranhou a figura. — O que veio fazer aqui?

— Ah, conhece sim. – Era a vez de Daniel rir. — E como me conhece. Mandou seus capangas me matarem, esqueceu?

— Sim, mas não conheço ninguém que... *oh, não* – disse a voz, modulada pelo programa, ao entender quem era. — Não pode ser você.

— Em carne e osso – pronunciou o jornalista, encurvando-se como em uma saudação.

— Mas me mandaram uma foto! – questionava-se IB desorientado. — Você morreu! Estava morto. Ninguém escaparia daquilo, como você pode escapar?

— Talvez você precise de capangas melhores na próxima vez.

— Isso não faz a menor diferença – bradou. — Ainda vou matar todos vocês. Isso não muda nada!

— Não muda nada, não é? – sondou Daniel com um sorriso no rosto. Tinha matado a charada, e, pelo nervosismo, IB sabia. Talvez o próprio *Bugiardo* em pessoa, ainda com sua identidade desconhecida, tivesse visto o quanto Daniel mirava o objeto ao fundo da sala, sem ligar muito para as palmas dedicadas a ele. — Claro que muda. Nunca estivemos trancados nesta sala por algum dispositivo de alta tecnologia. Enzo Brignani era um homem clássico, que não gostava muito de modernidades, portanto, o máximo que fazia era reforçar as portas e as janelas. Basta dar uma olhada neste salão e verá o quanto ele lembra os filmes dançantes dos anos 70 com seus bailes. Nunca Enzo instalaria uma segurança tão desenvolvida num salão de festas.

— Cale-se, bastardo! – ordenou a voz, tentando exercer seu poder. — Você não pode me confrontar. Posso matá-lo agora, como fiz com Enzo e Mancini.

— O que vai fazer? – desprezou o jornalista, enfim encurralando seu algoz. — Correr para o quadro de energia da sala, apagar as luzes e fingir que está controlando tudo? Não seja tão patético, *Bugiardo*. Você não possui nenhum tipo de controle sobre nós, somente quis que achássemos que mandava aqui.

— Mesmo assim, você nunca saberá quem sou – argumentava, tentando sair por cima.

— Ainda acha isso? Basta eu dar um jeito nas caixas de som, responsáveis por trazer sua voz irritante, e verá o quanto sabemos sobre você – falou Daniel, subindo sobre a mesa e apontando para o sistema de som que reproduzia a voz temerosa do *Il Bugiardo*. Fazendo um sinal com a mão, o jornalista pediu a arma a Maxwell, que lhe entregou. Apontou-a para o equipamento. — Alguma última palavra, senhor IB?

De novo a lacuna, nada de áudio, parecia reconhecer sua derrota.

— *Q-quem é você?*

Valendo-se do discurso de mais cedo, Daniel inflamou-se e de peito aberto respondeu:

— Acho que a pergunta certa não é quem sou, bambino. A correta é o *que eu sou*. Sou a reconstrução. Sou a justiça. Sou o socorro que puxa você para a vida, impedindo-o de pular de um precipício. Sou a voz que desfaz a mazela que você fabrica, isentando-o das consequências. Sou o despertador que o acorda dos pesadelos. Sou aquele que devolve a tranquilidade e a paz que o seu tormento retirou. Sou o herói. Sou quem anula você. Aquela que nunca desistirá até vê-lo pagar por todo o mal que causou. Meu nome é Daniel Meirelles de Araújo, e adivinha? Sou a pior coisa que podia lhe acontecer – disse o jornalista, antes de disparar as três balas restantes da munição nas três caixas de som, provocando um grande estampido seguido do barulho da fiação elétrica do equipamento se desintegrando, com algumas faíscas.

— *D-Daniel? É você mesmo?* – perguntou a detetive Andrade incrédula, pois via um fantasma à sua frente.

— Depois explico tudo, Clara, espere um pouco – respondeu, descendo da mesa que havia usado para olhar dentro da ‘boca’ eletrônica do *Il Bugiardo*. Mesmo tendo usado a arma contra um objeto inanimado, Daniel ainda estava trêmulo, pois tinha manuseado uma pistola e a disparado sem dó. Podiam ser apenas as drogas das caixas de som, mas ele sabia que, no fundo, tinha imaginado a cabeça do IB e o barulho do aparelho se quebrando como os miolos do vilão se explodindo.

— Pronto. Agora você vai matar todos nós, seu inútil – gritou Alfredo furioso, culpando Daniel por tê-los libertado daquele panorama adverso. — Esse tal *Bugiardo* vai se revelar diante de nós, pegar uma arma e estourar nossos miolos como fez a noite toda!

— Claro, senhor Matarazzo. Seria bem conveniente para você, não é, Alfredo? – sondou Daniel, marchando em direção ao homem que recuou até a porta, aterrorizado com a abordagem. — Perdão, força do hábito. Seria bem conveniente para você, não é, IB?

— *O quê?!* – exclamaram todos, espantados com aquela pergunta.

— Daniel, cuidado. O que você está fazendo é uma acusação muito grave – alertou Max sobre o que ocorria. Diferente do erro cometido com Enzo, quando procurou desconversar sua acusação, daquela vez Daniel estava determinado a desmascarar Alfredo ou IB.

— Não basta nos condenar à morte, ainda tenho que levar desaforo deste jornalista tendencioso? – protegeu-se o homem, sem crer que havia sido desmascarado. — Ora, vocês não acreditam nele,

acreditam?

— Quem não deve, não teme, não é, Alfredo? Por isso, dê uma olhada no bolso do seu terno.

— Não há nada aqui – respondeu o homem, ainda insultado pelas acusações, até encostar em algum objeto no seu bolso. — Espere... não é o que vocês estão pensando.

O jornalista se aproximou para confrontá-lo.

— Não queria acreditar que se entregaria daquele jeito, assumindo sua culpa como mandante no assassinato de seu próprio pai, até lembrar que o *Bugiardo* gostava de enganar as pessoas, mentindo para elas várias vezes. Quem foi a primeira pessoa a constatar que estávamos trancados? *Você*.

— Sim, fui eu, mas...

— Depois lembrei-me do momento em que Enzo morreu. Você se afastou rapidamente e, depois, apareceu como se estivesse preocupado com o corpo – relatou Daniel, refazendo o passo a passo do vil IB. — Também era você quem se afastava nos momentos em que as luzes eram apagadas, mexia no quadro de fusíveis, desregulando a energia. Não seria muito difícil atirar em um alvo como Rodrigo Mancini, já que se lembrava da posição dele, não é? Graças ao seu treinamento militar que facilitou tudo.

— Como sabe que servi ao Exército? – quis saber Alfredo.

— Enzo tinha uma ficha do passado de vocês e me deu para investigar quem seria o real IB – explicou o jornalista. — Senhorita Bianca Ferrari, seu marido morreu tentando desmascarar o monstro que nos encarcerou por toda esta maldita noite.

— Você não está falando coisa com coisa – urrou o milionário em desacordo. — Qual motivação eu teria para matar Enzo Brignani?

— Enzo sabia de seu segredinho sujo. Por isso, você foi abrindo caminho, matando todos que tinham algo a ver com a história da morte do seu pai. Primeiro, os seguranças de Luiz Barros porque tentaram entregá-lo. Depois, Eduardo Bridi, pelo mesmo motivo. Delegado Leonardo Schneider por me ajudar a tentar pegá-lo, assim como o ex-prefeito Luiz Barros, depois de tê-lo tirado da prisão. Sem falar na tentativa de homicídio contra mim.

— Mas nem o conheço, seu imbecil!

— Sou o jornalista que estava investigando tudo – apresentou-se Meirelles em sua verdadeira ocupação.

— Conheci todas as suas vítimas, vi você agindo, escondendo-se debaixo dos outros, IB.

— Como eu posso ser o IB, se ele disse que tem câncer? – argumentou Matarazzo, procurando buracos na

história de Daniel. — Nunca fui diagnosticado com isso.

— Basta prestar atenção. Você tirou o terno – disse, apontando para o homem. — Está suando, febril. Sua foto na ficha nem condiz com o você de hoje em dia. Raquítico, magro e esquelético. Em outras palavras, *você é o IB*.

— *Ah*, Daniel, nos poupe disso – tentava descredibilizar toda a trama. — Por favor, você é ridículo.

— Você é doente – gritou o jornalista. — Percebi que era você porque foi o único de rosto fechado enquanto os outros aplaudiam. Não que precisasse gostar de mim, mas, isso significava que não se sentia agradável pelo fato de não ter acontecido o desastre aqui.

O homem bufava com sua expressão derrotista. Mesmo com seu oponente fraco, Daniel notou que Alfredo reunia forças para lhe desferir um soco a qualquer momento. Rapidamente, o jornalista recuou, mas, ao invés de socá-lo, o ex-general sacou uma arma e a apontou para as pessoas ali presentes. Após perceber a movimentação, o delegado Félix tentou carregar sua arma a fim de avançar contra o homem, porém, este foi mais ágil e disparou na direção de Guilherme, que desabou com uma bala alojada no ombro.

— *Você ferrou comigo, agora, é minha hora de ferrar com você* – bradou o homem que, se fosse um desenho, poderia ser representado com labaredas de fogo emergindo de seus olhos, mirando todos. A partir daquele momento, os convidados queriam vê-lo morto ou preso. Ainda furioso por sua máscara ter caído, Alfredo disparou duas vezes contra Vialli, com a intenção de realmente matá-lo, enquanto agarrava Bralli, mantendo-o sob a mira de sua arma, chutando a pistola do delegado para longe. — Tentei dizer a vocês que não sou o IB! *E eu não sou!* Mas já que este maldito está tão empenhado em *ferrar* comigo, vou matar um por um até ter a certeza de que ele está morto.

— Pode parar de mentir, Alfredo! Sabemos que provocou isso – implorou Beatrice, encarando a face do verdadeiro monstro.

— Por quem vou começar? *Huh*, que tal você, jornalista intrometido? – gritou, apontando a arma para os participantes da festa. — Aproxime-se, venha receber sua sentença de morte.

Matarazzo forçou o jornalista a ficar de joelhos, prostrado perante ele. Com o cano quente da arma pressionado contra seu crânio, Daniel torcia por um milagre, afinal, poderia tentar revidar, mas uma reação assim somente culminaria em outras mortes, além da própria. Não havia muito o que fazer. Tinha entrado no jogo do IB, que ainda negava ser quem os fatos apontavam.

Tão obcecado em acabar com a vida do jornalista, o homem não notou Bralli esgueirando-se por trás dele. O velho general, querendo mais liberdade com os braços para executar Daniel, havia libertado

Guido pouco antes. Aproveitando-se da distração, o homem chamou IB pelo nome.

— Aí, Matarazzo, olha *pra* cá – falou, fazendo o homem virar-se de costas para Daniel.

Neste momento, o jornalista usou seu punho direito para desferir um golpe no esôfago de Alfredo, que largou a arma imediatamente. Aproveitando-se da chance, Maxwell chutou o rosto do ex-general com a sola do seu sapato de garçom – gasto durante toda aquela maldita noite -, derrubando Alfredo ao chão, que se contorcia de dor.

Contemplavam o ato heroico de Daniel e Maxwell, responsáveis – literalmente – por tê-los libertado da pesada mão vingativa de Alfredo Matarazzo. Ao mesmo tempo, o barulho das portas sendo arrombadas pelo lado de fora irromperam o local. Durante toda a ação, Max conseguiu desligar o bloqueador de sinal, que atrapalhava a comunicação dos convidados.

Finalmente o pesadelo havia acabado, e eles iriam embora daquela mansão. O mito do IB tinha sido desmantelado por um jornalista e um detetive suspenso da Polícia Federal, que também desmancharam o esquema de corrupção da própria cidade e descobriram os responsáveis pelos assassinatos de Roger Matarazzo e outros diretamente ligados ao caso.

## Capítulo 31

Alguns minutos depois, os policiais e a imprensa tomaram a frente da mansão, ansiosos por informações. Saindo da normalidade, não havia muitos curiosos devido ao isolamento da grande propriedade de Enzo Brignani, distante da zona central de Ribeirão Freire. Todos saberiam, de qualquer forma, no exato momento em que os jornalistas se aproximassem com suas câmeras, celulares e gravadores, cobrando respostas e correndo, em seguida, para suas respectivas redações, em busca da manchete de maior repercussão possível. “*Mansão sangrenta*”, “*Massacre na festa*”, “*Comemoração dos horrores*”, e vários outros títulos corriam por aquelas mentes alucinadas em causar o máximo de choque no leitor.

Enquanto isso, ambulâncias e carros do necrotério ocupavam silenciosamente o terreno. O saldo daquela festa tinha sido de três mortos, um baleado, e outros com cicatrizes perenes causadas pelo tamanho terror vivido naquela mansão, onde ficaram trancafiados como pássaros comercializados ilegalmente.

Diante de todos os acontecimentos e revelações feitas, todos seriam detidos para investigação, exceto Bralli. Com toda a sua surpresa diante da acusação de IB, como se realmente nada tivesse a esconder,

decidiram não indiciar o executivo pelo suposto crime de desvio de dinheiro. Por alguma precaução, os dois heróis do caso estavam sentados na traseira da ambulância, recebendo o atendimento por causa de algumas cicatrizes, que nem haviam reparado no momento em que seus sangues ferviam com a situação. Na soleira da porta do veículo, observavam toda a movimentação como se encarassem um grande mar.

— Olhe esta cena – comentou Maxwell, cutucando o amigo com o cotovelo. — Lembra a você alguma coisa?

— Qualquer tipo de filme de ação com luta no final, talvez. *Clichês*. – Sorriu. No fundo, estava aliviado por tudo aquilo ter acabado.

— Não estrague com suas críticas, por favor – reclamou o detetive.

— *Tá reclamando de críticas?* – brincou o jornalista. — *Aí vai um elogio: belo chute.*

Procurando não se inflar com o elogio, Max tentou minimizar.

— Poderia ter sido melhor.

— Foi suficiente para impedir que eu terminasse com uma bala no meio da testa – explicou o complacente Daniel Meirelles. Era o seu jeito de dizer “*obrigado*”.

— Bem, era o que eu lhe devia, depois de quase ter feito isso com você, não é? – retrucou, gargalhando e lembrando da sua tentativa de homicídio contra o amigo tempos atrás. Daniel sentiu falta de momentos de piada entre os dois por muito tempo, desde que toda a tragédia aconteceu.

Ambos voltaram a encarar o horizonte que anunciava o amanhecer saindo por trás da suntuosa construção, às cinco e meia da manhã, provocando um cenário quase utópico.

— Seu pai estaria orgulho se visse o quanto o filho lutou por aquilo que importava para ele - recordou o jornalista de toda a motivação para tal situação.

— *Ah*, por falar nisso, olhe aqui – falou Maxwell, puxando o distintivo de dentro do terno. Havia sido restituído ao seu cargo como detetive no Departamento da Polícia de Ribeirão Freire.

— Meus parabéns! – Meirelles congratulou o amigo. — Cansou da vida de detetive particular?

— Isso não é *pra* mim – respondeu, guardando o objeto no bolso. — Exceto em ocasiões especiais.

— Olha só, os caras responsáveis por salvarem a minha vida – exclamou Bralli, aproximando-se dos dois com os braços abertos em sinal de satisfação. — Detetive Schneider, será que posso conversar com seu amigo rapidinho?

— Claro, claro. — Acenou positivamente com a cabeça o detetive.

Com um gesto, Bralli pediu gentilmente que o jornalista o acompanhasse para que conversassem a sós. Passaram pela lateral da mansão, longe de toda a movimentação que incluía perícia, coleta de depoimentos e outros pormenores usuais de uma cena de homicídio. Além das três mortes já sabidas, descobriram que os três capangas do IB também morreram em uma troca de tiros com a polícia, depois de terem assassinado os seguranças fiéis de Enzo Brignani, convertendo tudo em uma verdadeira chacina.

Caminhando junto ao executivo, que ainda permanecia mudo, Daniel pode perceber que a construção havia sido feita numa colina, permitindo uma grande visão da cidade de Ribeirão Freire. Provavelmente sabendo disso, Enzo mandou construir uma espécie de praça pequena com uma bela fonte, adornada com rosas em um canteiro, acrescentando um toque bastante peculiar.

O jornalista começou a estranhar o quanto Bralli andava e fixava o cenário, ignorando sua presença ali. Entendeu que, pelo jeito, Guido gostaria de falar apenas quando estivessem na praça, talvez por causa do conforto. Alguns passos depois, e estavam lado a lado. O executivo ainda olhava para o sol nascendo, almejando seu alvorecer, tentando se incluir como parte daquilo.

— Não acho que exista fenômeno maior que o nascer do sol, Daniel — quebrou o gelo o homem, ainda contemplando o horizonte. — Concorda?

— Claro. Excepcional — disse, tentando mudar de assunto e focar no que realmente importava. — Mas, afinal, por que me trouxe aqui?

— Bem, vim agradecê-lo — respondeu o baixote, olhando para o lado de modo benévolo. — Por ter me dado mais uma oportunidade de viver, de não ter sido assassinado, caso Beatrice disparasse aquela arma. Não a culpe, a posição dela é compreensível. Também ficaria naquele estado se presenciasse a morte de meu cônjuge.

— Disponha, Bralli — ofereceu sua ajuda o jornalista. — No que precisar de mim, basta dar um toque.

— Tudo bem. Tome meu cartão — disse o homem, puxando um cartãozinho de papel do bolso. Entregou-o ao jornalista que, checando os dados, inclusive o nome do homem, percebeu que este lhe chamava a atenção.

— *Guido Bralli. Guido Bralli, Bralli, Bralli...* nunca ouvi sobre este sobrenome. Como é a sua família, senhor Bralli?

— *Ah, não tenho família* — revelou o homem. — Sou órfão. Minha mãe morreu jovem de desgosto pela morte do meu pai. Sou fruto de um relacionamento proibido, e ele morreu por causa disso. Me mandaram para um orfanato, onde fui adotado por uma família com um pouco mais de condição financeira. Cresci e

estudei até chegar aqui. E poderia ter morrido dentro daquele salão maldito, mas você não deixou. Mais uma vez, obrigado.

— Mais uma vez, de nada, Bralli – reiterou a mesura. — Mas só por curiosidade, há quanto tempo seu pai morreu?

— 20 anos – falou pausadamente, como se a perda ainda lhe provocasse dor. — *Longos 20 anos.*

— Estamos falando de Roger Matarazzo, por acaso? – suspeitou Daniel.

— *Do Roger?* Não, não, que ridículo – respondeu, rindo um pouco, apesar da mágoa sentida. — Apenas uma coincidência. *Uma infeliz coincidência.*

— *Ah*, tudo bem – comentou Daniel, dando as costas e se preparando para ir embora, quando Bralli lhe chamou a atenção novamente.

— Mesmo assim, ainda bem que os assassinos deste infeliz empresário estão presos ou mortos – exultava em sua quietude o ponderado Bralli. — Amém, Deus é justo.

Segurando aquele cartão de papel laminado que, quando agitado, quase fazia um holograma, Daniel voltou a fitar o nome. Começou a relembrar os livros que lia e dos jogos de palavras que fazia só ou com seus amigos. Anagramas sempre lhe chamaram a atenção, por isso, volta e meia perdia-se em pensamentos, tentando fazer combinações engraçadas e estranhas com o nome dos outros ou com palavras encontradas no dia-a-dia. E, a cada momento, o nome *Guido Bralli* prendia mais a sua atenção, sugando-a para si. *Guido Bralli*. Bastava uma embaralhada para montar a sentença em italiano. O sangue fugiu de sua face quando reparou que, mexendo com as letras, Guido Bralli se tornava *Il Bugiardo*.

— Sim. Ele é sim – retrucou Daniel, tentando sair dali o mais rápido possível ao perceber que tinha sido atraído para uma cilada mortal. Finalmente encarava o verdadeiro IB, e aquilo tirava seu pensamento de sair de lá com vida. Nem reparou que Bralli notou algo de errado com o jornalista.

— Não sei o que deu errado, Daniel. Como pude errar aquele tiro? Era tão simples, tão fácil! Você era um *cara* acessível à minha frente, prostrado. *Como pude errar?* – recriminava-se o homem, sacando uma arma e a apontando para o jornalista.

Aquilo estava virando um círculo vicioso. Nunca tinha visto tanta pistola o almejando como um destino em potencial. Encostando o cano nas costas de Daniel, Bralli virou-se vagarosamente, de modo que sua vítima ficasse de costas para o sol. Poderia matá-lo enquanto contemplava toda a poesia que envolvia o nascer da manhã.

— Então foi você quem atirou em mim no hospital – concluiu Meirelles.

— É do meu feitio mentir, meu caro Daniel. *Ou se esqueceu?* – perguntou o homem, achando graça naquilo. Sentia prazer em ser um sádico. — Quase não o reconheci nesse disfarce. É estranho vê-lo sem barba, nem nada. Por que simplesmente não morreu? Duas vezes. Duas vezes e falhei! *Que droga!* Sabe de quem é a culpa? Sua, Daniel. Você está atrapalhando meu perfeccionismo.

— Você conseguiu – parabenizou o jornalista ao seu oponente. — Enganou todos, caímos como patinhos na sua lábia de inocente, seu bastardo.

— Seria cômico, se não fosse trágico – comentou o ser vil e desonesto. — Aliás, de quem acha que está falando? Cuidado com a insolência, senhor Meirelles, afinal, é tão mentiroso quanto eu. Tenho que admitir que simular sua morte foi uma ideia brilhante, sua e do detetive Schneider. É bem verdade. Mas, não podia deixá-lo sair impune depois de tanto me atrapalhar nessa história.

— Por quê? – inquiriu o jornalista. Precisava saber o porquê de tudo aquilo antes de morrer. — Por que o Luiz? Por que o delegado? Por que Bridi? Por que matar todos eles, assim como fez com Enzo e Mancini?

— *Vingança.* Foram esses os malditos que acabaram com a minha vida. Enzo mandou matar meu pai porque ele havia engravidado a minha mãe na época – discursou com ódio. — Ela morreu porque assassinaram o Roger, e eu não aguentava vê-la definhar na cama. Foram esses malditos os culpados. Enzo por encomendar o crime junto ao Alfredo, os dois vão pagar por seus pecados. Luiz também sabia e cedeu todo seu apoio aos Brignanis, já que meu pai era oposição à tirania imposta pelos Barros neste inferno de cidade. Bridi porque, bem, você deve saber. Ele que fez o trabalho sujo.

— Mas o que o delegado Leonardo tinha a ver com isso?

— Ele protegeu! – bramiu, esmurrando o ar. — Protegeu-os depois de um grande suborno. Brignani e Alfredo ofereceram uma bolada *pra* ele testemunhar contra o Bridi. Mancini também estava metido nisso, era o advogado desses porcos filhos da mãe.

— Como você conseguiu fazer tudo isso, afinal? – interrogou.

— Na festa foi bem simples – vangloriou-se o vilão. — Apenas cheguei ao escritório do Enzo e coloquei em prática meus conhecimentos médicos. Enfiei a agulha na veia dele, metendo ar na corrente sanguínea daquele bastardo. Também tranquei vocês lá dentro e deixei a chave no bolso do Matarazzo, sem que aquele imbecil percebesse. Havia um fundo falso no meio da sala, onde escondi o corpo do Enzo. Nunca houve voz alguma ou qualquer gravação naquela sala. Acho que vocês não perceberam que, durante todo aquele tempo, estive distante, em um falso pânico, para controlar o programa de voz com um pequeno console na minha mão. *Meu Deus*, como são tão burros!

Ainda havia algo que Daniel não conseguia entender.

— Mas o Alfredo disse que tinha feito tudo aquilo e....

— Não! – interrompeu Bralli. — Convenci-o. Contatei Alfredo dizendo que poderia fazer todas as acusações contra ele desaparecerem, mas foi tudo para enganar os culpados, matá-los e vê-los pagar pelo que fizeram com meu pai. Até mesmo o Vialli, maldito piloto. Alfredo pensou que aquele mentecapto era eu, que ultraje! Enganei vocês o tempo todo. Eu sou o *Bugiardo*.

— Mas, por que se vingar? – perguntava, já se tornando pedante daquele modo. — Por quê?

— Sou um homem de saúde debilitada. Por que acha que eu suava direto? Culpa deste maldito câncer! – reclamou novamente, batendo em sua cabeça com força, culpando-se. — Assim como essa minha magreza horrível. Tudo culpa desta maldita doença. E, sinceramente, que se dane o tratamento. Apenas tinha uma missão nessa terra, fazer justiça com as minhas próprias mãos para colocar um fim na vida desses desgraçados.

— Tudo bem, Bralli. Você venceu, você conseguiu – conformou-se Daniel, entregando os pontos, afinal, não tinha para onde correr. Estava sob a mira de uma arma. — Me pegou. Agora, você vai me matar? É assim que tudo acaba?

— É realmente da sua conta, abelhudo? – pronunciou rispidamente. — Não se meta no seu destino. Podia ter ficado do lado de fora, fingir que nada tinha acontecido, mas você tinha que avançar sobre a história como um urubu, não é? Maldito! De joelhos. Agora!

Daniel teve uma boa visão da casa em que os últimos acontecimentos foram revelados. Não era um modo ruim de se morrer. Havia cuspidado na cara da morte várias vezes e, finalmente, teria seu fim de uma vez por todas. A vingança de Bralli estaria consumada, mandando mais uma alma para o além assim que os pulmões do jornalista parassem de exalar o ar vital.

## Capítulo 32

O jornalista fechou os olhos, pronto para seu final, quando sentiu uns raios de sol invadirem seu olho esquerdo, sem que Bralli percebesse. Ali estava mais um lampejo de esperança. O último.

— Últimas palavras? – pediu o homem ponderadamente. Queria manter a calma até em uma execução.

— Claro que tenho – respondeu, mostrando os dentes brancos de ponta a ponta e provocando estranheza e espanto em Bralli. — Na verdade, quatro palavras. *Cuidado com as costas*.

— *Hã?*

Quatro tiros foram disparados. Temendo pelo seu futuro, Daniel fechou os olhos com força. Pouco depois, abriu-os, julgando estar morto, mas encontrou os olhos de Guido, que não continham mais fúria. Pondo-se de pé, o jornalista virou-se vagarosamente para encarar quem havia posto um fim na vida do IB. Apenas conseguiu enxergar as costas do homem perfurada pelos projéteis, o sangue emanando dela em seus horríveis ferimentos abertos. Caindo para o lado logo depois, Meirelles deu graças a Deus por alguém ter visto toda a cena.

O branco rosto de seu salvador ainda estava ofuscado pelo sol, por isso, Daniel não pode reconhecer imediatamente as feições da detetive Clara Andrade, segurando uma arma com silenciador, numa pose de poder enquanto seus cabelos esvoaçavam com a doce brisa que repousava sobre os verdes campos da cidade de Ribeirão Freire. Ao ver a situação agonizante de Bralli, o repórter se aproximou, ajoelhando-se perante seu atormentador.

— Achei que precisaria matá-lo para consumir minha vingança, mas, no final das contas, se não fosse você, não teria feito justiça – recitou Guido, cuspidando sangue devido aos ferimentos expostos pelas balas que perfuraram seu pulmão.

— A vingança um dia voltará e o destruirá, assim como aos quais você *ferrou*. Nunca saberá o que é justiça, seu maldito. Você é tão ruim quanto a raça que repudia! Descanse em paz, já que é a última coisa que lhe resta, infeliz – bradou Daniel em um sermão revoltado contra Bralli, que expirou pela última vez após aquela sentença.

Por pura educação, coube a Meirelles cerrar os olhos do cadáver que tanto havia atormentado os vivos por um longo tempo. Enfim, o mito do IB estava encerrado e junto a ele, esvaia-se o legado de Guido Bralli, o executivo mais brilhante que as Indústrias Brignani haviam tido, além do mais caótico, sádico e doentio criminoso que já teve a oportunidade de viver na terra, segundo a opinião do jornalista responsável por findar aquilo. A detetive aproximou-se conforme Daniel se erguia para ir embora, após ter checado a ausência dos batimentos no pulso do homem.

— Como soube que eu estava correndo perigo? – indagou o jornalista confuso pela aparição da detetive num canto tão remoto da mansão.

— Queria conversar com você, quando vi esse cara o chamar. Ia deixar *pra* lá, mas, no momento em que

ele abriu os braços, vi uma arma e imaginei que não era boa coisa. Segui vocês, até vê-lo prestes a matá-lo – explicou a detetive.

— Bem... obrigado – agradeceu Daniel.

— *Mais nada?* – perguntou ela, sentindo falta de algo.

— Não tenho nada a conversar com você, Clara – respondeu o jornalista, dando as costas para a detetive e seguindo pela passarela que dava na praça, sem sequer olhar para trás.

— Daniel, desculpa – pediu Clara.

— Desculpar você? – falou ele magoado. — Você me traiu e justo com aquele delegado desgraçado! Como acha que me senti?!

— Olha, você tem todo o direito de ficar chateado comigo – disse a detetive triste. — Mas, precisa saber que tudo aquilo foi um disfarce.

— *Um disfarce?* – assombrou-se Daniel.

— Sim, sim. Estávamos aqui atrás de outra coisa – explicou a detetive mais animada, pois ganhou a atenção do amado. — Até parece que eu sairia com um cara como o Félix.

— Estavam atrás do quê, então? – inquiriu para saber até onde aquilo ia.

— Prender Enzo Brignani pelo envolvimento com o esquema de desvio de dinheiro – revelou. — Datas, contatos, tudo. Foi ele, Daniel, sempre ele.

— Talvez nem fosse, Clara – quis corrigir o jornalista.

— Como assim?!

— *Ah*, longa história – desconversou. Queria se afastar daquilo, afinal, estava exausto. — Depois eu conto.

— Tem algo relacionado ao morto ali? – perguntou Clara, apontando para o corpo de Guido.

Daniel queria manter o mistério e, junto, a amada para si.

— Bem, talvez sim, talvez não...

— Vai me contar tudo algum dia? – quis saber ela.

— Depende, ainda estou chateado com você – resmungou o jornalista, por mais que não se sentisse daquele modo. Queria provocá-la.

— *Que tal agora?* – perguntou Clara, chegando mais perto dos lábios inexpressivos do amado, dando-lhe um beijo curto, de poucos segundos, mas suficiente para fazer Daniel se perder naquele cenário tão lindo, exceto pelo cadáver ao fundo, junto a mulher da sua vida.

— OK, podemos repensar – disse com um sorriso no rosto enquanto andavam rumo à frente da casa de mãos dadas.

A partir daquele instante, tudo se tornou perfeito. Havia conseguido alcançar sua meta pessoal de desmantelar uma mente criminoso, além de fazer muito outros pagarem por seus crimes. Bianca foi deportada para a Itália, onde seria julgada pelo homicídio de seus três maridos. Nelita também teria o mesmo destino da cunhada, porém com uma pena menor porque seus homicídios não tinham passado de tentativas. Beatrice e os Morellis seriam julgados por formação de quadrilha e corrupção, pois tinham sido coniventes com toda a situação que envolvia as chantagens e desvio de dinheiro.

Quanto a cidade de Ribeirão Freire e seus habitantes, ficou tudo bem. Félix foi afastado para se recuperar do tiro no ombro, sofrido na fatídica festa. Maxwell, restituído ao seu cargo, estava literalmente em casa, trabalhando junto a Clara e Daniel. O jornalista ainda desempenhava seu papel como consultor externo, depois de muita pressão sobre o delegado para que permitisse isto. Ao final de tudo, Meirelles havia ganho o respeito do novo delegado da cidade, trabalhando ativamente com a polícia.

Ao final da situação, foi concedido ao jornalista uma semana de folga, porém, antes de se afastar temporariamente, Daniel preferiu escrever uma reportagem para a Gazeta, narrando toda a situação vivida naquela mansão, na forma de um artigo. Todos os cidadãos de Ribeirão Freire leriam a matéria logo na primeira folha do jornal, após a capa que trazia o massacre de um modo geral, abrangente.

O texto de Daniel era o relato de uma pessoa inserida no massacre, que conviveu com o horror daquela festa, e o jornalista nomeou seu artigo de “O Jogo do Enganador”.

# JOGO DO ENGANADOR

Não, isso que vocês estão lendo não se trata de um artigo póstumo. Aliás... “Oi”. É, sei que podem ter visto meu nome no obituário dias atrás, mas estou mais vivo do que pensam. Na verdade, precisei ‘morrer’ para estar aqui, escrevendo este artigo. Precisamente falando, morri várias vezes ontem até, finalmente, conseguir sair daquela maldita casa.

Como um canto sugestivo de uma sereia, aquela mansão lhe atrai para dentro de sua armadilha de veludo, onde você fica entorpecido pela beleza e nem consegue reparar na índole maligna daqueles que o cercam.

Inseri-me naquele meio pútrido apenas para concluir uma meta, um objetivo pessoal a mim incumbido, depois de alguns incidentes recentes. Tive a chance de olhar diretamente nos olhos vazios e sórdidos do monstro que provocou tudo isso. *Cínico, fingido e intrépido*. Capaz de convencer qualquer um com a atuação mais simplória possível. Sem a sua percepção, ele agarra a sua mente e faz dela um jogador de pebolim. Manipula você a todo momento para executar o que ele ordena, sugerindo tais coisas quase que telepaticamente, de modo subliminar, sutil, sem nem ao menos permitir que você note estar sendo controlado há muito tempo. Nessa brincadeira imaginária de pega-pega, você nem sequer tinha ideia de quem era seu inimigo ou amigo. Meus sentidos e minha intuição me traíram várias vezes até se afunilar no último e mais improvável vilão.

Batizando-se de IB ou *Il Bugiardo* – que significa “O Enganador” em italiano -, ouvi sua voz e suas exposições soprarem em meus ouvidos, como o algodão embebido em álcool até que a introdução da seringa o deixa atordoado, sem nem saber o que lhe atingiu.

Nas horas em que fui refém, imaginava o que levaria uma pessoa a fazer aquilo com o seu semelhante. Descobri que aquelas atitudes eram uma vingança. Ao final, sinto que ele venceu. Este maldito que mentiu e nos ludibriou, tirando a vida de três pessoas dentro daquela mansão – direta ou indiretamente -, provou para ele mesmo que, quando se está enclausurado, todos chegam ao extremo. Era isso que ele queria que acontecesse, que, por um lapso de tempo, todos provassem do sabor amargo de destilar o próprio veneno que ele jogava em nós, para usarmos uns contra os outros. Por vários momentos, vi aquelas pobres almas perdidas no máximo que podiam aguentar, preparando-se para acabarem com a vida daquele que, talvez mais cedo, ceasse com os convidados junto à mesa.

Ainda que repudie a figura responsável por tudo isso, não posso negar o brilhantismo e frieza que me fez criar um apreço inexplicável por ele. Um paradoxo composto pela admiração, nojo e repulsa que se apossam de mim. Mesmo agora, depois de tudo, creio que ele teve o que queria. A vingança foi

consumada. Seus semelhantes – considerados por ele como seus algozes – jazem junto a uma lápide ou estão tirando um sono leve e sofrido em alguma prisão. Numa partida de um jogo nada lúdico, sem vencedores, apenas o seu caótico criador saiu por cima.

Todo este tempo, tudo se resumiu apenas ao controle sobre-humano da vida, como um deus que retrai e suprime os desejos bondosos da alma dos que o seguem. Tenho a plena certeza de que neste tabuleiro gigante, apesar de ter saído ileso, nunca encontrarei em minha vida desafio tão surreal, gratificante, macabro e, ao mesmo tempo, verossímil como o meu oponente neste chamado “*Jogo do Enganador*”.

# PERIGOSAS - SIMI - Apollymi

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

JOGO DO ENGANADOR